

# Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Gerente—Marla Gonçalves Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1940

N.º 8

## ANIVERSÁRIOS

por Isidoro Duarte Santos

*Os aniversários que nesta data comemoramos são prova evidente de quanto vale a união ao serviço de qualquer ideal, muito embora as dificuldades se multipliquem e os recursos não correspondam à grandeza dos nossos planos.*

*Um ano de vida associativa, cheia de iniciativas e de propaganda, roubando às horas de descanso todos os minutos disponíveis para a construção da obra que se idealizou, representa esforço respeitável que nem todos os trabalhadores poderão, facilmente, avaliar. Não vos admireis, pois, de que estejamos em festa, de que demonstremos imenso prazer nesta hora de expansão fraternal, de que desejemos comemorar o acontecimento com certo relêvo, reunindo algumas memórias do passado que parecem mergulhadas em mar distante, encoberto pela neblina do tempo. Não vos admireis, porque estes dias são como pedras brancas no caminho longo e sinuoso que se vai palmilhando, de dia e de noite, sem intermitências, nem fadiga espiritual.*

*Os aniversários são motivo de júbilo, quando a obra é humana, quando o seu alvo paira acima das materialidades, das terrenas frioleiras, tanto em voga no mundo. A nossa obra*

*é desse género. Não cura de mundanismo, de interesses individuais, sempre destrutivos, sempre funestos, em causas que tendem à integral conquista do homem. A nossa obra, simples e modesta, dirige-se às almas e procura aliciar pela inteligência. Aqui reside o motivo do nosso trunfo. Não queremos gloriolas vãs e efêmeras que trazem germes negativistas, incompatíveis com os surtos grandiosos das nossas aspirações. Queremos tranquilidade de espírito, garantia de trabalho fecundo, certeza de atingir os cumes, a que conduz o Ideal Sagrado que nos impulsiona, na marcha para o Futuro.*

\* \* \*

*Um ano decorreu sobre a acção de meia dúzia de almas cheias de vontade. Um ano decorreu sobre mil ansiedades, mil vicissitudes, vividas intensamente e enfrentadas com espírito de sacrifício, só comparado à fé inabalável dos que se aventuraram a faina tão árdua de erguer um Centro Espírita, desenterrando-o das cinzas do pretérito, onde jazia, e trazendo-o para a luz meridiana do século, com espírito novo, pleno de seiva criadora.*



Momentos houve, em que as energias pareciam quebrantadas, exaustas, e o desânimo se apoderava dos lutadores. Não vos admireis desta revelação oportuna. É verdade o que vos dizemos. A intriga, a calúnia, a inveja, o ciúme, trabalharam, afanosamente, no sentido de alterar o ritmo do nosso esforço metodizado e as ameaças eram flechas ervaadas dirigidas ao baluarte que estávamos erguendo. Vivemos momentos de angústia e sofremos em silêncio tudo o que entenderam fazer em prejuízo moral do Centro Luz e Amor. Em troca, fazíamos preces pelos nossos maldizentes e impretrávamos o auxílio do Alto, que, aliás, nunca nos faltou, mesmo nos momentos mais difíceis.

A coragem acompanhou-nos sempre, como Cirineu inquebrantável. A ela devemos o êxito da faina empreendida. A cada golpe vibrado, respondíamos com um passo em frente, olhos no engrandecimento da Causa, dispostos a todos os sacrifícios para dignificar a Doutrina Espirita. É a viagem prosseguia, em passo acelerado... Os peregrinos juntavam-se às nossas falanges e o arroio transmutou-se em rio caudaloso, prestes a entrar no oceano... j Como nos é grato recordar essas horas inesquecíveis!

O edifício avolumava a olhos vistos e os cavouqueiros continuavam a cuidar-lhe dos alicerces. E cada pedra nova era promessa de consolidação, era certeza de vencer... E cada obreiro que espontaneamente acorria, vinha impregnado de crescente entusiasmo, disposto a animar os que se encontravam na trincheira...

Hoje, o Centro Espiritualista Luz e Amor está em pleno uso dos meios que o conduzirão aos seus objectivos.

\* \* \*

Este duplo aniversário, parecendo vulgar e simples, é, todavia, de significado diferente dos demais aniversários. Comemorar uma data é, geralmente, recordar o caminho andado e fazer votos pela continuação da obra, segundo o programa estabelecido. Mas o nosso aniversário, além de consistir nessa comemoração usual, comum a todas as festas semelhantes, marca o início de nova caminhada, com desígnios mais vastos, com intenções definidas, adequadas às necessidades da verdadeira propaganda.

É preciso chamar os centros e grupos espíritas da província e levá-los a participar da nossa cruzada, a interessarem-se pela difusão de seus próprios trabalhos práticos nas colunas de Estudos Psíquicos. Porque um centro deve pôr em acção toda a sua vontade, no sentido de atrair o maior número de adeptos, de concitar a atenção dos indiferentes e neutralizar os manejos dos adversários. Centro ou grupo que estratifique, que se deixe paralisar em face do comodismo geral ou parcial dos seus membros, entra no círculo das forças negativas, incapazes de acompanhar o progresso comum, que devemos auxiliar na medida das nossas possibilidades.

Os centros e grupos espíritas não podem circunscrever-se, não podem limitar-se à sessãozinha habitual, onde o guia se entretém em colóquios mais ou menos verosímeis; devem aproximar-se de Deus pela ciência e pelo amor. Devem, sobretudo, dar prioridade aos trabalhos demonstrativos da existência do espírito, como individualidade perene, bem como da sobrevivência, problemas de ontem, de hoje e de sempre, cuja solução representará o maior passo no campo dos conhecimentos humanos.

Estudos Psíquicos será o porta-voz de todos os centros e grupos espíritas que no-lo solicitem, estribados em fundamentos racionais, isto é, que pratiquem a doutrina, subordinados às regras preconizadas pelos investigadores de são critério. Àquêles que pratiquem Espiritismo intuitivo, orientados, apenas, pelos chamados guias, a quem obedecem sem raciocinar, não poderemos, infelizmente, dar o nosso apóio espontâneo e desinteressado, porque o lema desta revista é prestigiar o Espiritismo e concorrer para o seu progresso incessante, dentro de normas elevadas que se imponham a todos: adeptos, simpatizantes e adversários.

\* \* \*

O aniversário do Centro congloba o aniversário da revista. São duas entidades que trabalham paralelamente, que vivem do Ideal e para o Ideal, que se norteiam pelos mesmos princípios, que se aquecem ao mesmo fogo sagrado que irradia dos nossos corações em festa.

Estudos Psíquicos, que nasceu modestamente e modestamente pretende viver, adqui-



riu personalidade e responsabilidade próprias e não deseja afastar-se do programa que traçou, a não ser para o ampliar, para o tornar mais efectivo, de efeitos mais salutaros.

Nesta arena, todos os bons espiritas poderão ter armas leais, todos poderão erguer a voz em defesa dos nossos postulados.

Este primeiro ano de existência demonstra que se pode fazer propaganda útil, que se pode defender uma ideologia, sem atacar ninguém, sem usar de fraseologia duvidosa que ennegreça as ideias, sem recorrer a processos capciosos, indignos de pensadores firmes e honestos.

Estudos Psíquicos tudo fará para que a família espirita portuguesa volte a interessar-se pela doutrina.

Publicará o relato dos fenómenos que os núcleos espiritas trouxeram ao nosso conhecimento, desde que tenham o controlo de pessoas idóneas, devidamente esclarecidas. Numa palavra: esforçar-se-á por demonstrar a inteireza e superioridade do Espiritismo, sem amesquinhar outros credos, igualmente dignos de respeito.

Não se trata de coisa nova. Trata-se de alargar a influência dum órgão de propaganda, pela penetração constante de ideias sãs e regeneradoras nos grandes e pequenos aglomerados humanos.

Uma revista deve ser popular, deve viver com o leitor, deve auscultá-lo e guiá-lo e sugerir-lhe pensamentos elevados.

— A verdade vos fará livres — disse o Nazareno.

É em busca dessa verdade, que Estudos Psíquicos exerce o seu mister, que trabalha afanosamente, a fim de cumprir a sua missão.

Assim o tem reconhecido a plêiade de colaboradores que nos acompanham desde os primeiros tempos. Assim o tem reconhecido um sem número de confrades e amigos que de longe nos enviam saudações entusiásticas, em palavras de fé que não esquecem mais. Assim o têm reconhecido até os indiferentes que sabem compreender a eficácia dos nossos métodos.

\* \* \*

Este número de Estudos Psíquicos demonstra bem o interesse e o carinho que a sua orientação tem despertado nos centros e grupos espiritas portugueses.

Do norte ao sul, de leste a oeste, há milhares de corações amigos que vibram connosco e se dispõem ao combate leal, para que a Causa não morra e os bons elementos se não dispersem.

Estudos Psíquicos estará sempre convosco, prezados irmãos! Veiculará as vossas aspirações, propagará os vossos alvitre e relatará os vossos trabalhos. Será vosso órgão, já que nasceu para unificar toda a família espirita, afastando e destruindo os germes dissolventes que provocam a sizânia. Podeis contar com o seu apoio incondicional, com o seu conselho amigo, com a sua vigilância rigorosa. Fazemos questão de auxiliar as agremiações que vivem ignoradas e quantas delas produzindo obra de grande valor. Assim é que se deve fazer propaganda, assim é que se deve prestigiar a Doutrina que norteia os nossos passos.

Não é semeando ventos que se firmam ideias e, principalmente, ideias regeneradoras e salvadoras. É semeando paz, é interessando uns e outros no trabalho comum.

Estudos Psíquicos, o Centro Espiritualista Luz e Amor e os demais centros e grupos representados nesta cruzada espirita, saberão construir obra meritória e duradoira, que fique, pelos tempos fora, a atestar o esforço e a boa vontade dos seus elementos.

Eis, porque é de festa o dia de hoje. Eis, porque a nossa fé é cada vez mais forte. Eis, porque a esperança que sentimos é cada vez mais justificada.

---

## CHARLATANISMO

---

...Repetimos o que temos dito noutra emergência: É preciso colocar o charlatanismo fora da Lei e gritar, do cimo dos telhados, as excelências do Espiritismo. Quem se abalançar a esta empresa bem merecerá da sociedade.

Temos que rehabilitar a palavra, profanada por tantos energúmenos, sem responsabilidade moral, nem intelectual. Porque o Espiritismo é uma doutrina excelsa, mais que suficiente para regenerar os maus e trazer os cépticos ao bom caminho.

Propaguemo-lo sem desfalecimentos e não deixemos de auxiliar as autoridades no saneamento que é necessário fazer-se, quanto antes.

Apontar os hipócritas é salvar os fracos que não têm coragem para afastar as péssimas sugestões... E o Espiritismo não pode continuar à mercê duma súcia de ambiciosos que lançam mão dos mais vergonhosos expedientes para conseguir os seus fins duvidosos.

I. D. S.

(De O Mensageiro Espirita)



# O FACTO ESPIRITA

pelo coronel Faure da Rosa

I

PAUL Courquin, numa notável conferência que, há anos, efectuou na *Maison des Spirites*, em Paris, disse que há quem considere o Espiritismo uma religião, mas que tal opinião não aquece nem arrefece. O que importa é que os espiritistas não aceitem o facto espirita sem o discutir. De contrário — se tudo aceitarem sem raciocinar — irão cair nos dogmas



CORONEL FAURE DA ROSA

em que se baseiam tôdas as religiões. E, então, cedo ou tarde os espiritistas terão que submeter-se à autoridade dos sacerdotes da nova religião e à dos novos «doutores» da lei espirita. Serão mais uns tantos rebanhos de cegos a apascentar por «cegos condutores de cegos».

O raciocínio humano não pode ser considerado objecto de simples ornamento. Temos o dever de o utilizar, sem que tenhamos o direito de o subordinar, servilmente, ao pensamento alheio.

Para bem compreender a produção do fenómeno espirita é preciso — antes de mais nada — conhecer a diferença entre *personalidade* e *individualidade* (1).

Tôda a criatura humana tem duas consciências distintas, — explica Aksakof: a *consciência interior*, que é individual, e a *consciência exterior*, que é sensorial. A personalidade de cada um de nós, resultante da consciência exterior, não pode identificar-se com o *Eu*, que pertence à consciência interior. Por outras palavras: aquilo a que comumente chamamos *nossa consciência*, não é o mesmo que o nosso *Eu*. Há que distinguir a *personalidade* da *individualidade*. A pessoa resulta do organismo, e o organismo não é mais que o resultado temporário do princípio individual transcendental. A experimentação, tanto sonambúlica como hipnótica confirma esta asserção. Logo que a personalidade, ou a consciência exterior, adormece, outra coisa surge: *outra coisa* que pensa e quer, que não se identifica com a personalidade adormecida; antes tem maneiras próprias, maneiras características de se manifestar. Para nós é uma individualidade que não vemos, que não conhecemos. Mas ela, essa *outra coisa* que surge, conhece a pessoa que dorme e até recorda acções suas, pensamentos seus.

É este núcleo interior, este princípio individual que sobrevive ao aniquilamento do corpo físico. Tudo o que pertence à personalidade terrestre, não é mais que um caso de memória. É esta a chave da compreensão do facto espirita.

«Ora, se o indivíduo transcendental que reside no espírito — escreve Aksakof — se manteve unido ao corpo durante a manifestação fenomenal — como se verifica — é lógico admitir que, depois da desagregação do corpo, a mesma manifestação possa renovar-se por intermédio dum organismo humano acessível às impressões de ordem transcendental».

Por outras palavras: as comunicações dos desencarnados são possíveis, quando a faculdade mediúnica de certos vivos na Terra se ajusta à capacidade psíquica do desencarnado.

As manifestações do Além que tenham por fim o reconhecimento, a identificação da personalidade ter-

(1) Aksakof: *Animisme et Spiritisme*, p. 535.



restre do manifestante, só são realizáveis por um esforço de memória que reconstitua os modos da personalidade terrestre.

Note-se, porém, que esse esforço vai-se tornando de mais em mais dificultoso, porque a recordação da personalidade terrestre deve, com o decorrer do tempo, ir-se apagando cada vez mais. Isto significa que a individualidade persiste e que a personalidade desaparece.

«É por este motivo que a identificação dos espíritos comunicantes é de capital importância para o Espiritismo: é a sua pedra de toque. É por este motivo que os casos provados de espíritos comunicantes identificados, são muito raros. Por este motivo, resulta que tais casos são mais ou menos defeituosos ou não contêm senão alguns passos merecedores de apreço — verdadeiramente característicos — passos que a memória evoca com o único fim de identificar a personalidade. É ainda por este motivo que se explica que casos deste género se reportem a uma época mais ou menos próxima da morte. Finalmente, é também por este motivo que as comunicações mediúnicas não podem dar-nos nenhuma noção razoável, nem do mundo espiritual nem dos seus habitantes.

«Nós não podemos fazer a menor ideia do mundo transcendental. Devemos ter sempre presente esta verdade.»

Aksakof entende que, se recebermos uma comunicação mediúnica que forneça elementos indubitáveis da personalidade comunicante, temos o direito — depois de eliminar todas as causas de erro possíveis — temos o direito de atribuir a comunicação à origem a que a própria comunicação afirma pertencer.

«Na realidade, nós não sabemos nada de concreto do que seja um «espírito», quer o espírito seja aquele que acreditamos animar o corpo, quer seja o que acreditamos sobreviver-lhe. A concepção vaga que temos dum «espírito», vem-nos duma outra causa de confusão que se manifesta, quando se trata de Espiritismo: a ideia que nós fazemos de tempo e de espaço condiciona, involuntariamente, a própria ideia dum «espírito». Nós aceitamos como lógico que um espírito exista fora do tempo e do espaço, e, ao mesmo tempo, damos-lhe um corpo, uma forma; isto é, damos-lhe atributos que dependem, necessariamente, do espaço e do tempo».

À primeira vista, parece uma contradição flagrante. A crítica vale-se até dessa contradição aparente para trocar da doutrina espírita e das suas manifestações.

Como, porém, um espírito não pode deixar de ser uma entidade individual dotada de inteligência e de vontade, facilmente se compreende que desde o momento que a entidade se manifeste de novo no plano

terrestre, necessariamente também, tem de se revestir da forma humana terrestre.

Quando o facto espírita fôr aceito, a filosofia deverá concluir, não que existe um mundo *sobrenatural* constituído por indivíduos *sobrenaturais*, mas que há um mundo de percepções transcendentais pertencente a uma forma de consciência também transcendental.

\* \* \*

Os biólogos de todos os credos afirmam e demonstram o facto da evolução.

É conhecida a tese defendida pelo Espiritismo: «Da rocha ao verme e do verme ao homem». Contentemo-nos com a rocha como causa primeira, e, assim mesmo, já é alargar muito os limites da inteligência humana.

Os milhões de anos que teriam decorrido para atingirmos a apregoada civilização de hoje, é averiguação que, por ora, pelo menos, não cabe nas possibilidades do homem.

«Os mais recentes trabalhos de sábios investigadores dizem que os restos humanos fossilizados da época quaternária encontrados numa caverna do Vale do Neander (Prússia), provam a existência duma raça humana primitiva a que deram o nome de Neanderthal. Mais tarde, encontraram-se esqueletos completos desta mesma raça em Le Moustier, no sul da França, donde derivou o nome de homem «mousteriano». Outros restos da mesma raça foram encontrados em Gibraltar (Espanha), em Krapina, na Áustria, e na Palestina, o que demonstra, evidentemente, — deduz MacBride — que esta raça teve grande expansão (1).

«Dêstes fósseis concluiu Huxley que o homem Neanderthal era o meio termo desconhecido entre o homem e o macaco, mas os esqueletos completos de Moustier mostraram que os fémures eram curvos, o que indica que os homens mousterianos não se mantinham completamente direitos».

Aparece, depois, num rio de Java (Índias Neerlandesas), o «Pithecanthropus», e na China foi encontrado o homem fóssil — o «Sinanthropus Pequienensis» — o qual tinha notáveis afinidades com o de Java.

A descoberta original dos fragmentos dos maxilares do Sinanthropus deve-se ao Dr. Davidson Blake, que foi quem deu o nome de «Sinanthropus Pequienensis» a esse representante de mais uma antiquíssima espécie de família humana que, presume-se, tenha vivido há mais de um milhão de anos (2).

(1) E. W. MacBride: *Sobre a evolução*.

(2) «The Illustrated London News»; Londres, 9 de Janeiro de 1937.



Nada se sabe acêrca da alimentação do homem primitivo de Java — o *Pithecanthropus*; mas alguma coisa se conhece do *Sinanthropus*.

Encontraram-se instrumentos de pedra, cinzas, fragmentos de restos de comida dêstes antiqüíssimos habitantes das cavernas. A sua habilidade técnica revela-se nas lascas de quartzo, outros tantos instrumentos que serviam para cortar e polir. As cinzas arrumadas a um lado da caverna, provam que já, então, usavam o fogo e que a mulher de Pequim preferia juntá-las a varrê-las para o exterior. Nêsse montículo de cinzas fizeram-se várias descobertas: Pedacos de lenha mal queimada foram identificados com plantas semelhantes, ainda hoje existentes nas regiões do Norte da China e em outras terras de clima frio e sêco. Os ossos indicam que assavam pedacos de carne. Havia também grande número de sementes ou cascas de sementes, semelhantes a ervilhas, circunstância que parece indicar que o homem primitivo já conhecia a alimentação frugívora.

A embriologia veio, a-final, demonstrar que o homem descende do corpo duma criatura muito semelhante ao macaco. Porque a criança, antes de nascer, tem, indiscutivelmente, o principio de uma cauda, e, quando nasce, os braços são tão compridos como as pernas. Os punhos são fortes, ao passo que as pernas são fracas e curvas; as plantas dos pés, arqueadas para dentro, são absolutamente incapazes de sustentar o pêso do corpo. Quando a criança começa a andar — cêrca de um ano de idade — tôda a sua attitude se assemelha, de modo surpreendente, à de um macaco superior. As pernas ainda estão arqueadas, o passo é vacilante e os braços fazem ângulo recto com o tronco, como os braços de uma balança. De facto, a criança de um ano poderia quási dizer-se uma larva de macaco. (MacBride).

A-pesar-de tudo, os sábios entendem que o *Sinanthropus*, ou o homem de Pequim, não deve considerar-se como antepassado directo do *homo sapiens*. Preferem considerá-lo representante de um tipo colateral.

«Não obstante o seu andar cambaleante» — escreve Mac Bride — é fora de dúvida que os homens primitivos fabricavam utensílios e enterravam os seus mortos com os instrumentos de que se serviam em vida. Todos os antropologistas concordam que tal costume implica a crença na sobrevivência da alma após a morte do corpo.

«É incontestável — conclue MacBride — que a crença na realidade da sobrevivência da alma é uma parte fundamental da equipagem mental humana; e, assim, tem sido desde o principio. Embora ocasionalmente suprimida, essa crença, lá está sempre no subconsciente, profundamente oculta nos recessos do nosso ser».

# UM ANO

por Manuel Tavares

**É** já decorrido um ano, depois que o *Centro Espiritualista Luz e Amor* reabriu os seus braços para acolher em seu seio os homens de boa vontade que acreditavam, e acreditam ainda, ser possível realizar a união fraternal da família espirita portuguesa, manter o prestígio do Espiritismo e continuar o progresso do mesmo.

Um ano — mesmo na vida terrena — é um pequeno espaço de tempo que passa quási despercebido, quando, dentro dêle, não houve um acontecimento invulgar a assinalá-lo.

Este aniversário, porém, pelo êxito obtido com a reabertura do nosso Centro, pelo número de sócios até agora inscritos, pelos trabalhos nele realizados, tais como: conferências de estudo e de propaganda, passeios de confraternização, festas culturais, sessões espiritas gerais e de grupos autónomos, pela inauguração de sede própria, pela expansão da revista *Estudos Psíquicos*, pelo prestígio que ela tem adquirido, não só no continente, mas também no estrangeiro, pela *élite* de várias personalidades que nela têm colaborado, pelo auxílio financeiro que em ocasiões difíceis inesperadamente surge, pelo grupo de verdadeiros amigos que o Centro conseguiu cativar, em virtude do profíquo trabalho realizado até agora, por isto tudo, dizíamos, este aniversário não pode passar despercebido a quem se interessa pelo Espiritismo e muito menos ao próprio Centro Espiritualista Luz e Amor.

É que se torna difícil fazer-se tanto em tão pouco tempo. Só um auxílio invisível poderá justificar o esforço dispendido para tal fim e êsse auxílio não lhe teria sido certamente dado, se não tivesse havido boa vontade, sinceridade e desinterêsse material por parte dos que têm empregado êsse esforço.

«Pelos frutos se conhece a árvore».

Os frutos colhidos até ao presente têm sido bons e é por isso que o Centro Espiritualista Luz e Amor, bem como o seu porta-voz, estão neste momento em festa, comungando em espírito com todos os nossos irmãos em crença, oferecendo a todos, sem distinção de espécie alguma, o seu mais fraternal abraço e dirigindo-lhes o seu mais veemente desejo de **Paz e Saúde**.

---

Aquêle que consagra a vida ao aperfeiçoamento espiritual não pode estar descontente, porque o que êle deseja está sempre em seu poder.

Pascal



# Espiritofobia protestante

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

## II

Nosso primeiro artigo da série que nos propusimos escrever acerca do opúsculo publicado pela Livraria Evangélica, de Lisboa, intitulado «Espiritismo — uma experiência pessoal e um aviso», tradução de Eurico de Figueiredo, analisámos o conteúdo do primeiro capítulo. Continuemos a nossa tarefa através da sua prosa protestante, para nos elucidarmos como Mr. Kernahan encara os problemas psíquicos, hoje tão discutidos em todo o mundo, mas também muito deturpados pelas conveniências e interesses ocultos duns tantos sábios...

No segundo capítulo, Mr. Kernahan conta-nos como se lhe proporcionou a ocasião de assistir à única sessão espírita, e descreve-nos as impressões lá colhidas.

A-pesar da entidade manifestante lhe ter provado certos factos particulares que só elle conhecia, nada disso o convence da realidade espírita e, com o comodismo vulgar de todos os inscientes e orgulhosos de ciência balôfa, relega todos os fenómenos observados na sessão para o *reservatório* justificativo de tudo o que se não sabe explicar: o subconsciente e a telepatia. São d'ele estas palavras:

«Os factos eram do meu conhecimento particular, e o médium teve conhecimento d'elles por um fenómeno de transmissão de pensamento».

Como se vê, é uma maneira cómoda e viável de negar os fenómenos, ainda que a sua verosimilhança seja indiscutível. Mas esse processo já tem barbas brancas... Já o empregavam os antigos professores de latim: quando não conseguiam decifrar certos passos mais difíceis de qualquer clássico da literatura latina, saíam-se bem da dificuldade, declarando enfaticamente: *grecom est...*

O subconsciente e a telepatia, ou a transmissão de pensamento, é para os nossos contraditores a mesma tábua de salvação.

Em vão Myers, Podmore e Gurney se esforçaram por demonstrar na sua bela obra «O fantasma dos vivos» mais de 1600 casos telepáticos, onde se provou a interferência dos espíritos desencarnados na sua manifestação. Debalde Camilo Flammarion no seu livro «O desconhecido e os problemas psíquicos», coligiu e classificou mais de mil fenómenos semelhantes. Em todas essas pacientes e laboriosas investigações, os

seus autores não encontraram outra solução que não fôsse a existência dos espíritos. Myers não hesitou em declarar: «O método espírita é, de si mesmo, necessário e verdadeiro».

Mr. Kernahan, porém, não entende assim, porque o preconceito religioso o inibe de perscrutar além do dogma imposto pela sua Igreja. Pertence aos obstinados, aos incrédulos renitentes, para os quais nenhuma demonstração científica pode suplantiar a letra dos 66 livros canónicos da Biblia...

¿Mas que nos admira isso? Mais típico é o que nos diz Flammarion no seu livro precitado: «¿Não possuímos nós, em nossas bibliotecas, uma obra publicada em 1806 expressamente contra o movimento da Terra e na qual o seu autor declara que jámais poderá admitir esteja elle a girar como um capão assado no espêto?»

Mr. Kernahan pertence a esta espécie, felizmente rara, de sábios cristalizados na sua orgulhosa ciência... de trazer por casa.

## Os comentários de Mr. Kernahan

Prossigamos na nossa viagem... protestante, através do opúsculo do nosso contraditor, para apreciarmos as lindas paisagens com que elle nos vai deliciar, nas suas *inspiradas* páginas.

O capítulo III dedica-o aos comentários que a célebre sessão lhe sugeriu. Julgávamos que os fenómenos observados e considerados quasi supranormais pelo autor, o vencessem, embora o não convencessem. Mas não. Não obstante nessa única sessão ter-se materializado o espirito do poeta alemão Henri Heine, com todas as probabilidades de crédito, visto o nosso contraditor protestante descrever todos os detalhes da sua fisionomia, esta prova não é convincente. O preconceito permanece superior ao facto.

Mas para que os nossos leitores possam apreciar bem os argumentos do nosso anti-espírita, vamos dar-lhe a palavra:

«Apresso-me a acrescentar que a estranha face (de H. Heine) foi vista, e as palavras ouvidas, não só por mim mas por todos os presentes, incluindo o meu pai. Se assim não fôra, seria levado a crer então, e cre-lo-ia ainda hoje, que aquêlo rosto seria nem mais nem me-



nos do que o resultado de ter projectado na escuridão qualquer recordação de Heine jazida no esquecimento aparente da minha subconsciência».

O grifo é nosso.

Cã temos o subconsciente como suprema explicação do inexplicável... | Como se fôra possível materializar espíritos por intermédio do subconsciente! Afirmar tais dislates não nos admira; o que nos espanta é a sencerimônia e a convicção com que se fazem estas afirmações sem pés nem cabeça e como há pessoas, de certa cultura, no século XX, que acreditem nelas sem se certificarem da sua veracidade.

Aksakoff, Crookes, Richet, Lombroso e tantos outros investigadores descreveram meticolosamente, nos seus livros, o resultado das suas pesquisas, testemunhadas por outros sábios, com tôdas as cautelas, para evitar as probabilidades de fraudes conscientes ou inconscientes. Crookes, por exemplo, compatriota de Mr. Kernahan, no seu livro «Factos Espiritas», conta-nos pormenorizadamente como obteve a materialização de Katie King, por intermédio de Florence Cook; êsse livro é bem conhecido na Inglaterra e nos outros países, pois está traduzido nas línguas europeias. É impossível que Mr. Kernahan o não conheça ou não tenha ouvido falar nêlo, porque a evidência dos fenómenos obtidos por aquêlo insigne cientista, durante mais de três anos, foram tão concludentes e reais, que ninguém de bom senso e espírito desempoeirado, ao falar de materializações de espíritos desencarnados, o pode ignorar, pelo menos como elemento de comparação e contrôlo científico.

Se Mr. Kernahan o lêsse e estudasse, veria confirmada a técnica da materialização do poeta H. Heine, e não teria a infelicidade de atribuir ao subconsciente um facto tão transcendente. Porém o véu...

### Mr. Kernahan reíncide...

«O Espiritismo pretende ser uma nova revelação, mas, na verdade, como revelação, seria difícil a meu ver encontrar-se coisa mais antiga, menos original, do que as mesas a andar à roda, as penas a escrever por si, as adivinhações do que está dentro dum saco, ou dentro de uma caixa fechada, as próprias aparições e desaparecimentos — emfim, habilidades sôbre que tôda a gente está já farta de ler, ou de ouvir falar».

Assim sentenciava Mr. Kernahan do alto da sua cátedra, usando e abusando do argumento já velho e revelho da fraude, das circunstâncias fortuitas, da mistificação, das habilidades... | Fracos e inconsistentes argumentos estes sem base científica nem mesmo teológica!

Tôda a prosa do terceiro capítulo afina por êste diapasão. Em todos os períodos esvurma o ódio incontratado contra o fenómeno espirita, procurando apoucá-lo, amesquinhá-lo, achincalhá-lo com as suas sentenças apostroficas e de fulminante condenação. Porém, o Espiritismo, cõscio do seu valor, resoluto na sua determinação inabalável de caminhar para a frente, sorri-se da raiva impotente dos seus mesquinhos adversários e vai deixando sulcos cada vez mais profundos nas consciências dos sábios e dos corifeus religiosos.

Porque é preciso acentuar que querer manietar o progresso das ideas é totalmente impossível. Não pode haver barreiras para o espirito investigador e ávido de luz. De vez em quando é necessário dar balanço às noções e refundi-las em novos moldes; se um facto científico vem destronar preconceitos enraizados, ¿porque não os devemos banir? A utopia de ontem tornou-se hoje realidade. Isto nas ciências da evolução; mas se está demonstrado que esta se estende aos problemas psíquicos, ¿porque estacionar no marasmo a que nos querem condenar as ortodoxias?

O Espiritismo e as novas correntes espiritualistas afins lutam exactamente contra esta inércia esterilizante.

Os factos até agora obtidos são tão evidentes e palpáveis, primando pela precisão científica, que pouco a pouco vão demolindo a muralha da incredulidade e dos preconceitos ridículos, ainda defendidos em nome de princípios já caducos e bafientos...

É assim que dia a dia a Terceira Revelação vai conquistando para o seu seio adeptos sinceros e prestimosos em todos os campos da actividade humana. Hoje um pastor, amanhã um padre, no outro dia um escritor, noutro ainda um médico, um professor ou um filósofo, todos se engolfam no estudo dos fenómenos, encarando-os sob o triplice aspecto: científico, filosófico e religioso. Porque o Espiritismo é tudo isto; abrange todos os conhecimentos acumulados pelas gerações dos séculos pretéritos e prepara os surtos para as gerações porvindouras, indicando-lhes a rota segura para o Pai.

Além disso, o Espiritismo não está ilaqueado por qualquer espécie de dogma ou preconceito, porquanto, no dizer de Allan Kardec, «marchando com o progresso, não será jãmais excedido, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em êrro sôbre um ponto, êle se modificará sôbre êsse ponto, se nova verdade se revelar, êle a aceitará.»

¿Que filosofia ou religião dá esta garantia? Por isso os seus adeptos se contam por milhões e no III milénio ela conquistará o mundo. Nenhuma outra possui as qualidades para poder assimilar os princípios em que se baseiam tôdas as outras religiões.

«Tempo virá, diz Ernest W. Oaten, em que uma



religião universal suplantará tôdas as diferenças de credos, e o Espiritismo oferece uma ampla base para essa religião, no facto demonstrável da sobrevivência humana e da imortalidade, bem como a comunhão entre todos os mundos, um autêntico progresso.»

### «Solemnia verba...»

Mr. Kernahan, depois de divagações e suposições inconcebíveis acêrca dos factos espiritas que observou na única sessão a que assistiu, perorando sempre, afirmando que «o mundo dos espíritos não é mais do que uma série de múltiplas personificações realizadas por uma meia dúzia de *espíritos-actores*, todos êles trabalhando sob uma direcção única», demonstra bem o espírito de seita de que está infelizmente imbuído. Já não é assim que pensam muitos chefes das várias igrejas inglêsas. A antipatia espirita predomina no seu espírito, obscurecido pelas directrizes teológicas impostas pelos «Institutos» de Calvino e os «Comentários aos Gálatas» de Martinho Lutero, os principais inspiradores e codificadores do Protestantismo do século XVI.

A influência dêstes dois paladinos da Reforma foi nefasta para a evolução lógica da doutrina simples do Cristo. E senão comparemos :

Diz Lutero :

«Dizer que a fé é nada, quando não vem acompanhada pela caridade, é uma doutrina diabólica e blasfema. Todos êsses legisladores e moralistas são amaldiçoados».

Vejam agora a contradição desta estranha doutrina, em Lucas, XIV, 13-14 :

«Mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os côxos e os cegos ; e serás bem-aventurado, porque êsses não têm com que te retribuir ; mas ser-te-á isso retribuído na ressurreição dos justos.»

Afirma ainda Lutero :

«Aquêle que diz que o Evangelho exige obras para a salvação, é pura e simplesmente um mentiroso.»

Comparemos a contradição desta assertiva gratuita, em Paulo, I, Coríntios, 13-3 :

«E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita.»

Estes passos do Evangelho são mais que suficientes para demonstrar que a fé só é profícua, acompanhada das respectivas obras de misericórdia e de generosidade. «Fora da caridade não há salvação», disse o patriarca do Espiritismo moderno ; logo, só a fé cega e ilógica, sem uma finalidade espiritual intrínseca, de

nada serve para a salvação da nossa alma, sujeita à lei da causa e efeito.

Estas incongruências dos campiões reformistas, aceitas como inspirações do Espírito Santo e portanto irrevogáveis e eternas, só tiveram o condão de deturpar e desvirtuar os princípios puros do Cristianismo primitivo, em que tudo era simples e solene.

Por isso a Reforma pouco ou nada influuiu para o progresso espiritual da humanidade ; em consequência, os crentes desertam das igrejas protestantes e vêm engrossar as nossas fileiras. ¿ E porquê ?

Responde-nos Robert Dale Owen, pastor protestante norte-americano, no seu livro «Região em litigio entre êste mundo e o outro», pág. 108 :

1.º — «Porque seus princípios fundamentais foram colhidos em duas das Epístolas de S. Paulo e não nos ensinados do Cristo ;

2.º — Porque a teologia dos reformadores, como a do romanismo, não se coaduna com a natureza de uma ciência progressiva ;

3.º — Porque essa teologia não tem recursos para, nos tempos actuais, corrigir os costumes hodiernos e concorrer para a civilização da humanidade.»

É isto o que nos revela um pastor protestante norte-americano, que se não sentiu bem dentro do colête de fôrças dos dogmas, e por isso rompeu com todos êles para comungar nas verdadeiras ideias cristãs, à luz meridiana da fé raciocinada, e sem peias de qualquer espécie.

Mas, não é só êste ex-discípulo reformista que nos faz esta revelação grave. Outro reverendo inglês, J. Ernest James, Presidente da União Congregacional da Inglaterra e Gales, expôs à Assembleia o movimento decrescente da comunidade, conforme a versão do «*Psychic New*», de Londres :

«Edifícios que foram construídos cinquenta anos atrás, agora são excessivamente grandes. Frequentemente, vemos prédios com capacidade para 1.000 a 1.500 pessoas assentadas, apresentarem agora congregações de 100 assistentes».

¿ Em compensação, compare-se o incremento da assistência nas sessões espiritas, especialmente no Brasil, onde as salas de conferências se tornam insuficientes para conterem completas avalanches de assistentes !

Eis por que muitos dos dirigentes responsáveis das várias comunidades religiosas inglêsas, se voltam para os estudos psíquicos, nos quais encontram o x dêste problema capital...

### Considerações finais

Já demonstrámos, com argumentos e factos, sobejamente conhecidos, os erros dos nossos adversários protestantes, com os documentos sinceros doutros ex-pro-



testantes. Mas há mais, muito mais. A fonte é inexgotável e chega para dessedentar todos os sedentos de conhecimento e luz daquela luz que ilumina os espíritos, em vez de os obumbrar.

Se os nossos contraditores dêste sector religioso seguissem à risca o que Paulo recomenda: «Junta à tua fé a virtude e à virtude o conhecimento», mas o conhecimento desapassionado e despretencioso, imparcial e livre do espírito de seita, como já o fizeram tantos outros seus sequazes, talvez considerassem o Espiritismo, não como um inimigo, intruso e concorrente desleal; mas sim um irmão mais novo, desejoso de contribuir para o esclarecimento de tantos pontos obscuros que a interpretação do Evangelho ainda apresenta aos exegetas de todas as Universidades de teologia.

Senhores reformistas, segui o exemplo dos vossos confrades e estudaí os fenómenos psíquicos, se quereis evitar a debandada dos crentes do vosso rito.

¿Porque não imitais o Trinity College, da Universidade de Cambridge, que resolveu criar uma cadeira de Espiritismo, regida pelo professor Broad, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres? ¿Não seria preferível, a manterdes essa atitude falsa do negativismo estéril e contraproducente para as vossas igrejas?

Arripiai caminho quanto antes, senão o romanismo absorver-vos-á.

Diz Robert Owen, no seu livro supracitado, que o Catolicismo está ganhando terreno na Inglaterra e na América do Norte. E afirma:

«No decurso de trezentos anos, de 1570 a 1870, observa-se que o Protestantismo tem sempre retrogrado. No começo dêste período, havia na Europa uma esmagadora maioria protestante, e, no fim de três séculos, contam-se dois católicos para cada protestante. Mesmo entre nós (norte-americanos) presentemente, o número de católicos e protestantes cresce, mas, se atendermos à proporção dêsse aumento em cada um dos credos, veremos que, se continuar a ser o mesmo, no fim de um terço de século, os católicos romanos suplantarão os protestantes nos Estados Unidos.»

¿Serão necessários argumentos mais convincentes para os asseclas de Lutero, Calvino, Zwínglio, Knox, etc., reconsiderarem e estudarem êste problema máximo da sua existência futura?

A razão por que o Arcebispo de Cantuária nomeou a célebre comissão de bispos anglicanos para estudarem os nossos postulados, não deve andar longe desta ameaça que paira sobre os destinos da Igreja inglesa.

Os trinta e nove artigos da «Profissão de Fé» aprovados na Inglaterra em 1562, por imposição da Rainha Isabel, e que os sacerdotes anglicanos são obrigados a assinar no momento em que recebem or-

dens ou um curato paroquial, tornaram-se insuficientes e obscuros para o espírito positivo das novas gerações da velha Albion.

Hoje querem saber por que se crê nisto ou naquilo. Estamos muito distanciados dos séculos trevosos da Idade Média e até mesmo das claridades espirituais da Renascença.

Em vez da fé passiva, dogmática e ilógica dos tempos idos, em que tantos mártires foram imolados às estúpidas e fanáticas ortodoxias, o cristão do século XX prefere a fé activa e racional, dinâmica e consciente, que o Espiritismo preconiza e defende como condição imprescindível do progresso espiritual da humanidade futura.

Por isso aconselhamos aos adeptos de todos os ritos protestantes sigam o exemplo dos seus mentores ingleses e tomem como divisa estes conselhos basilares de Léon Denis:

«Dilatai os vossos horizontes; procurai o que aproxima as almas e não o que as divide. Não lanceis o anátema sobre os que não pensam como vós, porque para vós mesmos preparareis cruéis decepções na outra vida. Que a vossa fé não seja exclusivista, nem intolerante.»

Alegrear-nos-ia imenso ver Mr. Kernahan assumir esta atitude, a atitude do verdadeiro cristão, sem nos querer impôr a verdade exclusivista da sua igreja decadente...

---

## O PRINCÍPIO DA RAZÃO SUFICIENTE

Os acontecimentos actuais têm com os precedentes uma ligação fundada sobre o princípio evidente de que nada pode começar a existir, sem uma causa que os produza. Êste axioma, conhecido por *princípio da razão suficiente*, é extensivo às acções mais insignificantes. A vontade mais livre não pode dar-lhe origem, sem motivo determinante, porquanto, sendo exactamente iguais todas as circunstâncias de dupla posição, se ela agisse, apenas, sobre uma delas, tal escolha seria efeito sem causa. Seria, — como diz Leibniz, — o cego acaso dos epicuristas. A opinião contrária é ilusão do espírito que, perdendo de vista as razões fugazes do designio da vontade, nas coisas mínimas, se convence de que ela é determinada por si mesma, sem motivo algum. Devemos, pois, encarar o estado presente do universo como efeito de seu estado anterior e como a causa do que vai seguir-se. Uma inteligência que conhecesse todas as forças da natureza e a situação exacta dos seres que a compõem; se, além disso, fôsse suficientemente vasta para submeter êsses dados à análise, abrangeria na mesma fórmula, tanto os movimentos dos maiores corpos do universo, como os do mais ligeiro átomo: nada existiria de incerto para ela e o futuro e o passado estariam presentes a seus olhos. Na perfeição que soube dar à astronomia, o espírito humano oferece um frágil esboço dessa inteligência.

Laplace (Essai analytique sur les probabilités)



# RECORDANDO

por Maria Velêda

**Q**UEM disse que «recordar é viver duas vezes», afirmou uma grande, indiscutível e consoladora verdade.

Um dos atributos mais preciosos, dos dois mais excelsos com que a Divindade brindou o Homem, consiste na faculdade de recordar, de reviver pelo pensamento as horas felizes, ou meditar sobre os erros cometidos, na firme disposição de os reparar.



D. MARIA VELÊDA

Pela recordação, evocamos a meninice, a mocidade, e sentimo-nos, embora momentaneamente, transportados a épocas em que tudo à nossa volta eram risos, cânticos e ilusões.

Faz-se no deserto da nossa alma cansada de sofrer um oásis de efêmera ventura: — árvores reverdecem e cobrem-se de flores; arômas suavíssimos espargem-se no ar; velhas músicas esquecidas desdobram-se em alegres ou melancólicas ondas de harmonia.

Depois... a realidade empolga-nos; os cuidados

imanentes subjugam-nos; mas — ¿que importa?! — recordaram-se emoções perdidas e tornamos a viver algumas das horas mais impressionantes do passado.

A velhice é a época da vida mais propícia ao prazer de reconstituir sonhos que nunca foram mais do que rápidas, meteóricas visões; e a branca fada da saúde entorna sobre o nosso coração dolorido um bálsamo estranho, de uma pureza tódá imaterial.

¡Felizes os que sabem, os que podem recordar!

Eu pertenço a este número; e não trocaria as maiores opulências, nem mesmo — se possível fôsse — o regresso à juventude, pelo encanto de que me sinto possuída, quando revejo o caminho percorrido e faço desfilar, num cortêjo luminoso, algumas das mais lindas e poéticas recordações do tempo que lá vai...

Assim, foi-me grato o convite que recebi da ilustre Direcção de *Estudos Psíquicos* para colaborar em o seu número especial, comemorativo do renascimento do Centro Espiritualista «Luz e Amor», a cuja fundação se encontram ligadas algumas esperanças que alimentei em época não muito distante — esperanças que, em parte, me iludiram, mas das quais, a-pesar-de tudo, tenho tantas... tantas saúdades!...

Foi por volta do ano de 1914. Eu tinha ingressado nas fileiras espiritas, amparada no braço amigo do ardente apóstolo das ciências psíquicas, que foi o venerando general Viriato Passalâqua. As minhas primeiras leituras, as minhas primeiras experiências realizaram-se sob a sua direcção e o seu avisado conselho.

Como todos os iniciados em qualquer doutrina, eu encontrava-me sequiosa de conhecimentos, abrasava-me na ânsia de saber, de descobrir os segredos do Além, entrando em comunicação com as entidades misteriosas, que sentia pulular em meu derredor, — umas vibrantes de alegria, outras mergulhadas em tristeza profunda e no desespero mais alucinante. Conheçê-las, falar-lhes, confundir a minha alma com a sua, — tal foi o desejo mais intenso por que me apaixonei então. E, como não podia deixar de ser, sucedeu-me o que sucede a todos os neófitos, qualquer que seja a sua cultura: — procurei satisfazer a minha sede do desconhecido, tomando parte nas denominadas «sessões experimentais».

Devo confessar em abono da verdade, que a minha expectativa sofreu diversas e pungentes decepções; mas os conhecimentos bebidos nas melhores fontes e



o desejo cada vez maior de ilustrar-me, animaram-me a prosseguir, sem que me sentisse influenciada pela ignorância e fanatismo de certos experimentadores, — antes tirando partido de tudo quanto se me deparava.

Senti, então, imperiosa necessidade de organizar um grupo constituído por pessoas absolutamente sinceras e que laços de simpatia unissem entre si.

Desta maneira nasceu o «Grupo das sete». Como o seu nome indica, éramos sete irmãs em ideais as componentes do mencionado grupo. Número simbólico, talvez êle contribuisse bastante para os resultados que depois alcançámos.

Dessas sete senhoras, algumas ainda vivem. Eram: D. Maria da Madre de Deus de Almeida Deniz, em casa de quem nos reuníamos, D. Emília Marques, D. Maria Emília de Carvalho Gonçalves, D. Maria Augusta Setas, D. Emília Bähr Ferreira, (as duas últimas já falecidas) e, finalmente, quem estas linhas escreve.

Reuníamos-nos *as sete*, pontualmente, tôdas as semanas, em dias e a horas certas. Não havia entre nós o mínimo atrito, a mais leve desinteligência. A nossa Fé era inabalável; infinito o nosso desejo de progredir. Tivemos as mais belas, as melhores sessões que ainda conheci. Quando os trabalhos finalizavam, era como se uma onda de Luz e Amor nos envolvesse em sua bênção celestial. Espíritos superiores baixavam até nós, dando-nos os mais proveitosos alvitre, os mais altos ensinamentos.

Os excelentes resultados obtidos fizeram-nos ambicionar outros cometimentos. De facto, não seria egoísmo nosso limitarmos a tão diminuta assistência a audição das comunicações que nos vinham sendo dedicadas?!

E, com assentimento do Guia «Luz e Amor», convidámos algumas pessoas conhecidas no meio espírita para uma reunião, que efectivamente se realizou, em casa da irmã D. Madre de Deus.

Dessa reunião nasceu o Grupo, que começou logo funcionando sob a égide do Guia, seu patrono, constituídos os seus corpos gerentes por senhoras, de que fizeram parte as componentes do extinto «Grupo das Sete».

As sessões que, até então, tinham sido limitadas à assistência das suas fundadoras, desenvolveram-se e modificaram-se, perdendo o carácter de exclusivismo que as distinguia. Foram admitidos sócios de ambos os sexos, e iniciaram-se desde logo pequenas mas interessantes festas artísticas e de propaganda espiritua-

lista. Funcionava o Grupo Espírita «Luz e Amor» desde o ano de 1916, sendo numerosos os seus adeptos, — e tanto que foi necessário fazer-se um desdobramento das

sessões experimentais, por grupos que trabalhavam separadamente em casa de diferentes associados. Impunha-se a transformação do grupo numa agremiação de mais larga envergadura — e assim sucedeu. Do número 10 da revista «O Futuro» correspondente aos meses de fevereiro a maio de 1923, transcrevemos o seguinte :

## «LUZ E AMOR»

«O grupo espírita que, sob a designação acima tem funcionado em Lisboa, desde 1916, constituiu-se recentemente em associação devidamente regularizada, com o título de Centro Espiritualista «Luz e Amor». Tomaram esta resolução os irmãos dirigentes do referido agrupamento, inspirados no desejo de tornar mais proveitosos os seus trabalhos e de reunir em sua volta outros irmãos a quem a difusão das ideias espiritualistas interesse e que queiram reunir-se para espalhar em todos os sentidos a *Luz e o Amor*».

Autorizados pela entidade oficial competente, os estatutos, que tinham sido aprovados em reunião de Assembleia Geral, no dia 15 de Abril de 1923, o Centro começou imediatamente desenvolvendo a sua actividade.

Em 20 de maio e 29 de junho do mesmo ano, realizaram-se duas brilhantes festas de propaganda, nas quais se fizeram peditórios, cujo produto reverteu em benefício do «Albergue das Crianças Abandonadas» e do «Albergue dos Inválidos do Trabalho». Outras festas se realizaram depois, com êxito e brilhantismo sempre crescentes.

Em outubro de 1924, apareceu o primeiro número da revista «A Asa», órgão oficial do Centro, sendo o seu principal objectivo a preparação de um Congresso Espírita, para melhor e mais homogénea organização das ciências psíquicas, em Portugal.

Obedecendo a tais intuitos, promoveu o Centro uma reunião magna, em que se fizessem representar diferentes agrupamentos congêneres, e que se realizou em 11 de janeiro de 1925, no Ateneu Comercial.

Nessa reunião ficou deliberado que o 1.º Congresso Espírita Português se efectivasse no mês de maio seguinte, o que a Direcção do Centro, *constituída exclusivamente por senhoras* (digo-o com não escondido desvanecimento) levou a efeito, não se poupando aos maiores esforços, sacrifícios e canseiras, e sendo auxiliada por alguns irmãos cheios de boa vontade e devoção pela causa.

O Congresso, que excedeu em importância tudo quanto se tinha previsto, marcou, indiscutivelmente, o primeiro triunfo do Espiritismo em Portugal.

De então por diante, a estrêla do Centro começou de empalidecer; e, poucos meses decorridos, pareceu extinguir-se por completo...

Fica assim historiada a largos traços a vida pri-



# CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

¿POR que rifei eu a filosofia com que fui criado nesta minha pátria? Depois de ter atingido e praticado o lugar de 1.º assistente da Faculdade de Medicina do Pôrto, tive a intuição de pedir a minha demissão e ir ao Brasil experimentar a minha profissão de clínico com os conhecimentos adquiridos na minha escola-mãe e com esta prática tive bastas contrariedades, até que me relacionei com um dentista de origem patriciana e diplomado no Rio, já falecido e que foi nos últimos anos presidente dum centro espirita. Assisti a várias sessões que eliminaram parte da minha ignorância e fui lendo os livros que êle me emprestava, até me tornar espirita convicto, momento em que fiquei crente em Deus, coisa que não conseguira desde criança, a-pesar da prática católica.

Deísta de observação estimulada, conviria notar que a homeopatia batia freqüentemente na alopatia e chegou um dia memorável em que um colega brasileiro, que me não conhecia, me chamou ao telefone e pediu uma conferência para um cliente que estava muito mal com uma cistite hepática supurada e que se negava a deixar-se operar, enquanto o seu médico quando entrou no Rio, a não viu e deu o seu conselho. A cliente morava agora a cinco léguas da capital, em Madureira.

Combinei com o colega ir vê-la na manhã seguinte e, sem lisonja para o assistente brasileiro, disse a toda a família que a operação era inadiável e absolutamente precisa. Ouvi toda a família a chorar e voltei para o Rio.

---

mária do Centro Espiritualista «Luz e Amor», que vejo gostosamente, tal como a *Fénix*, renascer das próprias cinzas...

Tendo-lhe dado outrora o melhor da minha dedicação e da minha energia, felicito-o pelo seu regresso à actividade, fazendo ardentes votos pelo seu maior desenvolvimento e progressos espirituais.

**NOTA** — Já depois de composto o presente artigo, soube que D. Maria da Madre de Deus, a quem atrás me refiro, desencarnou. Que o seu espírito paire nas regiões da Luz!

Não mais pensei no caso, até uns quinze dias depois em que fui procurado no consultório por uma filha da doente, mãe de mais filhos, que me ia pagar a conferência.

— ¿Então, sua mãe melhorou?

— Nem logo, nem nunca, porque família amiga nos aconselhou a chamar médico homeópata e este, sem uma beliscadura, pô-la completamente boa, sendo hoje uma pessoa feliz e contente.

Fiquei encavacado com o que ouvi e, ao sair do consultório, fui comprar o «Organon da arte de curar», de Samuel Hahnemann.

Perdi a noite em leitura e poucos dias depois já estudava matéria médica homeopática e ofereci aos clientes tratamento alopático e homeopático.

Mas os resultados das primeiras experiências eram tão evidentes, que em pouco tempo deixei de dar a escolher o método de tratamento. Era médico homeópata exclusivo, o que tenho sido sempre, desde que regressei a Portugal, abandonando no Brasil o ganha-pão único que tenho tido — a clínica alopática. Aqui há oito anos, nunca fiz senão homeopatia e alguns crentes nela tenho conseguido, embora o meio seja impróprio, pela onda de materialismo que envolve a maioria da população portuguesa.

E objectam-me muitos: ¿porque relaciona homeopatia com Espiritismo?

Porque fui para aquela por intermédio deste. Se não tivesse sido, primeiro, espirita, ainda hoje receitava drogas alopáticas. Ainda mais: se sou hoje naturista, prática do vegetarianismo alimentar, é porque também modifiquei a minha ciência higiénica. A evolução é capaz de me levar ainda mais longe...

Para não cansar os leitores, continuarei nos números seguintes, ficando assente, desde já, que sou espirita homeópata e vegetariano à custa de sacrifício feito da minha docência na Faculdade de Medicina do Pôrto, para onde entrei por unanimidade de votos do corpo docente.

Espinho, 17 de Novembro de 1940.



# Considerações sôbre o perispírito

pelo Dr. A. Dias Pratas

**A** PARENTEMENTE e materialmente encaradas que sejam as coisas, apresenta-se o homem como uma unidade, quando o certo é que, após cuidadosa análise, se descobre nêle uma dualidade: — a sua personalidade e a sua individualidade —. A primeira é definida pela sua estrutura e contextura físicas; a segunda pela sua estrutura e contextura psíquicas. Uma é de ordem puramente material, a outra é de ordem espiritual. Eis porque é mais fácil conhecer a personalidade do homem do que a sua individualidade sendo esta de tal forma obscura que, como regra, nem o próprio se conhece a si mesmo. É dessa ignorância em que quasi todos nos encontramos, que resultam para nós tão grandes e irremediáveis desgostos e tão frequentes desastres na vida.

Se todos nos conhecêssemos a nós próprios e, conseguido que isso fôsse, nos dêssemos ao trabalho de estudar os nossos semelhantes, para chegarmos a conhecê-los, muitos desastres, muitas tristezas, muitas dores se evitariam, podendo todos viver sem atropelamentos desnecessários, conseguir, enfim, aquilo a que todos aspiram: — a felicidade —.

Infelizmente, assim não acontece. Já porque não nos conhecemos a nós próprios, — e por isso não evitamos aquilo que deveríamos evitar —, já porque o nosso semelhante não nos interessa, procuramos, com fins egoístas, orgulhosos ou de soberba, ocultar dos outros aquilo que intimamente sentimos, desviando-nos do bom caminho, — aquêlê que o amor ilumina e que a caridade com a macieza do veludo atapeta —, para enveredarmos pelos cascalhosos atalhos do ódio, donde se sai com os pés magoados, feridos e ensangüentados.

\* \* \*

Prosseguindo nesta orientação analítica do homem, chegaremos à conclusão de que somos, como em várias obras da especialidade se demonstra, constituídos, fundamentalmente, por um ternário: — corpo, perispírito e espírito —. O corpo e o perispírito constituem a personalidade do homem; um, — o corpo —, no campo terreno, e o outro, — o perispírito — no campo astral. O espírito é, enfim, o que individualiza o sêr; é aquilo a que vulgarmente se chama o nosso *Ego*.

O corpo, sendo de natureza material, é constituído pelos mesmos elementos cósmicos do meio em que vive; e assim é que não encontramos, pela análise química

da matéria que compõe o nosso organismo, elemento algum, metálico ou metalóidico, que não tenha representante no globo que habitamos. Nem sequer lhe faltam os fluidos electro-magnéticos que percorrem a terra e a nossa atmosfera.

Este simples facto é mais do que suficiente para rebater um dos argumentos propostos pelos que se opõem a admitir a habitabilidade dos mundos e que se resume no seguinte: — as esferas cósmicas não possuem tôdas as condições de vida indispensáveis à sua habitabilidade —.

Este argumento baseia-se num êrro, qual o de crêr-se que todos os sêres da criação hajam de ter, corporeamente, a mesma composição e, como tal, hajam de exigir as mesmas condições de vida. Ainda aqui se denuncia o orgulho do homem na sua pretensão de colocar-se na cúpula da criação, quando, na verdade, está muito longe de atingi-la, pois que, para isso, necessita de caminhar, ainda, durante muitos milênios na trajectória da perfeição.

Se, como dissemos, o corpo possui quimicamente os mesmos componentes do meio em que habita, variarão êles de mundo para mundo, de glôbo para glôbo, consoante a composição dêstes. As condições de vida serão, pois, diferentes para cada um dêles. Como assim, se o homem terreno não pode habitar os outros astros, não impede isso que nêles possam existir outros sêres e outras humanidades que se distingam da nossa pela constituição química e física dos seus tecidos, órgãos e aparelhos.

A título de hipótese, aceitemos como real, por exemplo, a habitabilidade de Neptuno, e admitamos que a sua humanidade seja tão egoísta como a nossa, isto é, que julgue ser o seu planeta que monopoliza as condições de vida exigidas pelos organismos vivos. Para os seus habitantes todos os restantes planetas do sistema solar seriam portanto, simples verbos de encher, sem utilidade alguma prática na grande obra do Onnipotente. Entretanto, se até nós chegasse notícia de tais pontos de vista, rir-nos-íamos na nossa pequenez, visto verificarmos, «de visu» que também a Terra é habitada e não só Neptuno, como, segundo a hipótese proposta, os seus habitantes, orgulhosamente, pretenderiam. «Mutatis mutandis», encontramos-nos nós nas mesmas condições de não podermos afirmar a deshabitabilidade dos outros astros pelo facto de não podermos viver nêles com a organização física que nos



é própria e adaptada à constituição físico-química do nosso planeta. De resto, já o próprio Cristo o afirmou, quando nos disse «haver muitas moradas na casa do Pai» (João, XIV-2).

¿ Que moradas serão essas ? ¿ Não serão todos os astros que sulcam o espaço infinito ? ¿ Ou pretender-se-à reduzir a obra infinita de Deus ao minúsculo grão de areia que habitamos ?

A obra de Deus é infinita ; e, como infinita, infinito haverá de ser o número dos globos habitados, o número das moradas que o Grande Arquitecto do Universo desde sempre criou, cria e eternamente criará, com o fim de proporcionar a evolução de todos os seres, e, como assim, a daquêl que mais directamente nos interessa : — o homem —.

Perante isto, facilmente se compreendem as diferenças que possam existir de glôbo para glôbo, de mundo para mundo, sob o ponto de vista das suas aptidões para receberem esta ou aquela ordem de seres, relativamente à sua natureza física e ao seu adiantamento espiritual. E assim, é que, fazendo o nosso planeta parte do grupo de moradas ainda bastante atrasadas, não se presta a receber na sua humanidade elementos que ultrapassem um certo grau de evolução, a não ser em casos muito excepcionais, — tal é o caso de Jesus-Cristo —, por motivo de qualquer missão especial a exercitar entre nós, com o fim de nos instruir e encaminhar, no intuito de nos facilitar a visão da luz, de que necessitamos para nos depurarmos e evoluirmos.

É assim que, em séries de desencarnações e reen- carnações nêste ou noutros planetas, consoante o número de graus que tenhamos conseguido vencer na escala do progresso espiritual, chegaremos ao cume da escada de Jacob, onde encontraremos a felicidade real que, no nosso planeta, ou na sua atmosfera, jãmais conseguiremos gozar, pois que a Terra, sendo, como é, uma das moradas de provações, lágrimas e dôres, constitue, ainda, uma das primeiras «étapes» a transpor na longa trajectória... — ¡ e que longa trajectória !... — da evolução da nossa ascense para Deus.

\* \* \*

A personalidade do homem, — dissemos acima —, é constituída pelo corpo, no campo terreno, e pelo seu perispírito, no campo do astral. Esta afirmação autoriza confusões que é indispensável desvanecer, porquanto poderá permitir o erro de supor-se que o Espírito se encontre revestido só pelo corpo, durante a sua permanência na Terra.

Para corrigirmos desde já êsse errôneo conceito,

impõe-se de momento esclarecer que o homem encarnado é basilarmente constituído por um ternário, cujos elementos, desde o mais grosseiro ao mais quintessenciado, são : — O corpo, o perispírito e o espírito —. O perispírito é companheiro inseparável do espírito, quer antes, quer depois da desencarnação, outro tanto não acontecendo ao corpo que, companheiro provisório, ou, melhor, transitório daqueles, se vê por êles abandonado em determinado momento da vida, sendo êsse fenómeno que caracteriza aquilo a que vulgarmente damos o nome de morte.

Não se julgue, porém, pelo que acaba de expor-se, que o perispírito entre na constituição do homem como simples modelo do seu corpo ; que, emfim, aquêl seja totalmente envolvido por êste. Não ; a substância perispiritual insinua-se, penetra em todos os órgãos, em todos os tecidos, em tôdas as células do corpo, actuando assim, como intermediário entre êste e o espírito, em tôdas as suas partes, em todos os seus elementos, — ainda os mais simples —, por forma a aproveitar tôdas as suas funções na exteriorização das manifestações do espírito. Interpenetrando tôdas as partes componentes do corpo, interpenetra também as suas camadas mais superficiais, gerando, assim, em tórno do corpo, uma auréola de coloração e brilho próprios, cuja diversidade, de criatura para criatura, obedece ao desnível intelectual e moral que marca a posição de cada um, na intermina e íngreme escada do seu progresso espiritual, auréola que, não sensibilizando a vista física normal, é, entretanto, visível para certas criaturas dotadas dos dons da mediunidade vidente. São estes médiuns, os médiuns videntes, que nos informam da sua existência, verificável, de resto, por várias experiências, entre as quais as de exteriorização da sensibilidade que diversos magnetizadores têm repetido, com êxito igual.

É a noção da existência dessa auréola, a que se convencionou dar o nome de *Aura*, que se deve a inspiração da Igreja, ao contornar a cabeça das imagens dos seus santos com um círculo luminoso, conhecido pelo nome de *resplendor*.

Demonstra êste facto, que o perispírito não é uma criação do Espiritismo, mas sim um componente do homem, conhecido já desde velhos tempos ; e tanto que, para não falarmos de épocas mais remotas, se descobre a noção da sua existência, em muitos versículos da Bíblia, como poderemos verificar:

Folheando o Evangelho de João, encontramos, na resposta de Jesus a Nicodemos, simbolizado o perispírito no termo *água*, o que obedece à noção que nessa época se ligava aos quatro elementos da natureza, — Água, Terra, Fogo e Ar —, que eram considerados os dominadores do mundo, resumindo-se nêles as fontes da vida e das transformações de tudo quanto existe.



Segundo essas noções, a Água era o princípio gerador dos seres, a fonte originária dos corpos vivos. E nesta acepção que Jesus, respondendo a Nicodemos, se utiliza do termo *Água* pela forma como se apresenta no seguinte diálogo (João, Cap. III) :

«*E havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.*

«*Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabbi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não fôr com êle.*

«*Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.*

«*Disse-Lhe Nicodemos: ¿ Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?*

«*Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer da Água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que nascido do Espírito é espírito.*

«*Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quere, e ouves a sua voz; porém não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquêle que é nascido do Espírito.*

«*Nicodemos respondeu, e disse-Lhe: ¿ Como se pode fazer isto?*

«*Jesus respondeu, e disse-lhe: ¿ Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?*»

Nestas respostas, visa Jesus avivar em especial a doutrina reencarnacionista que Nicodemos tinha o dever de conhecer, visto ser mestre de Israel. Foi por tal motivo que Jesus, admirando-se da sua ignorância, expressa na sua pergunta: «¿ como se pode fazer isto?», respondeu, dizendo: «¿ Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?»

Foi para confirmar esta verdade, — a do reencarnacionismo —, que o Nazareno-Jesus, fazendo distinção entre o que era carnal e o que era espiritual, disse que *todo aquêle que não nascesse da Água e do Espírito*, ou, seja, do perispírito e do espírito, — mostrando assim que o Espírito e o *princípio gerador dos seres* são companheiros inseparáveis —, todo aquêle que não nascesse, *repetimos*, da Água e do Espírito, não poderia entrar no reino de Deus. Nestas palavras, confirma ainda Jesus quão verdadeira é a noção que o Espiritismo proclama acêrca do agente que o Espírito utiliza para formar o corpo em que terá de reencarnar. Esse agente é o perispírito, ou, segundo o simbolismo de Jesus, a água, como princípio gerador dos seres, como fonte de origem da matéria viva, isto é, da carne

que o Espírito haverá de utilizar na Terra para exteriorizar as suas faculdades, ou, seja, tôdas as manifestações de vida expressas pela dinamização e pelas vibrações celulares do corpo que o perispírito manipulou.

Como vemos, pois, foi Jesus quem, com a sua autoridade divina, veio reavivar e confirmar a remota crença no perispírito, e, como assim, a concepção do ternário humano, — *corpo, perispírito e espírito* —, que o Espiritismo perfilhou e que já na antigüidade constituía doutrina assente e seguida pelos adeptos iniciados em todos os ramos das chamadas *Ciências Ocultas*. E tanto essa convicção se radicou no primitivo Cristianismo, que não deixaram de apregoá-la os Apóstolos de Jesus, como, por exemplo, João e Paulo, o que pode testemunhar-se com o que ambos êles escreveram nas suas Epístolas. Assim é que, aproveitando-se do termo *Água* no mesmo sentido acima referido, se lê o seguinte na 1.<sup>a</sup> Epístola de João (V-6 a 8):

«*Este é Jesus Cristo que veio com a água e com o sangue; não com a água somente, senão com a água e com o sangue. E o Espírito é o que dá testemunho que o Cristo é a verdade.*

«*Porque três são os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e estes três são um.*

«*E três são os que dão testemunho na terra: o espírito, a água e o sangue; e estes três são um.*»

Claramente se vê definido aqui o ternário de que vimos tratando: — 1.<sup>o</sup>) o *Espírito*, 2.<sup>o</sup>) o *perispírito*, simbolicamente expresso na *água*, e 3.<sup>o</sup>) o *corpo* que na palavra *sangue* se traduz.

E assim é que, sendo três os que dão testemunho de Deus: — o Pai, o Verbo e o Espírito Santo —, assim também são três os que dão testemunho do homem na terra: — o *Espírito*, a *Água* e o *Sangue* —, ou, sejam — o Espírito, o perispírito e o corpo —.

Confirmando esta noção do ternário humano, escreve mais explicitamente Paulo na sua 1.<sup>a</sup> Epístola aos Tessalonicenses (cap. V, v. 23) :

«*E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; para que todo o vosso espírito e alma, e corpo sejam conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus-Cristo.*

Pelo exposto creio ter sido claramente demonstrada a conclusão acima enunciada e que vem a constituir o fêcho d'este modesto artigo: — o perispírito não é fruto de qualquer fantasia que o Espiritismo architectasse, — como pretendem alguns dos seus adversários —, mas sim uma componente real do ternário humano, cuja existência foi insofismavelmente confirmada por Jesus, — reavivando assim uma crença remotíssima e posteriormente apregoada pelos Seus Apóstolos em tôdas as igrejas, durante o árduo período da sua afanosa propaganda.



# O NOSSO ANIVERSÁRIO

por Reper-Siam

NESTA data feliz, não podia deixar de trazer também a minha palavra, que mais não fôsse, para estímulo dos que trabalham.

Do que foi a obra realizada durante o ano transcorrido, não me compete a mim dizer, visto que de longa data vinha preparando o caminho e os instrumentos. Muito menos me compete dar parabéns a quem os merece, pois não está no meu ânimo tecer elogios a quem quer que seja. Calar-me, porém, não seria possível, porque o regosijo era grande e o empreendimento é dos que requerem muito e muito sacrifício.

Para nós, que nos encontramos do lado de cá, tudo o que represente sacrifício tem dobrado valor, porque só assim as almas podem ascender aos páramos da justiça e do amor.

O dia é, realmente, de festa para todos; mas é necessário que o vosso entusiasmo não estratifique, que a vossa coragem não cesse. De resto, o futuro espera-vos, êsse futuro que será ainda mais difícil que o passado. O futuro espera-vos com as vossas energias retemperadas, com o vosso ânimo mais fortalecido. Se até aqui se exigiu muita coragem, arrôjo mesmo, daqui em diante é indispensável muita prudência, muita fé e muito trabalho. Só o trabalho pode construir obras como aquela que acabais de alicerçar. Todavia, para edificar não basta boa vontade. É preciso mais, muito mais. É preciso trabalhar afanosamente, agir com sacrifício da própria vida.

Que valem os interesses particulares perante a grandeza duma Causa nobre e justa? Que valem desculpas, muitas vezes descabidas, quando se trata de dignificar o mais belo ideal que peitos humanos já mais albergaram?

Nada, meus irmãos. Só pelo lado espiritual o mundo entrará na lógica e no bom caminho. Não será com legislações mais ou menos avançadas, com punições mais ou menos rigorosas, que os homens aprenderão a trilhar o caminho de Jesus. Será com o desenvolvimento do eu espiritual, com o conhecimento da vida do Além, com o conhecimento, enfim, do verdadeiro sentido da vida. E só uma religião como a espírita poderá levar o homem a tal conhecimento. Tentem, embora, alguns afastar o Espiritismo do seu

lado moral e religioso, que nunca o conseguirão, porque todo o ser necessita dum abrigo, duma doutrina e nenhuma como a espírita o pode consolar e levar a compreender a Divindade. É, pois, religião, no verdadeiro significado da palavra. Não têm razão aqueles que não admitem o Espiritismo religioso. Não têm razão os que apenas reconhecem o Espiritismo científico, que trata, exclusivamente, dos fenômenos que o impõem à consideração dos pesquisadores.

O futuro do Centro Luz e Amor está marcado e nada conseguirão aqueles que alguma vez tentaram opor-se ao seu triunfo, à sua marcha para a frente. O entusiasmo dos seus reorganizadores não tem limites e saberá acudir a tôdas as necessidades, embora seja tormentoso o caminho a percorrer.

Tanto daqui, como daí, a fé é cada vez maior e sempre crescente a vontade de trabalhar. Dêste lado, em que o panorama se apresenta duma maneira surpreendente, vemos quão belo é o futuro da nossa agremiação. Nem o ambiente de escuridão e pânico que envolve a Terra, nem a má vontade dalguns, nem o comodismo de tantos, conseguirão desfazer o que estava escrito nos Anais do Espiritismo Português. São modestos e pouquíssimos os obreiros de tão grande obra, mas nem sempre os melhores pertencem às primeiras filas, quere dizer, nem sempre a posição que se ocupa corresponde ao trabalho realizado.

Agora, é cada um cumprir como manda a lei: pegar no bordão e na sacola e não olhar para trás. A época é propícia a empreendimentos desta natureza, pois os homens nada mais têm para seu refúgio, além da certeza duma justiça divina, neste mundo espiritual que os aguarda. E só o Espiritismo pode mostrar a certos homens esta verdade. Só o Espiritismo, sob os seus três aspectos, pode convencer o homem acerca do seu verdadeiro destino. Só o Espiritismo pode espalhar a luz necessária e encaminhar o homem para a perfeição espiritual e para Deus.

---

A consciência religiosa do homem não é imutável; transforma-se constantemente, esclarece-se e purifica-se de mais em mais.

Tolstoi



# LOUVADO SEJA DEUS

pelo Dr. Dá Mesquita  
Presidente da Sociedade Portuense  
de Investigações Psíquicas

*Se o Espiritismo é uma Religião, santa Religião é ele, que nos faz amar a Deus, e nos faz amar os nossos semelhantes e tôdas as criaturas.*



DR. DA MESQUITA

*Religião é ele, que só prêga o bem e nos manda detestar o mal.*

*Religião é ele, que nos ensina que a Alma tem o dever a cumprir, amanhã e sempre, de tornar-se tão pura, que possa ingressar no seio de Deus.*

*Religião é ele, que nos ensina que o corpo é apenas um vestuário que envelhece e se putrefaz, e que no coval se vai reduzir a alimento doutras criaturas.*

*Religião é ele, que não nos aterroriza com a morte, antes nos diz que sejamos bons para*

# NOVO ANO

UM ano mais que finda e um ano mais que começa; e nesta repetição, começo e fim de anos, vão-se estes sucedendo com tal precipitação, que nos perturba a rapidez com que passam. É que mês a mês, dia a dia, cada um de nós, quando certa idade nos atinge, começa a sentir os desgostos que êles nos causam, quâsi, por assim dizer, sem darmos por isso.

Acaba um ano e começa outro, marcando presentemente esta data, uma éra de tristes episódios provenientes da má conduta dos homens, que a ela presidem, no que diz respeito à orientação e direcção dos povos. Sob o domínio da soberba, do orgulho e do egoísmo, há 16 meses que se desenrola no mundo o desolador espectáculo de recíprocas desinteligências das quais resultou a avassaladora hecatombe que tem sepultado milhares de vítimas, com o sangue das quais se tem regado quâsi tôda a Europa e grande parte da Ásia e da África.

Homens e monumentos, obras de arte de incalculável valor, tudo tem sossobrado sob o poder da força bruta, inteligente e conscientemente manobrada pela ambição dos dirigentes e mandantes, gastando-se nisto tão fabulosas somas que, se fôsem melhor aplicados, teriam já extinguido absolutamente a miséria de todo o mundo.

E, a par dêste esforço material dispendido pelas nações, quantas quebras de carácter e dignidade não o tem acompanhado? quantas vilanias, quantas degenerescências morais não se tem verificado?

Mais um ano que passa... ano de tão tristes recordações... Que nos reservará aquêle que se lhe sucede? Prouvera a Deus que nele se iluminassem de viva luz os espíritos de todos os homens, que o bom senso, enfim, os desviasse do errado caminho que têm seguido.

Ao comemorar-se, pois, mais um aniversário do Centro Luz e Amor, aproveitemos essa hora solene, unidos todos os Espiritas num mesmo pensamento de confraternização, para elevarmos a Deus as vibrações de nossos espíritos, transmitidas em fervorosas preces de amor, em harmoniosos hinos de cordura e pacificação, no ardente desejo de que, despertadas as almas de todos, a paz se restabeleça no mundo, para bem de tôda a humanidade.

Coimbra, 10-12-940.

Centro Espirita «Luz»

*podermos ainda, depois de desencarnados, amar e proteger os entes queridos que Deus nos confiou e que deixámos ainda sôbre a Terra.*

*!Louvado seja o Espiritismo, que nos ensina a erguer louvores a Deus, em cânticos que sômente o coração sabe dizer!*

*!Louvado seja Deus!*



# TOQUE DE CLARIM

por J. Vendrell i Mercadal

## ESPIRITAS:

Um palpitante e bem significativo exemplo do poder da fé e do entusiasmo, aliada à mais persistente actividade, podemos vê-lo na grande obra que meia dúzia de espiritas fizeram, quasi sem recursos materiais, contando unicamente com a sua boa vontade e interesse pela expansão da Doutrina: a revivificação, em menos dum ano, do Centro Espiritualista Luz e Amor, que, desde há muito, estava na inactividade, sem sócios, nem dirigentes, e hoje se encontra em plena actividade, com mais de 500 associados e com sede própria em sítio central. Além disso, fundou-se também esta revista, a qual, tanto pela apresentação, como pela riqueza da colaboração, valorizada, não só pelos mais prestigiosos nomes portugueses, senão por muitos dos melhores estrangeiros, mereceu e continua a merecer as mais lisonjeiras referências da imprensa congénere mundial.

Nesta obra dos dirigentes do nosso Centro está a demonstração palpável do poder da vontade e da coordenação do trabalho. Conseguida a união duma pequena parte da família espirita portuguesa, nota-se bem a diferença entre o entusiasmo actual e a situação caótica e desoladora dos últimos anos, em que tanto se fez sentir a falta duma entidade que coordenasse, dirigisse e animasse os esforços e a vontade de tantos elementos que desejavam o progresso da Causa.

Felizmente, espíritos iluminados, homens de tempera antiga, batalhadora de ontem, de hoje e de sempre, souberam, a tempo, travar e aniquilar a vaga de descrença, em virtude duma falsa doutrina que tinha

levado o nosso ideal à desorganização, ao marasmo e ao ridículo.

Escutai, pois, prezados irmãos espiritas:

Quem tem um ideal, deve lutar por ele, a-fim-de se tornar merecedor do triunfo que anela. Assim, o espirita convicto não deve limitar-se a contemplar os os seus confrades que trabalham. Temos que desenvolver o máximo de actividade. Não basta inscrever-

mo-nos como sócio dum centro espirita. Não basta estudar nos livros dos mestres. É necessário partilhar, com o esforço próprio, dos trabalhos do centro ou grupo a que pertencemos. Devemos dar a conhecer em toda a parte e em qualquer ocasião as luzes da Verdade Espirita.

Apelamos para todos. Não basta dizer: sou espirita; não basta dizer: sou cristão; é necessário prová-lo com obras. E só propagando a doutrina e fazendo obras de Amor e Caridade demonstraremos que somos espiritas verdadeiros.

Sacrifiquemos alguns centavos todas as semanas para auxiliar as despesas e propaganda do Centro E. Luz e Amor. Demos o nosso óbulo à Comissão de Beneficên-

cia. Auxiliemos a Causa, conseguindo novos assinantes para *Estudos Psíquicos*.

A obra realizada pela nossa Direcção foi titânica e é nosso dever unir fileiras em torno dela. Todos unidos e convictos da Ideologia, seguros do nosso raciocínio espirita, integrados, cada um, no seu justo valor, de modo a poder desempenhar acção profícua, desfaremos os obstáculos que se oponham à marcha triunfante do nosso Ideal.

Convertamos num facto a completa e total união

## ESTUDOS PSÍQUICOS

*Estudos Psíquicos é o nome duma importante revista doutrinária europeia, editada em Portugal e que já se tornou muito familiar no meio espirita brasileiro. Muito nos tem impressionado a orientação desse brilhante órgão da imprensa portuguesa, pois Estudos Psíquicos é uma revista completa no seu género: doutrinária, é imparcial; orientadora, prima por muito cuidado na preferência dos assuntos, o que a torna mais atraente ainda. Como órgão informativo, é dos que, no Velho Mundo, trazem mais vasto noticiário, especialmente do Espiritismo no Brasil. Sentimos não dispor de maior espaço para dizermos a respeito de Estudos Psíquicos o que deve ser dito sobre tão notável publicação de além-mar.*

*(Da Revista Espirita do Brasil, de Julho de 1940).*



dos espiritas de Portugal! Esqueçamos personalidades, tôdas elas insignificantes, em face da grandiosidade da Causa. Sacrifiquemos divergências teóricas, para podermos conjugar os nossos esforços. Lutaremos em vão, se lutarmos sob o influxo de paixões e preconceitos.

O Espiritismo não impõe crenças em dogmas intangíveis, nem obriga a determinados processos. Apenas aconselha a pesquisa da Verdade, e, quem a procura, não pode confinar-se a sectarismos, porque ela é ilimitada.

Se bem que, por espírito de tolerância, não devamos tolher a menor liberdade de pensamento, é lógico, porém, que nos esforcemos para que a Doutrina não seja deturpada por abusos de seita ou pela ignorância. Bem unidos, podemos, desde já, atenuar e, num futuro próximo, extinguir de vez, o triste espectáculo que aos olhos profanos apresenta a nossa desunião, bem como as nossas divergências doutrinárias e de sistemas. Há muitos grupos isolados e dispersos, fazendo *Espiritismo a seu modo* e lançando-nos no ridículo, prejudicando a Causa e criando essa falsa opinião, formada pelo público ignorante, que nos considera fanáticos ou mentecaptos.

Unificados, com um Centro vigoroso, forte de recursos, podemos dar batalha e levar a exemplificação a todos os cantos de Portugal. E a Verdade triunfará. O fulgor dos seus raios penetrará em todos os corações e o Espiritismo português ficará ao nível do das outras nações.

Espiritas: ¡Unamo-nos e trabalhemos! ¡Não percam tempo; pois, empregando-o mal, não exercemos bem a vida!

Espiritas: ¡Formemos uma só vontade, um só pensamento, uma só disciplina, e o Espiritismo, que é a Verdade, triunfará, porque a Verdade sai sempre vitoriosa!

Trabalhemos com afinco e entusiasmo pelo bem da Humanidade. Onde quer que esteja um espirita, deve estar um propagandista. Onde quer que estejam dois ou três, deve formar-se um grupo. Onde estejam cinco ou seis deve fundar-se um centro. E, em qualquer circunstância, todos eles devem manter-se em perfeito contacto, organizando conferências, trabalho e propaganda.

Queremos partilhar das vossas dificuldades e dos vossos entusiasmos, para que, amanhã, possamos, todos juntos, compartilhar do triunfo definitivo.

As páginas desta revista foram-vos oferecidas para vosso porta-voz. O Centro Espiritualista Luz e Amor vos espera, com braços fraternais bem abertos.

Multipliquemos ao máximo o número de centros e grupos espiritas em Portugal, pois, sendo bem orientados e trabalhando com fé e persistência, por mui

## GRUPO ESPIRITA PAZ E CARIDADE, DE AVEIRO

*Dêste prestante grupo, ao qual nos ligam as mais justificadas simpatias, recebemos a seguinte carta, que muito agradecemos:*

Aveiro, Dezembro de 1940

Sr. Isidoro Duarte Santos  
LISBOA

Meu prezado Confrade

O Grupo Espirita Paz e Caridade aceita e agradece a oferta de *Estudos Psíquicos* para seu porta-voz. Não podia o Centro Espiritualista Luz e Amor comemorar o seu aniversário com maior grandeza.

Os componentes dêste Grupo são todos muito humildes e pouco cultos; mas alguém que por esta terra andou, deixando rasto brilhante e que, agora, por aqui paira, nos anima, dizendo:

— Ninguém se incomode por não ser doutor.

O Grupo Espirita Paz e Caridade é grupo curador e, pelo porta-voz que lhe é oferecido, há-de fazer sentir ao generoso povo da nossa linda terra portuguesa a protecção que Deus dá aos humildes, quando eles se esforcem por conservar a sua moral sempre pura. E que tôdas as vezes que a Graça Divina cai sobre êle, os seus componentes, ao retirarem-se, em paz, para suas casas, vão repetindo as palavras de Jesus, segundo o Evangelho:

— Graças te dou, a ti, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.

Com um abraço que encerra o maior desejo dêste Grupo pelas prosperidades do Centro Espiritualista Luz e Amor, se subscreve

O Director do Grupo Espirita Paz e Caridade  
EDUARDO PINHO DAS NEVES

modestos que sejam, serão novas fontes de propaganda e novos baluartes da futura vitória. Quanto mais propaganda, maior quantidade de semente espalhada; e nós, espiritas, incumbidos, como estamos, da disseminação do puro Cristianismo, devemos semear os frutos que do ensino espirita recebemos.

Espiritas: ¡Unamo-nos e trabalhemos juntos, abrindo os nossos corações à Esperança e à Fé. Com ânimo e sem desfalecimentos, tudo conseguiremos, visto que as grandes obras só parecem impossíveis, enquanto não estão realizadas!

¡Formemos uma só força e, com valentia, com convicção, bem documentados e preparados, enfrentemos as dificuldades que surgirem! ¡Só de nós depende alcançar a vitória, mais tarde ou mais cedo!

Espiritas: ¡Frente erguida! ¡Corações ao Alto!...  
¡O nosso rumo é em frente! ¡O Futuro é nosso!...



# OUTRA VEZ NA TERRA

(1.º Prémio dos Jogos Florais Espiritualistas de 1940,  
organizados pelo Centro Espiritualista Luz e Amor)

*Achei-te, novamente, entre os humanos —  
meu primeiro, meu santo e único amor!...  
Encontrei-te de novo... há tantos anos,  
entre as neves de tanto desamor!...*

*Como benção de Deus, que em graça abunda,  
procuraram a minha soledade  
— como um raio de sol que tudo inunda —  
os teus Livros de amor e de bondade:*

*Os Livros em que vasas da tua alma  
o ensino mais alto, a fé mais pura  
que brandamente a febre nos acalma,  
os teus Livros, poemas de ternura!*

*Quando te ouvi desde o primeiro instante  
— mesmo através de um transparente véu —  
conheci logo o teu amor constante,  
meu doce Amigo, oh doce Amigo meu!*

*Depois, ao ver-te em naves sacrossantas,  
lembrando uma figura medieval,  
li em teus olhos tantas coisas, tantas!...  
a ressurgir da lousa sepulcral...*

*Vão correndo através do mar da vida  
as ondas irrequiescas da paixão,  
cruzando, numa ânsia mal contida,  
— gulf-stream de sangue — o coração.*

*Senti-me presa ao meu passado. Ainda  
procurei duvidar. Tempo perdido:  
Entre saudades numa esperança linda...  
e neste belo sonho eu hei vivido.*

*Mas ouve, amor, eu neste amor abranjo  
da existência a castidade plena;  
a pureza da alma de um arcanjo,  
a líria candura da açucena.*

*Como as asas que batem lá nos ares,  
deixando ouvir uns ideais queixumes;  
como incenso queimado nos altares,  
como as rosas trocando os seus perfumes:*

*Como em plácido mar a onda verde,  
ou como a nuvem branca em céu de estio,  
vai a outra buscando — e não se perde —  
levada em amoroso desvario:*

*Como alvíssimo lírio em chão de abrolhos,  
como o sangue vertido sobre a cruz,  
como o pranto que a virgem tem nos olhos,  
como as lágrimas santas de Jesus.*

*! Há quantos anos, dize, tens buscado  
o teu antigo amor retribuído?!...  
esse amor do martírio assinalado,  
nos espaços astrais de onde hás descido?...*

*Oh meu Amado, atende, eu julgo amar-te  
na terra e lá no Céu — ! que estranho amor! —  
Esta glória que eu tive de encontrar-te  
compensa a vida inteira imersa em dor.*

*Depois, adormecido num profundo  
sonho ideal, que me transporte Além,  
como eu chorei quando deixaste o mundo,  
chora por mim quando eu fugir também.*

*E mais tarde, buscando outra guarida  
nos jardins divinais e perfumados,  
! seremos num amor, numa só vida,  
fatos de luz, guiando os desgraçados!...*

EMILIA POMAR DE SOUSA MACHADO

---

## ALMAS DO OUTRO MUNDO...

A filosofia que não receia comprometer-se no exame de toda a espécie de questões fúteis, sente-se, em geral, muito embaraçada, quando encontra certos factos de que não poderia, impunemente, duvidar e nos quais não poderia crer, sem se tornar ridícula. É o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a filosofia seja mais sensível, do que a de credulidade e adesão às superstições vulgares. Os que se enfeitam, de barato, com o nome e relêvo de sábios, motejam de tudo o que é inexplicável. É isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, e desmentidas, impiedosamente, em público. Podemos ter a certeza de que jámais uma academia de ciências escolherá semelhante matéria para concurso, não porque algum dos seus membros se persuada da futilidade e da mentira de todas essas narrativas, mas simplesmente porque as leis da prudência põem sábios limites a semelhantes questões. As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes secretos e serão sempre objecto, em público, de incredulidade de bom tom. Quanto a mim, a ignorância em que estão acerca da forma pela qual o espírito entra neste mundo e dele sai impede-me de negar a verdade das narrativas em curso. Por uma reserva que pode parecer singular, permite-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de os acreditar no seu conjunto.

Emmanuel Kant



# A propósito de um aniversário

pelo Coronel Faure da Rosa

## CENTRO E. LUZ E AMOR

pelo Dr. António J. Freire

**P**ENSAR, todos pensam: uns bem, outros mal. Nem podia deixar de ser assim, porque tôdas as manifestações da vida são cheias de contrastes. Hoje, duvida-se até que haja criaturas que não pensem, ou, pelo menos, que não tenham sensibilidade, desde que o fisiologista hindú, Jagadís Bose, demonstrou que os próprios metais apresentam sintomas de fadiga, de «surmenage»; desde que os próprios metais se tornam inertes depois de um repouso muito prolongado; desde que o frio intenso os deprime, os faz cair em letargia; desde que se sabe que até adormecem e acordam.

Singular, mas verdadeiro. São as provas laboratoriais que o asseveram.

O pensamento, a idea, surge ao homem sem se saber como, e, quando se julga possuí-la, sente-se, pelo contrário, que é a idea que se apodera da gente. A idea persegue-nos a todo o instante, obceca-nos. Então, é necessário que a acção subsequente a aqueça, a levante, a ponha de pé, a fim de não a deixarmos arrefecer, de evitarmos — como acontece aos metais — que venha a cair em letargia demorada, donde, nestes casos, raras vezes acorda.

Os homens que puseram de pé a idea do renascimento do Centro Espiritualista «Luz e Amor», nunca sentiram aquêle frio intenso que conduz os metais à letargia. O Centro aí está, cada vez mais cheio de vitalidade sã e activa.

Subjectivamente, o Centro «Luz e Amor» é uma manifestação reencarnacionista; objectivamente, é o traço de união entre os velhos e os novos estudiosos do Néó-espiritualismo.

¿Que importa o desdém de uns e a arrogância de outros?

A tolerância da nossa doutrina, manda-nos ser indiferentes a uns e a outros; o que não quer dizer que aceitemos o estéril conformismo. Nós bem sabemos que só o esforço próprio nos melhora, nos faz progredir. Lutar, lutar sempre. A primeira luta é a que temos de travar connôco, para conseguirmos que o espírito se sobreponha à matéria. Só assim conseguiremos ser tolerantes, sem sermos conformistas; só assim conseguiremos dar exemplos úteis. E, para educar, nada há como o exemplo... exemplo que venha de «cima», dos mais adiantados, ou que julgam sê-lo, para que os que estão «debaixo» possam ver com um leve levantar de olhos.

A obra existe. Saibamos continuá-la e que as gerações vindouras saibam continuá-la e melhorá-la.

**A** todos aquêles que, sincera e dedicadamente, se interessam pelo progresso do Espiritismo, não poderia ficar despercebido o 1.º Aniversário do Centro Espiritualista Luz e Amor, na sua nova fase de oportuno ressurgimento por que está passando actualmente.

Trata-se de um antigo Centro espírita a que estão ligadas as mais gloriosas e inesquecíveis tradições, sobressaindo pela sua transcendência e capital importância: O 1.º Congresso Espírita Português (Maio de 1925); e a fundação e organização da Federação Espírita Portuguesa (1926), realizações intimamente estruturadas na sua actividade, iniciativa, influência e prestígio.

Desejo, pois, aproveitar esta feliz oportunidade para prestar a devida homenagem aos actuais dirigentes do Centro Espiritualista Luz e Amor por terem sabido honrar, na mesma linha de continuidade, as gloriosas tradições dêste Centro, facultando-lhe tôda a sua dedicação, actividade e inteligência num admirável e invulgar espírito de sacrifício, imprimindo-lhe um bem orientado e moderno dinamismo, digno de todos os louvores e aplausos.

Merece-me especial referência o seu órgão oficial — *Estudos Psíquicos* — uma das melhores revistas neo-espiritualistas editadas em língua portuguesa, cujos triunfos se contam pelos números aparecidos, iniciando agora o seu segundo ano de publicação. A vulgarização e propaganda desta revista por parte dos espíritas portugueses, independentemente de qualquer filiação associativa, parece-me constituir um dos melhores serviços prestados ao nosso Ideal, devido à proficiência, carinho e espírito crítico que presidem à sua orientação científica e cristã. A época calamitosa e catastrófica, que conturba e dilacera a Humanidade num mar de sangue e de lágrimas, de destruições satânicas e de angústias cruciantes, impõe um revigoreamento e intensificação de propaganda neo-espiritualista. A dor, assim como as vicissitudes dos Mundos e das Almas, só podem ser, lógica e racionalmente, compreendidas à face dos ensinamentos neo-espiritualistas, no seu complexo de causas e efeitos, ligando na mesma linha de continuidade cada vida presente às vidas passadas e às vidas futuras, através dos princípios básicos e luminosos do reencarnacionismo e do karma. A propaganda e vulgarização dêstes princípios neo-espiritualistas, sem o auxílio dos quais seria incompreensível a Vida e a Evolução, no seu duplo aspecto — Vida-forma, Espírito-matéria — constituem, à hora que passa,



# SEARA EVANGÉLICA

por Henrique Magalhães

(Representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

## A falibilidade dos homens

**E**M cada século, o progresso científico renova a sua concepção acêrca dos mais importantes problemas da vida.

Raramente, os verdadeiros sábios são compreendidos por seus contemporâneos. Se as contradições dos estudiosos são o sinal de que a ciência evolue sempre, eles atestam, igualmente, a falibilidade humana e a fraqueza e a inconsciência dos seus conhecimentos.

Dizem os adeptos da Escola Materialista que o pensamento religioso é uma utopia. Tal afirmativa carece de fundamento, e, se formos examinar o passado, verificamos que todos os sistemas e as grandes reformas sociais apoiaram-se nas religiões. Aí residem as bases fundamentais de todo o edifício pretérito das instituições.

Nenhuma teoria científica, nenhum programa de reedificação, podem roubar ao mundo a ideia de Deus e da imortalidade do ser, inata no coração dos homens. As ideologias novas também não conseguirão eliminá-la. A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado do Criador.

Necessário, porém, é fazer selecção de religião e religiões. A religião é o sentimento divino que

---

um dever indeclinável para todos os neo-espiritualistas dignos deste nome.

Só uma espiritualização racional e científica da Humanidade poderá atenuar e esclarecer a tremenda catástrofe que a tortura e dilacera no ciclo presente.

Intensificar num mesmo ritmo acelerado bem compreendido e melhor orientado, a propaganda espirita é um dever cristão.

O Espiritismo é, indubitavelmente, pelos seus princípios cristãos e bases científicas, moldadas no método positivo clássico, o instrumento ideal para a regeneração moral e espiritualização da Humanidade, impondo o triunfo decisivo do Cristianismo, *em espírito e verdade*, quer pela inteligência quer pelo coração.

prende os homens ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas, como eles próprios. A verdadeira religião, é edificada na humildade e sabedoria divinas. Esta imprime ao homem a tolerância e o saber, edificando dentro de cada um a sua própria luz, pelo esforço realizado.

Aquelas, as religiões dos homens, têm suas raízes nas grandezas da Terra. As suas bases firmam-se nos dogmas, e as instituições políticas formam a sua cúpula. A intolerância faz parte do seu todo, e julgam-se, cada uma de per si, senhoras absolutas da verdade. Os que têm outras ideias religiosas, segundo o seu conceito, são réprobos.

E assim levam-se guerreando mutuamente, sempre em campos opostos, esquecendo-se de que o Deus que umas e outras adoram é o mesmo, Pai de todos e de toda a humanidade.

É mesmo uma incoerência, a religião dos homens.

— Oh irmãos, que confiais na Providência Divina: do portal de claridades do Além-Túmulo, os nossos irmãos maiores descem dos espaços siderais e estendem-nos suas mãos fraternas, convidando-nos ao banquete. Suas palavras correm sobre o mundo, como um sopro poderoso de verdade.

A morte não existe e o espírito é a única realidade imutável da existência. Todas as Babilônias do passado jazem no pó dos tempos, com as suas glórias reduzidas a um punhado de cinza; mas, dentro do Universo, mil laços nos unem. Sobre as ruínas, sobre os escombros das civilizações mortas e dos templos desmoronados, nós viveremos eternamente.

Uma justiça soberana, íntegra e misericordiosa, preside aos nossos destinos. Na terra ou no espaço, unamos os nossos esforços pelo bem colectivo. Guardemos connosco o sagrado património das crenças, porque, acima das coisas transitórias do mundo, há uma Sabedoria Integral e uma Ordem Inviolável. Lutemos, pois, com destemor e coragem, porque Deus é justo e a alma é imortal. Tomemos por bússola, nessa luta árdua mas gloriosa, a verdadeira religião, aquela que teve suas raízes na antiga Jerusalém.

Nem todos os materialistas, por mais sábios que sejam, nem os grandes senhores da terra, nem poder algum, poderá impedir a disseminação dessa religião, pois que ela emana de Deus. Aconchegai-vos a ela,

Novembro 1940.

hº 8, am 2º



Irmãos meus. Ela é a árvore da vida, e essa árvore é portentosa; os seus ramos estendem-se até ao Infinito.

Seu nome é Evangelho, e seu tronco, Jesus Cristo. Abrigai-vos à sua sombra, oh vós, que vergais ao peso dos erros. Ela refrescará a vossa fronte, dando-vos alento e coragem para proseguirdes na vossa jornada dolorosa, mas que, com os séculos, transformar-se-á em jornada gloriosa.

### «Seja o maior dentre vós, o servo do seu irmão»

«Os reis dos gentios dominam sobre eles. Mas, não sereis vós assim. Seja o maior, dentre vós, o que serve a seus irmãos». — Lucas, cap. 22. —

¿Quem de nós outros quere servir aos seus irmãos? ¿Qual de nós quere ser o menor? Todos emudecem, porque todos quere mandar e ninguém quere servir. Todos têm direitos, mas ninguém quere ter deveres. Todos quere ser grandes, das grandezas do mundo. Se somos chamados para uma função qualquer, logo quere mos galgar os últimos postos.

Para isso conseguir, não trepidamos, muitas vezes, em intrigar os nossos companheiros, e, em sentido inverso, adulamos os potentados.

«Seja o maior entre vós, o que serve a seus irmãos.» — Os homens riscaram essa palavra dos seus corações. Todos quere ser maiores, não segundo os ensinamentos do Cristo, e sim, segundo as leis dos homens. Como, porém, as leis dos homens são falhas, eis que essas grandezas redundam em contrário daquilo que quere mos ser, e desmoronam, como a casa construída em cima da areia. Esta, vem a enchurrada, leva a areia, e a casa é arrastada pela torrente. Aquelas, as grandezas do mundo, quando a morte vem, leva-as, junto com a matéria e com esta são sepultadas. E o espírito do homem entra pobre e pequeno, na vida espiritual. Pobre de sentimentos, de resignação e de humildade.

Por todos quere rem ser grandes, segundo as leis da terra, há dissídios entre os homens; há ódios e rancores; há divisão em tudo e em toda a parte. Assistimos estarrécidos à divisão nos lares; divisões na sociedade; divisões entre os povos, tendo por causa as grandezas do mundo.

Vemos, contristados, divisões, mesmo nos lugares santos, que são todos aqueles onde se prega o Evangelho, tendo por causa esse espírito de grandeza. Há ovelhas, que se dispersam, mesmo em centros espiritas, tendo por causa a divisão no seu próprio seio. E essa divisão é causada, sempre, por este julgar os seus direitos feridos, por aquele julgar que tem direito a

ocupar cargo maior. Entretanto, Jesus disse: — «Seja o maior entre vós, o que serve a seus irmãos».

¿Quem quere rá servir a seus irmãos? ¿Quem quere rá ser grande, segundo as leis do Cristo? Tu, leitor amigo, possues os meios de chegar a esse fim, tão desejado por todos, mas por todos desprezado.

Em ti dormita uma centelha de luz, à espera da tua boa vontade, para elevar a sua chama até aos pés do Altíssimo.

Procura, amigo, ser grande, não dos poderes da terra, que traem as nossas consciências, mas, sim, grande de sentimentos bons. Desenvolve, irmão meu, esses sentimentos com humildade, preferindo ser pequeno na terra e servir aos teus irmãos.

Serve o pobre de sentimentos, com um conselho altruista. Serve o grande da terra, dando-lhe um exemplo de desprendimento. Serve o orgulhoso, dando-lhe um exemplo de humildade. Serve o egoísta dando-lhe o exemplo da renúncia. Procura os cargos menores, para que Deus te dê o maior galardão. Procura ter deveres e despreza os direitos.

A procura dos direitos embrutece as almas; o cumprimento dos deveres eleva os nossos espíritos. Deveres a cumprir, sempre deveres, deve ser o nosso lema.

Dever de perdoar; dever de ir à mansarda, ao baração, à cabana, assistir o necessitado e o doente. Dever de elevar a moral do que, estando à beira do abismo, está prestes a suicidar-se, dando-lhe coragem e despertando as suas forças adormecidas, para que reaja e vença a sua fraqueza. Dever de vestir o nú; dever de recolher os velhinhos que não têm lar; dever de humildade.

Quem procura os deveres, despreza os seus direitos, porque o dever, em si mesmo, é altruismo, é abnegação, é caridade, é sentimento, é bondade, é desinteresse. Procura, irmão, ter direitos no Céu, cumprindo os deveres na terra.

Quem procura os deveres, ajunta; quem quere que prevaleçam os seus direitos, espalha. Quem procura os deveres, constrói; quem busca ter direitos, destrói. Quem procura fazer valer os seus direitos, quere brigas, questões ou guerras; o que procura os deveres, quere Paz. Paz na consciência, Paz no espírito, Paz entre os homens.

«Quem quizer ser o maior, seja o servo dos seus irmãos».

Que assim seja.

Rio de Janeiro

---

Tinha-me rido, como muita gente, do fenómeno espirita, mas o que tomei pelo riso de Voltaire, não era mais que o riso do idiota, bastante mais frequente que o primeiro.

Eugénio Bonnemere



# UM ANO DE PROPAGANDA

## INAUGURAÇÃO DA SEDE DO CENTRO E. LUZ E AMOR

CONFORME fôra anunciado no número 7 desta revista, no dia 10 de Novembro de 1940, às 15 horas realizou-se no salão de conferências da Sociedade Teosófica a sessão comemorativa do 1.º aniversário do regresso à actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor. No mesmo dia, às 21 horas, procedeu-se à inauguração oficial da sede do Centro, na Rua do Salitre. Tanto a reunião da tarde, como a da noite, foram muito concorridas e decorreram num ambiente de franca simpatia e de verdadeira camaradagem, que deram a todos, mais uma vez, a certeza da grande utilidade destas reuniões para o estreitamento das relações entre os membros da já numerosa família espirita. As salas estavam à cunha. Pena é que a incompreensão de alguns confrades mais evadidos de preconceitos os leve a não confraternizarem connosco, não obstante estarem filiados noutras agremiações espiritas. Estamos, porém, certos de que as trevas se dissiparão e, na hora própria, hão-de responder à chamada, vindo até nós com o abraço fraternal, símbolo da forte união e solidariedade que devem ligar os arautos da revelação das revelações.

Quem se sentir espirita pelo coração, há de concordar que só da união de todos os espiritas portugueses pode resultar um bloco homogéneo de vontades que postas ao serviço da espiritualização dos homens, muito há de contribuir para o aniquilamento do materialismo e do erro, e, consequentemente, para o estabelecimento da Paz na Terra.

A sessão da tarde, realizada no salão da Sociedade Teosófica, foi presidida pelo Dr. José Joaquim Gaita na qualidade de representante da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Pôrto, secretariado pelos confrades D. Emília Marques, e D. Dolores Cirera i Vendrell.

Feita a concentração prévia, enquanto o secretário geral lia a prece que servira para a inauguração dos trabalhos do Centro relativos ao ano de 1939-1940, descritos no n.º 2 da nossa revista, o presidente da mesa abriu a sessão e agradeceu à Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor a honra de ter concedido à agremiação sua representada a presidência desta reunião, dando assim mais uma prova da sincera amizade com que a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas é acolhida no seu seio.

A Sociedade Portuense congratula-se com os progressos do Centro Espiritualista Luz e Amor, faz votos pelas suas futuras prosperidades e mais uma vez oferece o seu desinteressado concurso para a tarefa ingente de firmar em bases sólidas a agremiação lisboense que regressou à actividade numa curva trágica da história do mundo, num momento em que o desânimo abatia os mais fortes paladinos da doutrina, e as condições materiais de muitos obrigavam a evitar as mais pequenas despesas. Lamenta a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, não lhe ser possível fazer-se representar por uma delegação dos seus filiados, mas pode afirmar que se não há a presença corporal, há a espiritual, pois, no momento em que nós confraternizamos, os pensamentos dos espiritas da ca-

pital nortenha encontram-se com os nossos próprios pensamentos no Alto, e connosco suplicam pela Paz da humanidade, e fazem votos pelo progresso do Espiritismo.

Em seguida, falou o Presidente da Direcção, acêrca da obra do Centro, do entusiasmo das primeiras horas, dos primeiros revezes sofridos, da fé que pairava em todos os corações, acalentados pelo desejo ardente de chegar ao fim da jornada.

Recordando as conferências realizadas, disse que elas eram a afirmação incontroversa da vitalidade da obra que ali se comemorava. Lembrou as festas de confraternização, a alegria sã que reinou em tôdas elas os pedidos de inscrição que afluíam de toda a parte...

— Quando mais tranqüilidade parecia haver no trabalho empreendido — exclamou — eis que novas dificuldades surgem, com estigmas de ameaças e perseguições. Mas o nosso espírito familiar incitava-nos: — «Nada de temores. O caminho é em frente. Oraí pelos vossos inimigos e trabalhai sem receio. O triunfo pertence àqueles que mais puras armas usarem. Não vos niveis com os que pretendem o vosso aniquilamento».

«E novo impulso fazia avolumar a nossa obra e nova esperança enchia as nossas almas inquietas, sedentas de harmonia espiritual...

«Só em Novembro, vieram 90 associados. Era a consagração do nosso esforço desinteressado e útil, era a prova irrefutável de que estávamos no bom caminho».

Falou de *Estudos Psíquicos* e dos seus colaboradores, da projecção que o órgão do Centro tem mantido desde o primeiro número, das cartas de incitamento que recebe, tanto de Portugal, como do estrangeiro... dos donativos oferecidos, pondo em relêvo o nome do grande amigo do Centro, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro, figura veneranda, cuja inteireza moral faz lembrar os puritanos de outras eras.

E pondo na sua palavra comunicativo entusiasmo, declara:

— A bola de neve que iamos rolando, à custa de esforço constante, já não cabia numa sede provisória. Era necessário alargar o espaço, era necessário uma sede própria, onde pudéssemos reunir o maior número de adeptos, dispostos a lutar intensamente pelo ideal do nosso coração.

«E a sede foi um facto, porque soubemos querer, porque porfiámos na objectivação dessa idea permanente.

«Mas, agora, temos que olhar para o futuro. O que está feito nada é, comparado com o muito que nos compete fazer. Entrámos no campo dos trabalhos práticos. Que os sócios formem grupos, muitos grupos, para desenvolvimento da mediunidade, para obtenção de curas físicas e psíquicas e para investigação dos fenómenos.

«É preciso estudar muito, para experimentar conscienciosamente.

Terminou, afirmando que a Direcção está pronta



a auxiliar os grupos que se organizarem, aconselhando a união colectiva para que o Espiritismo em Portugal deixe de ser planta exótica e se transforme num roble frondoso que nos cubra a todos.

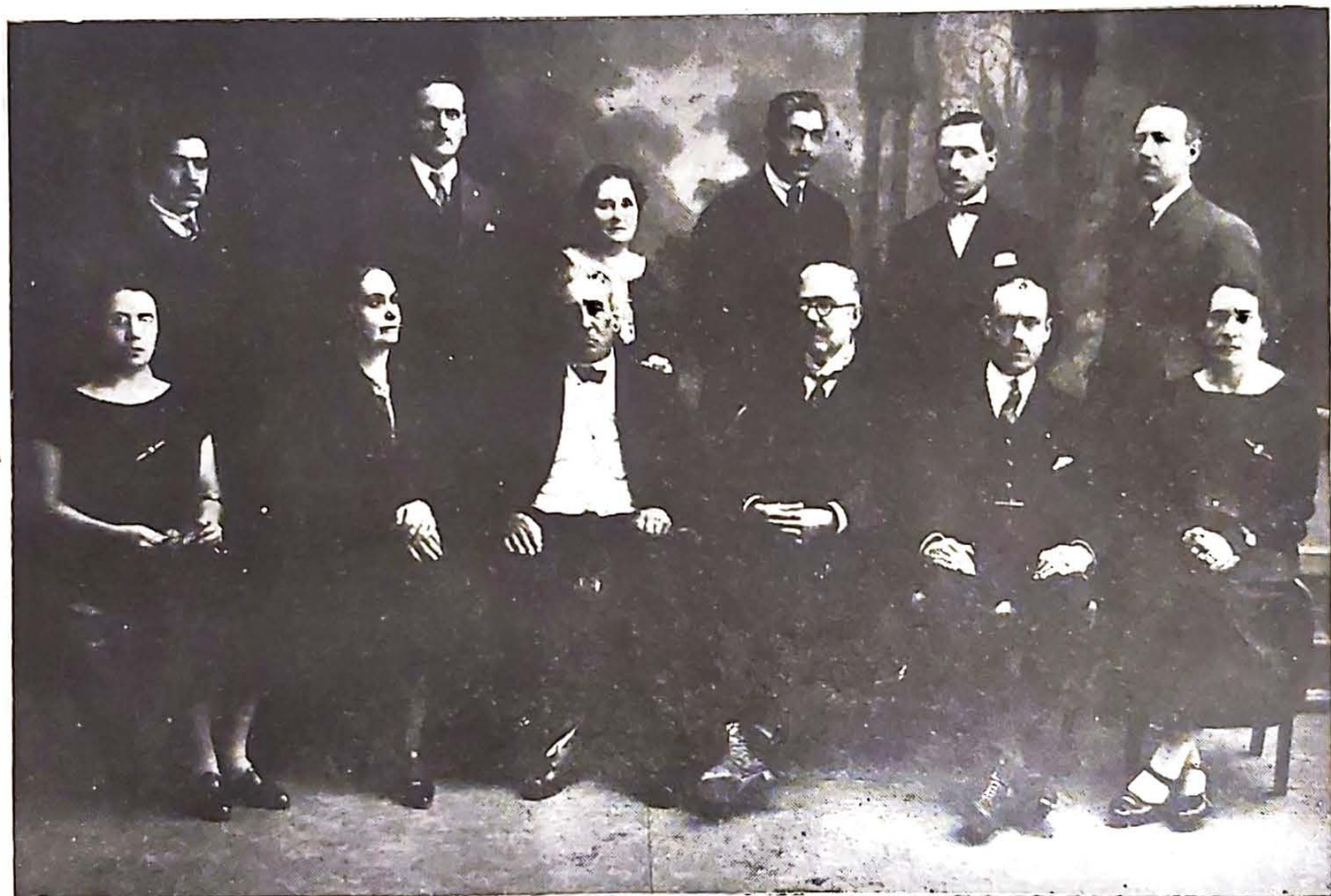
Assim terminou o confrade Isidoro Santos a sua pequena mas agradável exposição.

Sobe ao estrado o confrade Sr. Coronel Faure da Rosa, a cuja voz autorizada e persuasiva a assistência presta silenciosa atenção, encantada pelos conceitos morais e filosóficos expendidos pelo orador. As suas

que lê um pequeno discurso, com o entusiasmo, sinceridade e convicção de quem sabe que labora em boa terra na vinha do Senhor.

Referindo-se aos jogos florais espiritualistas, à Juventude Espirita e aos esforços da Direcção no sentido de elevar e prestigiar o nosso Centro, teve palavras de incitamento para todos:

— ¡Cantemos a poesia da vida, com as mais belas estrofes, — exclamou. Cantemos e propaguemos a elevada moral cristã! Demos livre saída ao impulso ro-



ALGUNS MEMBROS DOS PRIMITIVOS CORPOS GERENTES DO «LUZ E AMOR»

*Da esquerda para a direita — 1.ª fila: D. DINAH SANTOS LIMA, D. MARIA VELEDA, GENERAL PASSALÁQUA, HORÁCIO INGLÊS TAVARES, JOSÉ M. PEREIRA BRAVO, D. ELISA S. LIMA. 2.ª fila — ANT.º MENDES DA SILVA, CAPITÃO A. M. DA SILVA FLORES, C. CARINHA, JOÃO JOSÉ ALVES e ANTÓNIO J. CORRÊA.*

palavras giraram à volta da tolerância e amor do próximo que devem ser praticados pelos espiritas.

Em abôno da sua prática lê e explica a parábola do bom samaritano, concluindo por aconselhar a leitura cotidiana dos Evangelhos e a meditação nos seus ensinamentos, por ser o melhor processo de curar as dores morais e a única forma de o homem chegar à perfeição de amar o próximo como a si mesmo.

Segue-se-lhe o confrade Manuel Tavares que num belo improvisado falou na excelência da doutrina espirita que nos obriga a ser bons e a não fazer aos outros o que não queremos que nos façam.

Praticar o Bem é a melhor forma do crente revelar a sua convicção espirita.

Finalmente, é dada a palavra ao confrade Vendrell,

mântico que todos nós possuímos no íntimo da alma. Este romanticismo nos fará sonhadores e estes sonhos criarão em nós um ideal regenerador que nos porá em mais estreito contacto com Deus.

«Unamo-nos todos, sem receios, nem restricções de qualquer espécie! Que cantem os poetas, que discurssem os oradores, que escrevam os mestres. Formemos um único pensamento e uma única força. Só unidos e bem equilibrados poderemos dizer como Arquimedes: — «Dai-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu levantarei o mundo!». Essa alavanca é a doutrina espirita e o ponto de apoio é a caridade.

Com estas palavras entusiásticas terminou a primeira parte desta festa comemorativa.

A segunda parte foi preenchida pela leitura das



poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas de 1940 e por recitações dos confrades Dr. Dias de Sousa e capitão Estêvão Rodrigues.

O júri, constituído pelo Presidente, Vice-presidente e secretário geral da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, conferiu prémios a três produções e menções honrosas a quatro.

O primeiro prémio coube à poesia «Outra vez na Terra», subscrita por *Leímia*, pseudónimo da ilustre poetisa, decana dos escritores espiritas portugueses, D.

Abertos os envelopes lacrados, onde se guardavam as identidades dos autores das poesias premiadas, eram estas lidas pelo confrade Secretário Geral e a todas a assistência dispensou fartos aplausos.

Seguiu-se o confrade Estêvão Rodrigues que disse uma poesia de sua autoria e o confrade Dr. Dias de Sousa, com a poesia «A Lágrima», de Guerra Junqueiro.

Feita a concentração final, foram encerrados os trabalhos, eram 19 horas.



OS MEMBROS DOS CORPOS GERENTES ACTUAIS

*Da esquerda para a direita — 1.ª fila:* D. MARIA G. DUARTE SANTOS, DR. JOSÉ GAIFA, ISIDORO DUARTE SANTOS, DR. ELVIRO MARTINS, M. TAVARES, DR. DIAS DE SOUSA, D. MARIA IVONE DE ABREU; *2.ª fila:* JOÃO J. ALVES, A. DA SILVA TEIXEIRA, EDUARDO MATOS, JOSÉ AUGUSTO GONÇALVES, ANTÓNIO ALEXANDRE; *3.ª fila:* SILVA TAVARES, RUFINO A. LOPES BRAGANÇA, J. VENDRELL, A. CASTANHEIRA DE MOURA, CUSTÓDIO RODRIGUES e JOSÉ PEREIRA SERRA.

Emília Pomar de Sousa Machado. O segundo foi atribuído à poesia «Fé e Esperança», subscrita por *Ralfis*, pseudónimo do sr. Luiz Filipe Lôbo de Aguiar, confrade de Luanda.

Com o terceiro foi premiada a poesia intitulada «Contos da minha conta», da autoria do confrade capitão Estêvão Rodrigues, trabalhador activo da seara espirita, que se encobria sob o pseudónimo de *Lumen*.

As quatro menções honrosas couberam às poesias «Luz e Amor», «O teu ódio», «A Noite» e «Estrélas», subscritas respectivamente, por Francisco Ventura, do Cadaval; Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim, e as duas últimas por Manuel de Sousa, de Silves.

A noite, às 21 horas, procedeu-se à inauguração oficial da sede na Rua do Salitre, 149, 1.º-D, com uma sessão solene, imposição do emblema do Centro aos sócios e nova leitura das poesias premiadas nos Jogos Florais Espiritualistas.

A mesa foi constituída sob a presidência do confrade Isidoro Santos, secretariado pelos confrades J. Vendrell e José A. Pais de Carvalho, assinante n.º 1 da revista *Estudos Psíquicos*, o qual se deslocou de Mesquitela, onde reside, para assistir a esta bela sessão.

Feita a concentração preliminar, o presidente abriu a sessão, pronunciando algumas palavras alusivas ao



# JORNADA VITORIOSA

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

**D**ECORREU, com a maior felicidade e o mais absoluto sucesso, o primeiro ano de trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, na nova fase da sua existência.

Farol que voltou a brilhar por entre as trevas do materialismo e do erro; baluarte novamente erguido para a propaganda e defesa do Espiritismo Cristão, o Centro Espiritualista Luz e Amor correspondeu, inteiramente, ao que d'ele se esperava, retomando e mantendo intacta a sua posição de guarda-avançada do movimento Nêo-Espiritualista português.

O programa traçado em Novembro de 1939 cumpriu-se sem uma falta, mercê da dedicação de muitos, do apôio e incentivo que de t'oda a parte nos chegavam e da confiança que aos espiritas portugueses mereciam aquêles que se encontravam à frente dos destinos do Centro.

A luta foi de todos os dias, mas todos os dias, também, descia sôbre nós o auxilio dos nossos Amigos do espaço, a retemperar-nos as fôrças, a aclarar-nos o entendimento, a encher-nos os corações de fé e ensinando-nos a perdoar.

A luta foi árdua, mas não há quem possa, com verdade e com justiça, através dêstes doze meses passados, apontar-nos uma só attitude contrária aos mandamentos da Doutrina, dizer que agimos, uma única vez que fôsse, em prejuizo da Causa, ou acusar-nos de não termos procurado conseguir, por t'odas as formas, o necessário prestígio do Espiritismo e a desejada união da família espirita.

A nossa obra está patente e é já apoiada por quinhentos espiritas, quinhentas almas que conhecem a elevação dos propósitos que nos movem e reconhecem a necessidade da nossa actuação dentro do movimento espirita português.

actos, dizendo que a sessão que ia realizar-se tinha para nós um elevado significado, pois comemorava a inauguração oficial da nossa casa, do nosso refúgio espiritual, onde todos, sócios e não sócios, teriam carinhoso acolhimento. E agora, que tínhamos conseguido um dos maiores objectivos colimados, era dever de todos não afrouxar na propaganda, para que a 'aureola do Centro fôsse cada vez maior, para que a sua projecção ultrapassasse os nossos próprios desejos.

Foi dada, em seguida, a palavra, ao Secretário Geral do Centro, Dr. Pedro Dias de Sousa, que principiou por dizer que visto já haver uma sede própria, tornava-se mister prestigiá-la e trabalhar pelo seu engrandecimento. E nenhuma forma lhe parecia mais

Este triunfo indiscutível, esta vitória fulminante, e não poderão constituir para aquêles que teimam em adulterar a nossa obra, as provas decisivas de que a existência do Centro Espiritualista Luz e Amor preenche uma lacuna dentro do Espiritismo português?

\* \* \*

Já iniciámos outra fatigante jornada; já nos pusemos a caminho para enfrentar e vencer, maiores e mais difíceis obstáculos, se necessário fôr; vamos pôr à prova, uma vez ainda, a nossa dedicação pela Causa, o nosso empenho em fazê-la conhecida e respeitada.

Partimos para nova jornada, cheios de fé e de esperança, amparados cada vez mais fortemente, pela consciência dos verdadeiros espiritas portugueses, pois em t'orno da bandeira do Centro Espiritualista Luz e Amor agrupam-se hoje, além dos seus quinhentos associados, mais alguns Centros e Grupos Espiritas de diferentes pontos do país.

Tal como a que passou, esta nova jornada será também vitoriosa, se nos mantivermos, serenamente, no caminho que traçámos, se soubermos continuar merecendo a simpatia e o aplauso de quantos nos acompanharam até aqui.

Ergamos, pois, todos aquêles que estamos empenhados nesta Cruzada de ressurgimento, os nossos corações para o Alto, ergamo-los para os Guias Tutelares do Centro, para os nossos Amigos do espaço; ponhamo-nos em comunicação com Êles através dos nossos pensamentos e mostremo-nos agradecidos pelo auxilio que nos tem sido dado. Mostremo-nos, também, merecedores de continuarmos nesta trincheira, batendo-nos em defesa do Espiritismo, contribuindo, assim, com a nossa quota parte, para o triunfo, entre os homens, da sublime doutrina de Jesus.

asada do que o estudo da Doutrina, para nos tornarmos perfeitamente conscientes da fé que abraçámos e aptos a defendê-la e propagá-la.

Recomendou, também, a formação dos grupos experimentais, de acôrdo com as indicações dos mestres do Espiritismo, demonstrando, mais uma vez, que é nesses pequenos círculos que os resultados da experimentação são mais satisfatórios.

O Presidente fêz o convite à concentração final, depois do que encerrou os trabalhos de tão memorável reunião, fazendo votos pela realização de muitas festas semelhantes e por uma frequência cada vez maior. Só assim — concluiu — demonstraremos amor ao Centro e à Causa.



# Mensagem mediúnica de «Emmanuel» sobre a Missão do Esperanto

por Ismael Gomes Braga

*Em artigo anterior prometíamos aos nossos caros irmãos d'Além-Mar transmitir-lhes uma comunicação do Guia Emmanuel. Alguns trechos dessa obra mediúnica não interessam fora do Brasil e serão suprimidos aqui, ganhando-se dessa maneira espaço para alguns comentários que nos parecem oportunos.*

*A mensagem foi recebida em cinco ou seis minutos, na sessão pública do Grupo Espirita «Luiz Gonzaga», em Pedro Leopoldo, no dia 19 de Janeiro de 1940, pelo médium Francisco Cândido Xavier. O presidente da sessão substituiu as folhas escritas por outras em branco, sobre as quais corria celeremente o lápis do médium. Éramos vinte e tal pessoas na sala de sessões fartamente iluminada. O trabalho correu no mesmo ritmo, do início ao fim, sem uma única hesitação.*

*Começa assim:*

«No amontoado de transformações do mundo, não são poucos os núcleos de organização espiritual que se instalam na Terra, com vistas ao porvir da humanidade. Se por toda a parte observamos o esboramento das obras humanas, renovando-se o caminho da civilização, contemplamos também esses exércitos de operários das edificações do futuro, como se fôssem os obreiros de um mundo novo, dispersos nas estradas terrestres, reajustando as suas directrizes. São esses, sim, os operários do progresso divino, empunhando o alvião formidável da fé, confiando, acima de tudo, n'Aquêle que constitui a luz dos nossos destinos. No acervo dêsse aparelhamento de energias renovadoras, com vistas ao milénio vindouro, quero referir-me ao Esperanto, abraçando fraternalmente o nosso irmão que se constituiu em pregoeiro sincero da sua causa, obedecendo àquêle determinismo divino das tarefas recebidas nas luzes do plano espiritual.

«Jesus afirmava não ter vindo ao planeta para destruir a Lei, como o Espiritismo não surgiu, na sua feição de Consolador, para eliminar as religiões existentes. O Mestre vinha cumprir os princípios da Lei, como a Doutrina Consoladora vem para restauração da Verdade, reconduzindo a esperança aos corações nesta hora tórva do mundo em que todos os valores morais do orbe periclitam nos seus fundamentos, em face das doutrinas de violência que embriagaram o cérebro desta civilização, como um veneno amargo adulterando as energias de um corpo envelhecido.

«O Esperanto, também, amigos, não vem destruir as línguas utilizadas no mundo, no intercâmbio dos pensamentos. A sua missão é a tarefa superior da união e da fraternidade, a caminho da unidade universalista. Seus princípios são os da concórdia e seus apóstolos são igualmente companheiros de quantos se sacrificaram pelo ideal divino da solidariedade humana, nessas ou naquelas circunstâncias.

«A Língua Auxiliar é um dos mais fortes brados de fraternidade que ainda se ouve em nosso planeta, empobrecido de valores espirituais neste instante.....»

*Aqui, suprimimos um longo trecho que presumimos não interessar aos nossos amigos lusitanos. Depois, prossegue Emmanuel:*

«...Entretanto, a grande Europa, aquela entidade materna e sublime que cooperou no aperfeiçoamento humano, que instruiu e educou, elevando o espírito do mundo, essa não tem advogados, não possui uma única voz que externe os gemidos de seu coração dilacerado, porque as fronteiras dividiram todos os seus filhos, como largas divisões de areia e de aço, transformando-a naquele deserto triste de corações, onde não existe a fonte do amor, reconfortando as almas. Sim, nesta hora, o Esperanto é uma força que promete a união e a harmonia, pela facilidade a se estabelecer na troca dos valores universais pelo pensamento em forma universalista. ¿Sonho? ¿Propaganda pelas palavras? ¿Novo movimento para criar um interesse económico? Todas essas suposições poderão ser aventadas pelos espíritos desprevenidos. Mas somente pelos desprevenidos que aguardam a adesão geral para expressarem a sua cómoda preferência. Os que buscam, todavia, a luz da sinceridade para o exame de todos os assuntos, saberão encontrar no movimento esperantista essa claridade renovadora que, em realizações sagradas, desde agora, esclarecerá, mais tarde, as ideias do mundo, fazendo ressaltar a nobreza de seus princípios, orientados por aquela fraternidade que nasce do pensamento divino de Jesus para todas as obras da evolução humana.

«O Esperanto é a lição da fraternidade. Aprenda-mo-la para sondar, na Terra, o pensamento daqueles que sofrem e trabalham noutros campos. Com muita propriedade digo «aprendamo-la», porque somos também os companheiros vossos que, havendo conquistado a expressão universal do pensamento, vos desejam o mesmo bem espiritual, de modo a organizarmos na Terra os melhores movimentos de unificação.

«Deus é venerado pelos homens, através de línguas numerosas que se constituem das seitas e das religiões, todas tendendo ao maravilhoso plano da unidade essen-



cial. Copiemos esse esforço sábio da natureza divina e marchemos para a síntese da expressão, embora a diversidade dos processos com que exprimis os pensamentos. Todo esse esforço é o da fraternidade legítima e, rogando a Jesus abençoe os trabalhos e as esperanças do nosso irmão presente, santificando os seus esforços e o de seus companheiros na mesma tarefa que lhes foi deferida pelas energias espirituais, deixamos a todos os meus votos de paz, aguardando para nós todos, discípulos humildes do Cristo, a bênção reconfortante de seu amor.

EMMANUEL.»

*Como se vê dessa mensagem, os Espíritos do Senhor, que baixaram à atmosfera do nosso planeta para preparar a nova civilização, propugnam pelo Esperanto, e só assim se compreendem as grandes vitórias do movimento esperantista, a despeito de todos os obstáculos que têm surgido.*

## CAMINHO ERRADO

O órgão da Federação ataca o Centro Espiritualista Luz e Amor, por intermédio do sr. Costa Carinha, cuja carta a hipotéticos consulentes é característica da mania da perseguição que atormenta aquele prezado confrade.

Lamentamos que as paixões desorientem os homens, a ponto destes perderem a compostura que devem a si próprios e ao Ideal que dizem servir.

Como Estudos Psíquicos não é campo para lutas estereis, pode o sr. Carinha verrinar à vontade, que não lhe responderemos. A nossa obra é construtiva, não se compadece com polémicas entre confrades e muito menos entre agremiações espíritas. De resto, não é a ele que compete averiguar da legalidade ou ilegalidade deste Centro.

A melhor resposta que podemos dar ao seu arrazoado é este número da nossa revista e o facto de os principais Centros e Grupos espíritas de Portugal acabarem de formar à nossa volta, como sentinelas vigilantes do Espiritismo lusitano. Aqui trabalha-se e prestigia-se a Causa. Aqui não há tempo para ataques e questões de lana caprina.

Pedimos aos leitores uma prece pelo sr. Carinha, que tanto sofre, acorrentado aos seus fantasmas vingadores. Que o seu espírito seja iluminado, que os Guias se amerceiem do seu estado de alma e lhe proporcionem a necessária reacção, em holocausto ao muito que lhe falta progredir ainda, para entrar no plano onde se aprende a compreender a verdadeira justiça.

Assim seja.

## Dr. António Lôbo Vilela

Lamentamos que o nosso eminente colaborador Dr. António Lôbo Vilela se encontre no Brasil e não possa dar a este número de *Estudos Psíquicos* a sua valiosíssima contribuição mental, tão apreciada de todos os leitores. Não queremos, todavia, deixar passar este aniversário sem prestar ao mestre e amigo a homenagem que merece, não só pelo seu passado de infatigável obreiro da Causa Espirita, como pela inteireza de carácter que o distingue, numa sociedade enfêrma e quasi desmoralizada.



DR. ANTÓNIO LÔBO VILELA

António Lôbo Vilela vai ficar surpreendido ao ler estas linhas simples a emoldurar a sua fotografia, que conseguimos obter, ao cabo de porfiados esforços que ele desconhece e desconhecerá sempre.

Podemos assim fazê-lo participar do nosso convívio, tão querida é a sua presença e reclamada a sua colaboração.

Oxalá que ele volte em breve às nossas colunas, com os ensinamentos que admiravelmente o caracterizam e o elevam no conceito de todos os leitores estudiosos.

Que a sua modéstia nos perdoe estas palavras a sublinhar o grande abraço de simpatia que daqui lhe enviamos, com votos de saúde e progresso material e espiritual.



# ¡VENCER!...

pelo Dr. José Gaita

A vida é eterna luta!... Foi das grandes convulsões geológicas, a gigantesca luta dos elementos que deram origem ao nosso planeta, que a vida surgiu na Terra. Desde a Génese do Mundo que, lutar para viver, é a condição necessária dos seres vivos, tanto dos mais ínfimos micróbios, como dos maiores mastodontes. Por isso, o homem tem o dever sagrado de não recusar o seu concurso para manter o dinamismo da vida cujos alicerces assentam no conjunto das actividades de todos e estas são constituídas pelo trabalho de cada um.

Trabalhar é lutar e lutar é viver!

Por este raciocínio lógico, quem trabalha, luta; por consequência, vive. Mas, se para viver, basta trabalhar, dar o esforço indispensável e suficiente para se manter o equilíbrio social, mesmo sem entusiasmo, sem vontade, sem inteligência, como simples autómato, para vencer, para criar uma personalidade que se imponha à consideração dos semelhantes, é absolutamente necessário criar uma vontade tenaz e duradoura, forjar um estado de alma que sinta prazer na luta pela vida, que disponha o indivíduo a enfrentar todos os sacrifícios, e a resistir a todas as vicissitudes, com paciência e firmeza de ânimo inquebrantáveis. Como diz Júlio Payot, «A causa de quasi todas as nossas faltas de bom êxito, e de quasi todas as nossas desgraças é uma única: é a fraqueza da nossa vontade; é o nosso horror pelo esforço, principalmente pelo esforço durável».

Assim, para se triunfar, para se ser feliz nos empreendimentos, é fundamental combater persistentemente a moleza, a apatia e mandriice próprias, estados

de alma que tornam o indivíduo incapaz de qualquer esforço perseverante.

A vitória é sempre daqueles que puseram ao serviço dela a sua vontade disciplinada, com orientação definida, e que souberam querê-la com persistência e tenacidade.

Tal qual como os indivíduos, também as colectividades precisam de lutar com esforço sempre crescente, com uma vontade forte e duradoura para conquistarem «um lugar ao sol», para serem úteis e dignas de viver. É que a alma das colectividades é constituída pela alma dos seus dirigentes e dirigidos; as suas volições colectivas são o reflexo das volições individuais dos seus associados. Por isso, uma sociedade é forte e cria personalidade, se fôr forte a vontade dos seus membros, se jámais vergar a vontade dos seus directores. É este o caso do Centro Espiritualista Luz e Amor, quer na fase da constituição, quer na do seu regresso à actividade associativa.

Constituído e dirigido por senhoras, o C. E. L. A. soube impor-se à consideração de crentes e profanos pela elevação dos seus fins, pela honestidade dos seus trabalhos, pela tolerância e amor da sua nobre missão. Venceu todas as dificuldades na sua luta ingente contra o meio social hostil às manifestações e trabalhos de carácter espirita.

Prosperou e progrediu de tal forma que a ele se deve a criação do «clima social» propício à realização do 1.º Congresso Espirita Português, que lançou as bases da fundação da F. E. P. Organizada esta, a grande maioria dos sócios do Luz e Amor, ingressou na Federação, por conselho dos próprios dirigentes que viam, finalmente, atingida a principal

## ESTUDOS PSÍQUICOS

*De Portugal nos vem às mãos, já no seu 5.º número, essa nòvel e magnífica publicação, órgão oficial do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa. Estudos Psíquicos, que surgiu para incentivar o progresso e prestígio do Espiritismo, é uma revista verdadeiramente digna da Dourina que serve, tendo a garantir-lhe um radiante futuro, além do seu incansável director-proprietário sr. Isidoro Duarte Santos, outros nomes prestigiosos nas letras de além-mar, inclusivé José Joaquim Gaita e António Lôbo Vilela, este último, no nosso conceito, uma das maiores autoridades em assuntos de psiquismo na Europa.*

*O número de Estudos Psíquicos que nos foi endereçado insere uma excelente crónica do nosso eminente patricio Dr. Carlos Imbassahy, ilustrada com a sua fotografia e mais colaborações de outros notáveis escritores, além de vasto e interessantíssimo noticiário com amplas referências ao movimento espirita no Brasil.*

*Muito gratos aos caros confrades portugueses, aqui formulamos os melhores votos de prosperidades à sua brilhante publicação.*

*(De Bahia-Espirita, de Agôsto de 1940).*



aspiração dos espíritas portugueses. Todavia, prudentes e previdentes como sempre foram, com a ajuda e conselho dos mensageiros do alto, não dissolveram a agremiação: adiaram os seus trabalhos «sine die», como se lê na última acta. Não tendo sede própria, constituíram a F. E. P. fiel depositária dos seus haveres, com excepção dos livros de actas e alvará que foram confiados à guarda de pessoa idónea, talvez, na previsão de acontecimentos futuros.

Mais de uma década passada sobre estas deliberações, os factos vieram dar-lhes inteira razão.

Lutas estereis, autoritarismos, intolerâncias e vexames, praticados não se sabe com que reservado fim, tinham gerado a discórdia e feito a desunião dos espíritas portugueses. A coesão e a disciplina associativa, necessárias para fazer vingar a doutrina, haviam-se perdido ingloriamente. Os espíritas andavam dispersos, e sem o convívio dos confrades e sem assistência moral por meio de publicações doutrinárias de confiança, corria-se o risco de ver fanar-se o trabalho insano e a luta de longos anos em prole do Espiritismo.

Os velhos pioneiros, os que sempre se sentiram espíritas, de alma e coração, e não dos lábios, temiam esse descalabro, e aconselharam a agir, sem demora.

Então, realiza-se algumas reuniões dos militantes espíritas mais categorizados da capital para deliberarem sobre a orientação a seguir. Dessas reuniões saiu a Comissão encarregada de congregar os confrades tremalhados, e de fazer propaganda intensiva do Ideal de forma a que o Espiritismo readquirisse o prestígio antigo que fazia dele uma força espiritual digna de registo.

A requerimento da entidade competente, e após as necessárias averiguações do Governo Civil, foi revolidado o alvará do Luz e Amor, ficando assim nas condições legais do seu regresso à actividade associativa espírita.

Com muita vontade e poucos recursos materiais, inicia a luta «pelo progresso e prestígio do Espiritismo», e «pela união fraternal da família Espírita». A luta é titânica, mas é luta de paz, luta por um Ideal de Amor e tolerância que quer que os homens se julguem todos irmãos e se amem uns aos outros, como a si mesmos, luta digna do velho Luz e Amor que remoeça ao iniciar a nova pugna.

Traça um programa e o programa é cumprido através de incontáveis dificuldades, porque jámais desmorece nos seus dirigentes a vontade de vencer, e nessa aspiração desenvolvem um esforço renovado a cada instante.

As circulares de convite à inscrição como sócios, e o seu órgão — a revista *Estudos Psíquicos* — vão a toda a parte aonde existe um espírita, um simpatizante espírita. E a resposta à chamada não se faz esperar. De todos os lados vêm sócios do Centro, de todo o mundo acorrem assinantes de *Estudos Psíquicos*. Ao festejar o seu primeiro aniversário de regresso à actividade, o Centro Espiritualista Luz e Amor tem já uma obra formidável que nenhuma força humana poderá empalidecer, pois, como rezam os Evangelhos, não se encobre uma cidade edificada sobre um monte, nem se esconde a candeia debaixo do velador.

O Centro E. Luz e Amor é, hoje, por direito de conquista, conquista pacífica, feita cristãmente, o arauto do movimento espírita português, ao lado da sua irmã de ideal a Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas.

A prova desta afirmação, é fornecida por este

número especial de *Estudos Psíquicos* que ainda ontem era apenas seu órgão oficial, e já hoje o é de várias agremiações espíritas.

Ao Luz e Amor e a *Estudos Psíquicos* não falta o conselho amigo dos seus guias tutelares, nem a protecção dos bons mensageiros do Além. Têm uma vontade forte e persistente, capaz de resistir a todas as vicissitudes.

Assim, parafraseando o dito de um ilustre professor universitário, «mientras vuelve» — que é como quem diz: enquanto alguns se entretêm em obras dissolventes e inúteis, o Luz e Amor e *Estudos Psíquicos* seguem à frente, impávidos e serenos, vencendo os maiores obstáculos, cumprindo, enfim, a sua missão de prestigiar o Espiritismo e fazer a União Fraternal da Família Espírita!...

---

## O PODER MENTAL

O conhecimento do poder mental ilumina intensamente o caminho da vida, rasgando o véu densíssimo do mistério que nos envolve, poupando-nos grandes sofrimentos, porque nos ensina a preparar deliciosas colheitas. Uma retorta tanto pode destilar perfumes, como destilar venenos. Procuremos, pois, dominar e educar os nossos pensamentos, para que possamos destilar perfumes e melhorar as condições da vida espiritual. Poderemos assim viver nos meios mais perniciosos e desagradáveis, semeando ideias puras, com calma, serenidade e alta benevolência, insensíveis ao vibrar desordenado das paixões grosseiras, como um bloco de amianto no meio das chamas.

Dr. Lôbo Vilela

---

## O QUE PENSO DO ESPIRITISMO

O Espiritismo para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a *simples* característica dum estado evolutivo que não pode limitar-se, porque o homem progride sempre.

O Espiritismo é a base sólida e indestrutível em que apoio todas as minhas certezas experimentais e toda a minha fé.

Penso que, num futuro muito próximo, deve ter uma expansão e preponderância mundial e, se actualmente ainda a não tem, é porque nêle, como em todos os campos da actividade humana, há sempre quem se lhe dedique por simpatia, mas sem querer tirar o esforço que só nasce da íntima convicção.

Maria O'Neill

A dúvida é prova de modéstia e raro tem criado obstáculos ao progresso das ciências. Não poderia dizer-se o mesmo da incredulidade.

Arago



# Caridade, Protecção e Luz

pelo Grupo Espirita Luz, Caridade e Protecção

**CARIDADE:** A máxima elevação, o veículo que conduz à Glória, a pedra angular da obra do Mestre. Sem caridade não há elevação, não há amor, não há abnegação, porque tôdas as graças superiores assentam nessa manifestação tôda beleza e encanto, tôda espiritual e harmoniosa.



CAPITÃO VIEGAS OLIVAL

*Presidente do Grupo Espirita Luz, Caridade e Protecção*

A caridade é tolerante, paciente, contemporizadora. Ser caridoso é ter por tudo e por todos o cuidado apurado de bem servir e estar atento para socorrer; é esquecer, é perdoar.

Ter caridade é não perder a mais pequena oportunidade de amparar, é sentir a aflição do que sofre, a tortura do doente, o martírio do descrente e consolá-los, acudir-lhes com a palavra e com a acção, com a prece e com o amparo. Implorar bons ambientes para o pobre torturado e luz para o rico, esquecido da graça que o bafejou e que ele malbaratadamente usa.

A revista *Estudos Psíquicos* é caridosa, porque através das suas colunas consola, prega a doutrina de Jesus tôda poesia, abnegação, renúncia e fé.

É caridosa, porque o Centro Luz e Amor, de que é órgão de propaganda, exerce a caridade pela propagação da santa causa espiritual e pelo amparo material aos que sofrem.

**PROTECÇÃO:** Aos aflitos, aos desamparados, aos infelizes. Implorar pelos esquecidos, mitigar a fome, a sede, as dores do corpo e da alma. É uma das formas da caridade.

*Estudos Psíquicos* e o seu Centro exercem a protecção pelo amparo moral e material que prestam aos necessitados, com a prece, a concentração e as obras de caridade.

**LUZ:** O prémio da caridade e da protecção, aonde estas virtudes nos conduzem e que de tal forma se encadeiam, que, num todo perfeito se ligam, para uma completa harmonia.

*Estudos Psíquicos* propaga a Luz, porque é intérprete da doutrinação espiritual, concretiza o trabalho dos homens de boa vontade que, abnegadamente, se sacrificam pela causa, pondo o melhor do seu esforço para manter uma revista à altura das melhores no género, levando com a sua palavra, amparo, consolo, ensinamentos e o testemunho da verdade, o que tudo é Luz.

O Grupo Espirita de Faro, Luz, Caridade e Protecção, que representa com o seu nome a trindade ideal, símbolo do crente, nesta hora em que *Estudos Psíquicos*, fiel intérprete desta trilogia de graça, marca o seu primeiro aniversário, vem dar-lhe todo o seu apóio espiritual.

Que Deus a ampare para maiores obras, já de si tão grandes e que aos homens que puderam realizar este programa jâmais a Sua Luz bendita os desampare!...

Faro, Dezembro de 1940.

---

«Estudos Psíquicos» cumprimenta tôda a família espirita portuguesa, a quem deseja boas-festas e um Novo Ano cheio de paz e progresso espiritual.



# OS FACTOS ENTRE NÓS

*Continuando a respigar factos ocorridos entre nós, damos hoje duas interessantes narrações da autoria do nosso prezado amigo e consócio sr. João Vendrell i Mercadal e que consideramos de absoluta confiança, já pela sua forma pormenorizada, já pela indicação dos nomes e moradas das pessoas que tomaram parte nas sessões. Oxalá que os leitores que tenham conhecimento de factos semelhantes no-los transmitam, para que se desfaça a lenda de que em Portugal não há verdadeiros fenómenos de Espiritismo.*

## **Espírito que comunica a própria desencarnação**

Em Abril ou Maio de 1938, encontravam-se reunidas as seguintes pessoas, na minha residência da Estrada de Bemfica, n.º 405, Lisboa: minha tia D. Francisca Vendrell i Sala; minha esposa D. Dolores Círrera de Vendrell, minha filha, o signatário e D. Maria Pinheiro, que servia de médium. Esta última, na sua vidência, descreveu um espírito que se apresentava ensangüentado, em grande agitação e ansioso por comunicar a sua morte. Além disso, a médium transmitiu as principais características do espírito comunicante, as quais não fizeram lembrar aos assistentes qualquer pessoa conhecida.

Muito insistiu a entidade no seu interesse de se manifestar, declarando ser nosso parente e chamar-se Andrés; mas nem assim conseguimos recordar-nos, naquele momento, de que tínhamos um primo carnal com aquele nome. Tal esquecimento justificava-se pelo facto de ele residir em Barcelona e de não o termos visto havia mais de vinte e cinco anos. E só depois de terminada a sessão é que, comentando os factos transcorridos, alguém apontou a hipótese de se tratar do meu primo Andrés, que julgávamos de saúde. Por este motivo, esquecemos, prontamente, a comunicação.

Poucas semanas depois, veio a nossa casa D. Cármen Vendrell i Serra, irmã de Andrés, cujo espírito se comunicou. Era acompanhada pelos seus três filhos, todos fugidos à repugnante guerra que, naquela época, ensangüentava a Espanha.

Ignorando minha prima a sorte do irmão, que julgava fugitivo em França, nem nos lembrámos de lhe falar na comunicação recebida. Só mais tarde chegaram notícias de Barcelona, dizendo que o Andrés tinha sido prêso, juntamente com outros industriais catalães, por suspeita de conspiração, mas ignorava-se onde estavam ou se tinham sido fusilados. Foi naquela ocasião que contámos a minha prima a comunicação dada por D. Maria Pinheiro.

É bom advertir aqui, que nem minha prima, nem seus filhos, sabiam qualquer coisa de Espiritismo, ignorando, portanto, a realidade dos fenómenos. Contudo, o facto relatado levou-os a assistir com interesse às nossas sessões, realizadas com o auxílio da tradicional mesa de pé-de-galo, na falta de outro meio adequado. Nelas, revelou-se minha prima excelente médium de tiptologia, não tardando a comunicar-se o

espírito de Andrés, declarando ter sido assassinado e que o seu corpo jazia insepulto no fundo duma ribanceira verde, a quatro quilómetros de Barcelona, numas ruínas de *La Rabassada*. Pedia sepultura, dizendo que seu corpo seria reconhecido por alguns papéis que tinha na algibeira do casaco.

Como é natural, esta nova comunicação impressionou, altamente, os meus primos, que, não obstante, procuraram, cuidadosamente, os fios com que tínhamos feitos mover a mesa, bem como os furos do soalho, por onde passavam os mesmos fios... visto que, para eles, incrédulos, os inteligentes movimentos da mesa não tinham possível explicação. Todavia, a realidade dos factos e as provas obtidas noutras sessões, levaram-os à convicção sincera e hoje são verdadeiros espíritas.

Acabada a guerra de Espanha e residindo, novamente em Barcelona, Via Diagonal, 520, 5.º, minha prima fez procurar o corpo de seu irmão, no sítio indicado pelo espírito, e lá foi encontrado, junto dos corpos dos outros amigos, com quem fora prêso, tendo sido identificado pelos papéis que o espírito referiu, além do vestuário, dentes, etc.

Termino esta narração de manifestação espírita, bem identificada e onde não cabem as teorias com que alguns pretendem explicar... o que explicar não podem, tais como telepatias, sugestões, subconsciências, metagnomias e criptomnésias, pois nenhum de nós sabia da morte de meu primo e muito menos a médium, que lhe ignorava a própria existência. Além disso, foi necessária a indicação dada, para que, não só pudessem sepultar o corpo, como verificar a morte e o local, onde o cadáver se encontrava.

É bem digno de atenção o facto de o espírito se ter manifestado a parentes residentes muito longe de Barcelona e com os quais ele não mantinha relações, mas em cuja casa apareceu poucas semanas depois à sua irmã, com quem nós, também, poucas relações mantínhamos...

## **Os espíritos vêm através dos corpos opacos...**

Como digo acima, minha prima Cármen Vendrell i Serra revelou-se médium de tiptologia. Animados pelos bons resultados que obtínhamos, realizávamos pontualmente duas sessões semanais, com a quasi inalterável assistência de minha tia, minha esposa, minha prima, seu filho José e o signatário destas linhas.

Entre várias entidades, comunicava-se com muita frequência um espírito que assinava Robert Roure. Preguntando-lhe se nos podia dar uma prova de leitura em livro fechado, recebemos logo a seguinte resposta, que traduzo, literalmente, do catalão, sendo vírgulas e pontuação de minha conta:

«Ao entrar, na estante da esquerda, segunda prateleira, livro «História dum Crime, página 180, quarta linha: «Soldados! O exército francês é a guarda-avançada da humanidade».

Terminada a sessão e impacientes pela confirmação da mensagem de Roure, todos os assistentes aban-



donaram a residência de minha prima (Rua do Montepio Geral, 405, Lisboa), onde se realizara a sessão, e se dirigiram para minha casa, que era, então, na Estrada de Bemfica, 405, Lisboa. Aberta a estante referida, encontramos imediatamente o livro indicado pelo espírito, — «História dum Crime», de Vitor Hugo, editado pela livraria Guimarães & C.<sup>a</sup>, desta cidade, — onde pudemos ler, na página 180 e na quinta linha e não na quarta, o trecho duma proclamação ao exército francês, sem troca de qualquer letra.

Na sessão seguinte, realizada três dias depois, pedimos nova prova à mesma entidade e a mesa soletrou a comunicação, que traduzo também do catalão, continuando a pontuação de minha conta:

«À entrada, à direita, no livro «América», página 53, linha 16: na a consecuencia de sus heridas. Dobes resultó también herido».

Depois da sessão, dirigimo-nos, igualmente, à minha residência. Pois, no mesmo sítio e ordem indicados pelo espírito, estava o quarto volume da obra «América, su Colonización e Independência», de José Coroleu, edição de Montaner y Simón, 1896, em cuja página 53, linha 16, se encontrava, exactamente, o trecho comunicado.

É digno de notar que as letras *na*, com que principia o trecho, e que nenhum sentido parecem ter, são a sílaba *na*, final da palavra *semana*, que vem da linha anterior.

Lisboa, 12 de Novembro de 1940.

João Vendrell i Mercadal

## OBRA MERITÓRIA

por Otílio da Silva Reis

Vice-Presidente do Centro Espirita Santa Judite  
Foz do Douro

NÃO pode ser um acontecimento banal o aniversário do Centro Espiritualista Luz e Amor.

De-certo que os seus fastos e glórias não se encontram ainda sob influência duradoira da pátina dos tempos. Mas a sua obra, não sendo palpável e visível como realidade material, é, sem dúvida, uma obra de doçura e carinho, de simplicidade e de amor, brotando em catadupas e sempre em perene e franca actividade.

É uma obra de poder fecundo, onde se caldeiam os liames que temperam as energias, transformando em vida de luz, sob a unção serena e calma da fé, irradiando em torno de si o amor de que está cheia.

É uma obra humilde; é uma obra cristã, pacífica, generosa e magnânima.

Eis, porque o Centro Espirita Santa Judite — da Foz — não pode alhear-se deste aniversário que, possivelmente, para uns, representa um quadro indelével de venturas efémeras, como, para outros, é o espectro de ilusões perdidas. Mas, para uns e outros, para todos, enfim, que lutaram vencendo ou que sentiram a

derrota confrangedora das más ilusões, deve raiar sempre a mesma aurora radiante, foco imenso de onde emana a luz que ilumina a nossa razão e esclarece o nosso espírito.

É preciso, é necessário continuar a obra de sacrificio, dulcificada apenas pela alegria comunicativa que provém da exteriorização das nossas boas virtudes, queimando nas piras ardentes, criação da nossa vontade, todo o orgulho e vaidade, todo o egoísmo e ambição.

E só assim acrisolados, transformando o nosso coração em altar de Jesus, nos poderemos elevar às



OTHÍLIO DA SILVA REIS

regiões etéreas, ao paraíso de luz, onde nos esperam aquelas almas sublimes já longe das trevas que nos cercam e já depuradas neste orbe de sombra e de lágrimas.

Inclinemo-nos para o quadrante onde se sente a verdade que se personifica em Jesus e moldemos os seus princípios na humildade glorificada para que assim a doutrina espirita seja o cadinho da nossa redenção, sempre gloriosa e sempre bela.

Sob este signo, o Centro Espiritualista Luz e Amor continuará a sua rota na estrada ampla e infinita de um porvir maravilhoso.

3-XII-940.



# Notas & Comentários

## Materialismo de... «O Diabo»

«O Diabo» resolveu abrir uma secção de crítica às revistas e aos jornais, referenciando nela os artigos que lhe interessarem e ocupando-se das publicações nacionais e estrangeiras, «cujo nível justifique um cuidado exame».

A primeira revista a examinar foi Estudos Psíquicos e o primeiro artigo a analisar foi «A Falência do Materialismo», publicado no nosso número 6, relativo a Julho-Agosto.

O crítico — que é de respeito — empunhou a clava de Hércules e arrasou em quatro linhas a nossa consabida ignorância, que «gastou o seu rico tempo arremetendo contra um materialismo grosseiro e caricatural». E declara, a seguir, que a nossa prosa «não atinge o materialismo científico actual», diferente do materialismo clássico, que chegou, dizemos nós, para dominar um século.

O Diabo ataca-nos, mas distingue-nos, ao mesmo tempo, porque reconhece o nível cultural da nossa modesta publicação. Se assim não fôra, Estudos Psíquicos não seria levada ao conhecimento do grande público, através das colunas daquele semanário. Agradecemos-lhe a propaganda.

O Diabo ataca-nos, não por aquilo que escrevemos, mas por aquilo que deixámos de escrever, o que, para um órgão de crítica literária que deseja estar, como ele diz, à altura das suas responsabilidades, é muito significativo. Afirma que construímos um materialismozinho bastante ingénuo, à exacta medida do nosso espírito. Reconhece, todavia, que os postulados de Büchner, Molleschott e Haeckel passaram à história, foram chão que deu uvas. O materialismo científico moderno, esse, sim, que é materialismo, fino materialismo, autêntico, verdadeiro materialismo. O outro, coitado, encheu de teias de aranhas bibliotecas e museus, tomou posse de institutos e universidades, avassalou inteligências, fez gemer os prelos durante muitos anos e, a-fim, não era materialismo: era caricatura, era simulacro... ¡Pobres gerações que se deixaram enganar, irremediavelmente, pelos materialistas de antano!

Mas, agora reparamos, O Diabo não criticou o nosso artigo. Desancar não é criticar. Desancar, sem bases científicas, dizendo que A ou B não sabe, não tem competência, é dar «exacta medida» do senso prático do crítico, seja ele qual for, por mais diplomas que erga no furabólos.

Se a nossa linguagem é «imprópria de um artigo de crítica», a crítica de O Diabo é imprópria de qualquer artigo, por mais despretencioso que seja.

¿Não pretende O Diabo ser crítico dos críticos? Então, venha refutar os nossos argumentos, com os Langevin, os Jackson, os Wallon, os Prennand. Se estes ilustres próceres conseguirem deitar abaixo as prerrogativas do espírito, daremos o dito, por não dito.

Até lá, continue O Diabo a chamar-nos ignorante, que não nos dá novidade alguma. Somos ignorante, sim senhor, com muita honra. Se o não fôssemos, não escreveríamos numa pobre revista de estudos psíquicos; escreveríamos num Diabo, onde há menos doutos que doutores, onde, felizmente, todos julgam que sabem...

## A marcha do Espiritismo

Mundo Espirita traz-nos duas notícias auspiciosas que devem alegrar os nossos leitores. A primeira, refere-se à propaganda que, nos Estados Unidos, se está a fazer do Espiritismo, através de sucessivas edições das obras lançadas em França pela Biblioteca Internacional de Ciências Psíquicas de Paris.

Segundo a revista Times, de 18 de Outubro último, os livros editados na América do Norte por iniciativa do cientista prof. Hereward Carrington foram os seguintes: «Uma irradiação do Invisível», de William Barrett, professor da Universidade de Dublin; «Introdução à Ciência Psíquica», pelo prof. René Sudre; «Estudos e Reflexões dum Psiquista», pelo prof. William James, membro do Instituto de França; «Os Fenómenos Psíquicos e a Mediunidade», do prof. Schrenck-Notzing, da Universidade de Leipzig; «Raimundo», edição revista do notável cientista inglês sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, há pouco desencarnado; «Animismo», pela doutora Henry Sidwick, actual presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Londres, e «A Vida depois da Morte», do Dr. J. Hyslop, prof. da Universidade de Columbia, além das obras de Kardec e Léon Denis, que já contam milhões de exemplares espalhados nos Estados Unidos.

«A Grande Síntese», do prof. Pietro Ulbaldi, teve ali duas edições esgotadas e o recente livro de Bozzano, «Animismo ou Espiritismo» encontra-se no prelo, devendo, brevemente, ser conhecido do grande público norte-americano.

A segunda notícia refere-se aos estudos espíritas nos meios intelectuais e científicos do Rio de Janeiro, onde há pouco se fundou o Instituto Espirita de Estudos Psíquicos, ao qual pertencem numerosas individualidades de grande relêvo no mundo intelectual e científico.

Vejam os nomes das pessoas que assistiram às sessões preparatórias e que, só por si, são segura garantia de triunfo.

Dr. Guillon Ribeiro, engenheiro e escritor; Almirante Artur Thompson, ex-Ministro da Marinha e escritor; General Pargas Rodrigues, nome dos mais acatados nas classes militares; Dr. Óscar Cunha, prof. de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; Dr. Saladino de Gusmão, advogado e engenheiro, membro da Accademia Carioca de Letras; Dr. Viana Júnior, prof. da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro; Dr. Parigot de Sousa, médico; Dr.



T. Gonçalves Maia, capitão-médico; Dr. Pinto Pereira, prof. da Faculdade de Direito de S. Paulo; Dr. Azevêdo Silva, jornalista e escritor; Dr. Jacques Mongruel, médico; Dr. Osório Schilleber de Araújo, médico; Dr. Newton Tacht, médico; Dr. Fernando Dias Campos, médico; Dr. Levindo Melo, médico e jornalista; Dr. João Andrade, advogado; Dr. Genaro Lassarise, advogado; Almirante Greenhalt; Major Dr. Francisco Silveira do Prado, advogado; Coronel Dr. Lisias Rodrigues, engenheiro militar e aviador; Dr. Silvio Soares, advogado; Coronel prof. Barros Fournier; Dr. Leôncio Corrêa, jornalista e poeta, membro da Academia Carioca de Letras; Coronel Júlio Gaertner; Dr. Tomaz Girwood, médico; Dr. Carlos Inglês de Sousa, financeiro; Prof. Barroso Neto; Coronel Artur Panfiro, prof. do Estado Maior; Coronel Dr. Rodolfo Vasconcelos, engenheiro militar; Dr. Aduto de Assis; Aurino Souto; José Passos; Alfredo Félix da Silva; Dr. Otto Kumt, engenheiro; Manuel Pereira Marques; Mário Teles; Agostinho de Sousa, D. Amélia Prado, prof.<sup>a</sup> do Instituto de Educação; D. Ester Ferreira Viana Calderon, etc., etc.

Há também muitos outros inscritos, tais como, magistrados, académicos, militares e inúmeros estudantes de escolas superiores que se dedicam, sinceramente, à cultura do Espírito. Todas essas pessoas presenciaram fenómenos físicos e outros trabalhos interessantes, além de sessões doutrinárias.

Marcha ou não marcha o Espiritismo, a-pesar dos motejos das almas superiores, aferradas ao Olimpo dum injustificável e terreno orgulho? Marcha, sim, senhores. Marcha e marchará, em crescente velocidade, em progressivos triunfos, porque a verdade da sobrevivência alanceia milhões de indivíduos, aos quais o materialismo antinatural cerceou os mais belos e justificados vãos da inteligência e do sentimento.

## Uma conferência

Foi a todos os títulos notável a conferência que o sr. Dr. António J. Freire realizou em 1 do corrente mês de Dezembro, na sede do Centro Luz e Amor, subordinada ao título: «Alguns aspectos do mundo astral».

Durante cerca de três horas, aquêlê douto confrade falou acerca dos grandes problemas da vida e da morte, sem uma hesitação, uma reticência, antes demonstrando os mais profundos conhecimentos filosóficos.

Conferências destas ennobrecem e prestigiam, não só a mentalidade que as realiza, como as agremiações que as proporcionam.

O sr. Dr. António J. Freire, a-pesar-de afastado do movimento espirita português, continua a afirmar-se o mesmo pensador eminente, cuja elevada cultura o coloca na primeira fila dos pioneiros da Causa Espirita Mundial.

Pena é que mais não possamos dar da sua magnífica conferência, além do pálido sumário, inserto noutra página dêste número, a-fim-de que os leitores pudessem fazer idea do que foi a soberba lição que deixou os ouvintes encantados. É assim, com actos desta natureza, que se faz propaganda do ideal que nos anima.

Ao conferente, pois, os nossos sinceros agradecimentos, pelas horas de prazer espiritual que nos concedeu a todos.

I. D. S.

# ESPERANÇA

Trad. de I. D. S.

por Ernesto Pérez Méndez

A esperança é a eterna ilusão que, semelhante a alegre sorriso, nos convida a prosseguir, tornando-nos agradável o esforço a realizar para conseguirmos os nossos desejos.

O trabalho do homem necessita de ser animado de esperança. Lutar sem esperança, é navegar, sem ilusão.

No luta que travamos, como exigência própria da vida e do aperfeiçoamento das faculdades da alma, a esperança é o raio de luz que dissipa as trevas e embeleza as formas, dando a sensação de que é fácil conseguir o que é preciso realizar.

O homem necessita de estímulo, que só a esperança proporciona. Lutar sem ilusão é carecer de esperança, é exercer o esforço sem entusiasmo e por necessidade, num ambiente de pessimismo.

A infinita sabedoria do Criador colocou nas almas os elementos do aperfeiçoamento individual, cujo principal factor é a esperança de poder lograr a nossa superação por intermédio do esforço que realizamos para tal fim.

O homem ocupa o primeiro lugar na Terra, lugar proeminente que lhe dá a razão, como legítimo fruto de ignoradas conquistas. Eis, por que a razão é o dom mais elevado que posuímos; e, para que o conhecimento do que temos que fazer nos não desiluda, é que a esperança actua, mostrando-nos, em seu risinho optimismo, como é fácil a empresa, incitando-nos a trabalhar num ou noutro sentido, para que vejamos a ilusão com visos de realidade. A esperança é o feliz pressentimento que nos leva a disfrutar, por antecipada, a realização do que anelamos e pretendemos.

O condenado à morte abriga a esperança de salvar a vida. O que sofre dolorosa enfermidade, desenganado pelos médicos, triste e abandonado num hospital, sorri em meio da sua tragédia, porque a esperança, qual brisa amena e subtil, lhe penetrou o coração, e, no seu isolamento, começa a sentir-se consolado por sentimentos que lhe invadiram a alma... As dores tornam-se menos fortes e a imaginação cria em seu redor mil e uma personagens que tudo fazem para lhe amenizar a vida.

Em seu imenso poder, Deus ilumina com a esperança os seres torturados, afastando-os do pessimismo originado pelas dolorosas e inevitáveis contrariedades que são o verdadeiro contraste do Bem e do Belo.

A ciência é a luz que guia os homens nas trevas.

Lineu



# FILOSOFIA ESPIRITA

## NUM TEXTO DE 1583, DE FREI LUIZ DE LÉON

Tradução de I. D. S.

pelo Dr. Rodrigo Sanz

**E**NGENDROU-SE o *Quixote* num cárcere, como diz Cervantes no prólogo. E em cárcere que durou cinco anos se engendrou e teve gestação outro livro bem espanhol intitulado *Los Nombrados de Cristo*, como Frei Luiz de León, seu autor insigne, dá a entender nestas linhas de introdução:

«É, pois, necessário, que os bons engenhos componham em língua vulgar algumas coisas que, nascidas ou trazidas das Sagradas Letras, substituam os livros vãos e prejudiciais que se encontram nas mãos dos fiéis, visto que não basta o que, nesse sentido, se tem feito. Sempre o julguei assim... Mas, já que a vida passada, ocupada e trabalhosa, me impossibilita de executar o meu desejo, não devo perder esta ocasião, que a injúria e a má vontade de certas pessoas me proporcionaram. Porque... a graça de Deus... e o testemunho da consciência trouxeram-me tanta paz e serenidade que, não só na modificação de meus costumes, mas também no conhecimento da verdade, vejo, agora, e posso fazer o que antes me era vedado...».

¡Notáveis palavras, estas últimas!

Finge Frei Luiz que lhe vieram à memória «certos raciocínios» que três amigos seus haviam formulado anos atrás, a respeito dos nomes atribuídos a Jesus-Cristo nas Sagradas Escrituras; e diz que, por este tema, lhe pareceu bem empreender o seu desígnio, porque esses nomes «são como breves hieróglifos que encerram quanto, acerca do assunto, necessita de saber o entendimento humano».

E finge que o agostinho Marcelo, logo que terminou o curso acadêmico, foi, no dia de S. João, passar uma semana com seus amigos *Juliano* e *Sabino* à granja que o seu mosteiro possuía, nos arredores de Salamanca; e que no dia de S. Pedro, depois do ofício divino, tendo saído os três para a horta, Sabino tirou do bolso um papel escrito, exclamando, ao ler o título: «Achei hoje este papel de Marcelo, que aqui apontou, com notas de lugares, dez nomes que a Escritura dá ao Cristo e desejava ouvi-lo sobre o caso».

Marcelo, vendo-se rogado, aceita o encargo e dispõe-se a falar desses dez nomes. Mas adverte:

— Primeiro, convirá que... tratando as coisas desde a sua origem, vejamos o que é um nome, sua função, seu fim e de que maneiras se costuma empregar.

E fazendo sentida invocação a Deus, («ilumina a minha alma, de modo que a minha vontade te adore e esclarecido o meu entendimento te veja e enriquecida a minha boca te apregoe, se não como és, pelo menos, como te podemos compreender!»), todos se calaram por um instante. E Marcelo retomou, assim, a sua exposição:

\* \* \*

1.º — O nome é palavra breve que se substitue por aquilo de que se diz... É aquilo mesmo que se

nomeia, não no sentido real que tem, mas no que lhe dá o nosso entendimento e a nossa boca.

2.º — Porque se deve entender que a perfeição de todas as coisas e, principalmente, daquelas que são susceptíveis de entendimento..., consiste em que cada uma delas contenha em si as outras e em que, sendo uma, seja todas, se possível, porque nisto se aproxima de Deus que em si tudo contém...

3.º — Consiste, pois, a perfeição... em que cada um de nós seja um mundo perfeito, a-fim-de que, estando todos em mim e eu em todos, tendo eu o ser de todos e todos o meu ser, se encadeie esta máquina do Universo e se reduza a uma unidade a multiplicidade de suas diferenças, misturando, sem ficarem misturadas e permanecendo muitas, embora o não sejam... o que é avizinhar-se a criatura do próprio Deus... que em três Pessoas é uma Essência e, em infinito número de excelências incompreensíveis, é uma única e perfeita excelência.

4.º — Sendo esta a nossa perfeição, desejando cada um a sua perfeição e sendo pródiga a Natureza em prover os nossos desejos indispensáveis, providenciou nisto, como em tudo, com admirável artifício. E assim como não era possível que as coisas, tal como são, materiais e tóscas, estivessem todas umas nas outras, deu a cada um, além do verdadeiro ser que tem em si, outro inteiramente semelhante mas mais delicado, com o qual estivessem e vivessem cada uma no entendimento das suas vizinhas, cada uma em todas e todas em cada uma. E ordenou que o entendimento... saísse à boca com as palavras. E dispôs que as coisas, já que pedem cada uma o seu lugar, em virtude de serem materiais, naquele lugar espiritual pudessem estar muitas...; e ainda o que é mais maravilhoso: uma coisa ao mesmo tempo, em muitos lugares.

5.º — «Do que pode ser exemplo o que no espelho acontece: que, se juntarmos muitos espelhos, a imagem do rosto, que é uno, reflete-se ao mesmo tempo em todos eles; e, deles, todas aquelas imagens voltam juntamente aos olhos e dos olhos à alma, sem se confundirem. De maneira que, em conclusão, todas as coisas vivem e têm ser em nosso entendimento, quando as entendemos e nomeamos...; e o que elas são em si mesmas razão de ser têm em nós, se o nosso entendimento e as nossas bocas forem verdadeiras... «Em si, são elas mesmas, e nas nossas bocas e entendimento são seus nomes...; que o nome é como a imagem da coisa ou a coisa disfarçada o substitue por ela».

\* \* \*

E prossegue, expondo a divisão dos nomes, em próprios e comuns... De modo que, para definir e dividir o nome, e poder mostrar logo que os comuns, que por ditado se aplicam ao Cristo, são *apropriadíssimos*, e os próprios — que conta dois — o são por maneira única, apresenta Frei Luiz não só a teoria



gramatical e psicológica do nome, senão doutrina ontológica dos seres — substância (que são os genuinamente expressos pelas palavras-nome); e não doutrina ontológica, se não a da lei de perfeição dos seres reais finitos, a *teoria de sua evolução*, falando em linguagem moderna. Estes três parágrafos do discurso de Marcelo contêm, a meu ver, a melhor filosofia que se pode encontrar, acerca da teoria da substância. Em todo o livro de Frei Luiz, não encontrei esforço mental mais pessoal e certo, do que este conceito da *perfeição das coisas*.

Confesso que me senti envergonhado, quando vim a conhecer três desses parágrafos (2.º, 3.º e 4.º) por intermédio dum estrangeiro, o mui distinto hindu Svami Vivekananda, que os cita e insere num dos seus trabalhos (1), como doutrina «exactamente coincidente com a do *Nirvana* da filosofia vedanta», — diz ele... Mas muito mais gozo senti, confessá-lo-ei também, quando, seguidamente, e conforme pude, procurei o livro de Frei Luiz que ainda não tinha lido e verifiquei que a citação de Vivekananda era de conformidade incrível, inesperadíssima, com a tese evolutiva da filosofia espírita, referente ao *quid* do progresso infinito do espírito e de todo o *sêr real*, ou substancial, que é o simples.

Se Frei Luiz vivesse hoje, seria *fundamentalmente evolucionista*, pois falava da perfeição de *tôdas as coisas*, pondo-as de modo que chegassem a ser *um mundo*, por representação do Mundo nelas.

E seria, ainda que o não dissesse, um geleiano (ou Geley seria *leonista*), porque colocava o aperfeiçoamento na *consciência crescente*, ou representação crescente do Cosmos em cada microcosmos.

E defenderia — como depois o fez Leibniz — que todo o *sêr real*, ou simples, tem, pelo menos, rudimentos de consciência, ou seja de conhecimento e vontade com livre-arbítrio ou não determinação dalguns de seus actos; porquanto ele dizia que *tôdas as coisas* se procuram conter entre si, por via de *noção*, a que se segue *tendência*.

E se hoje vivesse, como já conheceria os espelhos periscópicos, modificaria, certamente, o seu exemplo do parágrafo 5.º; e em vez de imaginar que nos mirávamos, ao mesmo tempo, em vários espelhos planos, suporia que contemplávamos um número de espelhos periscópicos, em cada um dos quais a paisagem se reduz: o céu, com suas nuvens e suas aves, e o solo, com seus campos, árvores, casas ou pessoas, de modo que tudo parece conter-se em cada um, incluindo os demais espelhos próximos; de tal maneira que, se os imaginarmos sensação, reflectirão *tôdas as coisas*, cuja luz os atinja. É o *quid* do progresso do espírito e dos seres simples ou substanciais: unificar-se, *encadeiar-se* (como diz Frei Luiz) com a Criação inteira, por representação crescente dela nêle e por vontade de servir ou tendência de simpatia para todos os seres criados.

\* \* \*

Uma das mais belas emoções da minha vida tive-a ao ver que a idea filosófica de Frei Luiz era substancialmente a *mesma* que tenho exposto nalguns trabalhos, servindo-me da comparação de cada espírito com um maravilhoso espelhinho periscópico, imaginando-o dotado de sensação e sentimento.

Na conferência que realizei em 24 de Agosto de 1931 (2) no Ateneu Ferrolense, dizia eu, expondo a

tese evolutiva espírita, que a Ciência tem sempre encontrado *ciclo* ou *limite* na evolução dos seres corpóreos que tem estudado; mas que, nos incorpóreos, ou *simples*, que formam irremissivelmente os corpóreos, ou compostos, a evolução não pode ter limite, ou melhor, *máximo*. Pois, se o electrão, o agente da vida mineral, vegetal ou animal, o espírito humano ou outro superior, não fôsem, incessantemente, progressivos, o Cosmos teria limite ou máximo, ou *ciclo* também, portanto involução e perecimento; e a razão humana não pode devorar o absurdo de *energia perecida*, perdida, destruída... Logo, os seres simples impedem um ciclo integral do Cosmos, ao aumentarem em ciência e energia, aumentando, portanto, a total.

«Logo, — inferia em sucessivas deduções — não diremos mal que o progresso do eu consiste, substancialmente, em crescente consciência. Porque a característica própria do nosso espírito não está no vegetativo, nem no sensitivo, mas no mental. Perante tudo, ele é *mente*, microcosmos, por representação crescente do Cosmos nêle, como em espelhinho periscópico que fixasse a imagem das coisas. Logo, nesta capacidade de representação ou conhecimento, e, portanto, de união com o Universo e sua Causa, está o seu progresso substancial; e como todo o espírito conhecerá tanto mais o seu eu, quanto mais conheça o *não-eu*, resultará que o seu progresso consiste, em resumo, em *crescente consciência*».

Só falta acrescentar que, em face daquela representação, o espírito se afirma com desejo de cooperar, ou seja com amor ao criado.

Noutro trabalho — este não impresso — que remeti à Federação Espírita Espanhola, a pedido da sua Direcção e destinado ao Congresso Internacional de Barcelona, de 1934, ampliei essas ideas, acerca da tese evolutiva espírita. Não tenho à mão o rascunho (que desapareceu, com todos os meus papeis, na minha residência de Madrid); mas as principais ampliações diziam respeito a quatro ideas (3).

1.ª — Há aumento incessante de energia no Universo. Não pode haver *destruição* de energia, nem *conservação*, mas aumento.

2.ª — Há consciência em todos os seres simples, seja qual fôr o seu grau. Até no electrão há rudimentos de *conhecimento* e de *vontade*, ou seja acto *não determinado* por actos anteriores.

3.ª — Os actos livres é que aumentam a energia universal. E este aumento explica a vontade como lei cósmica cooperante com a lei determinista. O acto livre é excepção dos actos determinados. E há lei da regra e lei da excepção.

4.ª — Consequentemente, tudo isto deve observar-se, com grande extranheza, nos laboratórios da Alta Física: que as leis obtidas para a actividade electrónica (e o mesmo deve suceder com a atômica e a mo-

(1) Artigo 10.º da sua colecção de escritos, tradução do inglês por Climent Ferrer.

(2) *Polémica sobre Espiritismo*, folheto de 204 págs. La Coruña, 1933, págs. 165-71.

(3) Que constituíram o assunto duma conferência, no Ateneu Espírita de Madrid e publicada em *El Kardeniano*, do Ferrol; e que também o foram dum trabalho traduzido em português pelo Sr. Isidoro Duarte Santos, publicado nos números 1, 2 e 3 da *Revista de Espiritismo*, de Lisboa, em 1935.



# Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

## Notável acontecimento

*Mundo Espirita* de 21 de Setembro traz-nos grata notícia que nos enche de satisfação e confiança nos destinos da Causa. Trata-se da romagem de 1.500 confrades à Federação Espirita Brasileira, orientadora e propulsora do Espiritismo, no país irmão de Alémtlático. O caso passou-se em 15 de Setembro e excedeu a expectativa de todos aquêles que se convenceram há muito de que não há obstáculos que consigam deter a marcha da Doutrina, naquela formosa pátria sul-americana.

«! Que empolgante espectáculo presencéamos! — escreve *Mundo Espirita* —. ! Quanta vibração espiritual espalhada pela assistência invisível que a todos beneficiou, impregnando de paz todo aquêl ambiente! No calendário das tardes históricas assinaladoras das grandes realizações operadas na respeitável Casa de Ismael, certo, a tarde de 15 de Setembro de 1940 terá sempre assinalado relêvo, brilhará sempre com intensa refulgência na memória de todos que tiveram a felicidade de assistir às demonstrações de estima, respeito e solidariedade, exibidas pelos mais distintos representantes das correntes sociais que constituem a força que impulsiona o Espiritismo entre nós.»

Efectivamente, o acontecimento é de natureza transcendental e revela a estima e o aprêço em que é tida a Federação Espirita Brasileira, à frente da qual se encontra o Dr. Guillon Ribeiro, paladino dos mais activos, figura respeitável que se impõe a todos, mercê de suas faculdades de trabalho, de seu talento e do fino trato que o distingue e o torna credor da simpatia de tantas almas ávidas de ascensão espiritual.

Mil e quinhentas pessoas se espalharam, naquele dia, pelos salões da Federação, à Avenida Passos, 30, vibrando de entusiasmo, comungando no mesmo sentimento, penetradas de igual desejo de progresso. E não faltaram as principais agremiações espiritas, que

lecular) se cumprem estatisticamente, ou em ponto médio; mas não rigorosamente, em cada electrão. As fugas dessas leis serão os actos não determinados dos electrões, os seus actos livres, como lhes poderemos chamar.

\* \* \*

E volto a Frei Luiz e à sua elevada mente, para o deixar, com grande veneração pela sua memória. Para o deixar e voltar qualquer dia ao seu livro, no qual talvez encontremos corroboração doutra tese espirita: isto é, a do perispírito, ou seja a de composição e não simplicidade da alma, que consta de espírito simples e perispírito composto.

ali foram levar o abraço fraternal e a certeza do seu incondicional apôio à obra gigantesca da Federação, tão grande, que há muito tempo ultrapassou as fronteiras do seu país, projectando-se, como raio de luz potente, em todo o mundo culto, onde há inteligências que se dessedentaram nas obras de Kardec e seus sucessores.

Lá esteve a Liga Espirita do Brasil, representando oitenta sociedades; lá estiveram os directores da «Hora Espirita Radiofónica» e da «Hora Espiritualista», tão queridas dos rádio-ouvintes brasileiros; lá esteve a imprensa leiga e espirita, representadas por *Mundo Espirita* e *Vanguarda*; lá esteve a «Obreiros do Bem», fundadora do Hospital Espirita Pedro de Alcântara e muitas outras agremiações que afirmaram, com a sua presença, o desejo intenso de se unirem para a defesa da nossa Doutrina.

! Acontecimento notável, sob todos os pontos de vista! ! Acontecimento notável e revelador da força e expansão que o Espiritismo adquiriu, no Brasil pujante, cheio de radiosas promessas.

*Estudos Psíquicos* associa-se, inteiramente, à bela homenagem prestada à Federação Espirita Brasileira, a quem saúda, na pessoa do seu ilustre Presidente.

## Extraordinária prova da sobrevivência

A prova da sobrevivência da alma humana é o principal fim de todos aquêles que se dedicam às investigações psíquicas. Pode haver outros objectivos, mais ou menos variados, tendentes a demonstrar certas faculdades da alma humana, mas nenhuma pesquisa é tão sugestiva e aliciente como aquela. E os factos são tão frequentes, que raro é o dia em que não cheguem ao nosso conhecimento fenómenos retumbantes que o público não compreende e que os metapsiquistas procuram explicar com teorias abstrusas, ilógicas e antinaturais. Zombam da explicação espirita e arquetam coisas mirabolantes, esfalfando-se por demonstrar o que não tem demonstração possível.

Hoje vamos referir-nos a uma prova extraordinária, narrada pela senhora D. Anita Andrade, de Sergipe, e publicada no jornal *Bahia-Espirita*, de Maio último.

«Em Outubro do ano passado — escreve aquela senhora — e em dia que me não recordo, estando no Rio de Janeiro e indo em visita a uma amiga residente na estação de Encantado, de volta, às três horas da tarde, fui tomar o *omnibus* a uma esquina. Não me sabendo orientar e estando um tanto embaraçada, surgiu nessa ocasião um indivíduo que saía dum botequim, indivíduo de estatura regular, moreno, pálido, côr terrosa, barba intonsa e grisalha, trajando fato surrado de casimira cinzenta, sapatos gastos, aparentando uns 62 anos de idade. Dirigindo-se à minha pessoa, inda-



gou se eu era sergipana e estendeu-me afectuosamente a mão, dizendo que também era sergipano. Preguntou-me se eu ia para a cidade e indicou-me o *omnibus* que eu devia de tomar. Perguntei-lhe o nome. Disse chamar-se João Cabêlo de Arrôz, ser marceneiro e ter residido em Aracajú, na Rua das Laranjeiras, 278. Como eu ficasse admirada ao ouvir o nome, repetiu-o quasi ao meu ouvido, causando riso a um menino alourado que estava com êle. Indaguei se conhecia o Dr. Alípio de Mendonça. Respondeu, em voz apressurada, batendo no peito e dizendo que era muito seu amigo. Nisto, tomo o *omnibus*; e quando me virei para indagar do informador se queria alguma coisa para Sergipe, já não o vi, nem ao menino alourado. Causando-me espêcie e pensando tratar-se dum amigo do Dr. Olímpio, eu, que nunca tive o cuidado de tomar notas de coisa alguma, escrevi o seu nome numa carteirinha, bem como a sua profissão e residência.

«Na cidade, encontrei o Dr. Olímpio, a quem contei o ocorrido, na presença do sr. Virgílio Mainard, funcionário federal.

«Informou-me o Dr. Olímpio que aquêlê indivíduo falecera havia mais de 20 anos e o sr. Virgílio Mainard declarou que conheceu pessoalmente o sr. João Cabêlo de Arrôz, falecido cêrca de 25 anos antes, acrescentando serem inteiramente verdadeiras tôdas as minhas indicações, inclusivê manchas de roupa, e que o menino alourado era sobrinho do sr. João e igualmente conhecido. Falando a outras pessoas que conheceram o falecido, todos confirmaram as indicações. Entre outras a quem falei, cito o nome do sr. Álvaro Dias dos Santos, empregado da Perfeitura do Rio de Janeiro, que me disse ter conhecido a própria casa onde residiu João Cabêlo de Arrôz, em Aracajú, e que era a mesma por êle indicada.

Os factos apresentaram-se-me com tal nitidez que fico a pensar que aquêlê indivíduo é vivo, a-pesar das informações que me foram transmitidas por pessoas absolutamente insuspeitas.

«Aracajú, 7 de Fevereiro de 1940».

Como se vê, o caso é pormenorizado e a circunstância de apontar os nomes de testemunhas fidedignas mais o impõe à consideração do público sensato.

## Solução misterioso num casamento

O *Diário de Notícias* de 14 de Novembro publicou um artigo de Enrico Tedeschi, datado de Roma, no qual relata como certo viúvo viu a mlher morta, quando contraia segundas núpcias, numa igreja de Milão, facto êste que intrigou tôda a gente que dêle teve conhecimento.

O noivo era engenheiro distinto, viúvo e sem filhos; a noiva, filha de abastado negociante de frutas. A igreja estava engalanada com flores, fôlhas de palma e sanefas de sêda. Muitos parentes, amigos e algumas centenas de curiosos.

O par ajoelha-se no altar. Subitamente, ouve-se, perto, um grande soluço, logo refreado. Era uma senhora nova, tôda de preto, ocultando com as mãos o rosto velado por espesso véu, parecendo aterrada.

Os noivos ouviram o soluço. Êle, principalmente, que ficou varado e cambaleante.

Entretanto, a senhora velada levanta-se do lugar, onde estava ajoelhada, dirige-se para o centro da igreja e pára na primeira fila dos convidados, silenciosa como um fantasma. E o articulista acrescenta:

— Fica ali, esperando que os noivos sajam. Estes assim fazem, visivelmente perturbados. E quando chegam, quando êle, sobretudo, chega perto dela, rápido borborinho se levanta. O noivo não pode reprimir um grito agudo. Tremia como varas verdes. E se não lhe acudissem amigos, logo acorridos a sustê-lo, ter-se-ia estatelado com uma síncope no lagêdo frio da nave. A noiva despega-se-lhe do braço e corre direita aos pais, mais branca do que o seu vestido de flor de laranjeira. Pela igreja alastra a confusão. Muita gente ignorava o que tinha sucedido. Contudo, alguém afirma que o noivo, ao aproximar-se da dama velada e ao soltar o grito, acrescentou em voz pálida: — «¡ Ê Ela !»

A dama misteriosa desapareceu, como núvem que o vento leva e desfaz...

A notícia correu, célere, pela cidade, chegando à casa dos pais da noiva, onde todos se encontram aterrados e sem apetite.

Amigos interrogam o noivo, o mesmo fazendo a legítima consorte.

— ¡ Quem era?... ¡ Quem era ela?... !...

— ¡ Ela !... ¡ A minha mulher !... — responde o interpelado, como se despertasse de horrível pesadêlo.

A novos pedidos de esclarecimentos, o noivo nada mais diz, nada mais acrescenta, nada mais sabe. Excitadíssimo, só repete:

— ¡ Ê ela ! Ê minha mulher !...

A-pesar dos calmantes aplicados, continua no mesmo tom de pasmo:

— ¡ Ê ela ! ¡ Não morreu ! Não há dúvida. Era o seu chôro, a sua voz... Eram os seus olhos...

Os parentes afirmam que não pode ser, que a primeira mulher do engenheiro morreu há mais de três anos numa aldeia da Sicília, em consequência de desastre de automóvel, donde êle saiu também muito ferido.

¿ Seria alguma parenta da defunta, muito parecida com ela, a ponto do engenheiro a confundir com a mulher? A ser assim — conclue Tedeschi — ¿ por que razão teria ido essa outra senhora assistir à bôda e teria soluçado no momento mais solene da cerimônia e, depois, desaparecido como fumo, sem deixar rasto? ¿ Um fantasma, então? ¿ Um caso de alucinação colectiva??

O Ministério Público mandou fazer um inquérito a instâncias do Dr. Gino Fucigna, advogado do noivo... A ver vamos, como diz o cego...

Como o fenómeno não foi, devidamente, pomenorizado e controlado, registamo-lo, a título de curiosidade.

De resto, há muitos fenómenos semelhantes, nos anais do Espiritismo; e a sua explicação é demasiado fácil, para que careçamos de gastar palavras na sua explanação.

## Um dentista e um frade...

O Brasil é um dos países que fornecem maior contingente de fenómenos espiritas. Desde o Rio Grande do Sul ao Pará, não há jornal que não tenha enchido colunas e colunas com relatos curiosíssimos de factos supranormais que deixam o materialismo em maus lençóis, impotente, como é, para dêles nos dar explicação cabal e científica.

Há tempos, o *Estado da Bahia*, jornal profano da cidade de Salvador, relatou um caso de «assombramento» localizado em dois prédios da mesma cidade. Eis como aquêlê diário refere o acontecimento:



«Uma das pessoas que presenciaram os fenómenos foi o cirurgião-dentista Hélio Cabral, a quem hoje procurámos para esclarecimentos. Trata-se de pessoa com instrução superior, menos sujeita, por isso mesmo, às influências a que está sujeito o homem do povo. E disse-nos o jovem clínico:

—«No dia 20, pela manhã, fui convidado por um amigo para verificar certos factos que se estavam passando em casa de pessoas de sua família. Aceitei o convite. Cerca das nove horas e trinta minutos, entrei, em companhia do meu amigo e do Dr. Botas, na casa indicada. Mal púnhamos o pé na soleira da porta, ouvimos ruído na sala de jantar. Corremos ao local e vimos um despertador a rolar pelo chão.

«A-pesar do que presenciei, fiquei ainda um pouco descrente. Nesse interim, um rapaz mostrou-se um cinzeiro de metal que, devido a sucessivas quedas, estava todo amolgado. Eu e o Dr. Botas resolvemos colocar o cinzeiro dentro dum sapato que estava no quarto da alcôva. Findo este trabalho e enquanto o meu companheiro se dirigia para o corredor, postei-me de sentinela na sala de visitas. Qual não foi o meu espanto ao ver o sapato projectado, violentamente, a grande distância, vindo os restos do cinzeiro parar a meus pés!...

«O Dr. Hélio Cabral declarou ter ficado muito nervoso, pelo que se retirou, logo, para casa. Preguntámos-lhe a que atribuía os fenómenos. O dentista respondeu imediatamente:

«—Eu sou pessoa insuspeita para falar, pois já-mais acreditei em Espiritismo ou coisas do Além. Espero verificar a origem dos mesmos, realizando um minucioso estudo das circunstâncias, a-fim-de poder fornecer uma opinião segura.»

*Estado da Bahia* resolveu ouvir também um dos frades de S. Bento:

«Fomos à Avenida Joana Angélica e lá encontramos frei Rafael. Na palestra que entretivemos com este sacerdote, disse-nos estar perfeitamente de acôrdo com as afirmações do Dr. Hélio Cabral. Declarou que fôra chamado para verificar os fenómenos e os mesmos se repetiram na sua presença. E, sorrindo, acrescentou:

«—Frei Basílio também aqui esteve, assim como outros sacerdotes. Quando frei Basílio transpunha a grade de entrada, um cágado que se encontrava no quintal da casa foi arremessado violentamente contra ele, por pouco não o atingindo. Eu mesmo, quasi que sofri uma contusão, motivada pela queda duma escôva, que veio do telhado.

«D. Rafael afirmou que viu ainda outros objectos projectados a grande distância. Mostrou-nos um despertador e um livro de orações, bastante estragados, pelas pancadas recebidas. E finalizou, declarando que ficara admirado de presenciar tais fenómenos, attribuindo-os a alguma força sobrenatural e desconhecida. Disse, mesmo, que está a estudar o assunto, para mais tarde se pronunciar a tal respeito.»

Desta vez, o frade e o dentista estiveram de acôrdo perante os fenómenos insólitos que alarmaram os cidadãos pacíficos de Salvador. E ambos prometeram estudar, antes de se pronunciarem acerca do assunto. Fizeram bem, foram sensatos, não esquecendo o próloquio: «Saber é calar, até haver tempo de falar». Mas se eles estudarem com interesse pelo fenómeno, não tardará muito que o dentista e o frade abandonem os instrumentos impróprios de suas pesquisas e exclamem

mem como o padre-cura, no final de «O Melro» de Junqueiro:

—Há mais fé e mais verdade num fenómeno espiritista, do que na palavrosa filosofia dalguns corifeus deste século, que vivem a caçar utopias... fiéis à arte de ocultar o que está à vista de toda a gente...

## Tenda Espirita Mirim

Como prometemos no último número, vamos referir-nos hoje a esta bela agremiação de largo futuro, segundo informações que nos foram enviadas do Rio de Janeiro pelo nosso representante, sr. Henrique Magalhães.

A Tenda Espirita Mirim, cuja sede própria está em vias de acabamento, é uma das mais formosas realidades criadas pela dedicação dos nossos confrades brasileiros. Além das instalações de *O Caminho*, seu órgão oficial, possuirá ambulatório, policlínica e hospitalização de obsediados.

Para se fazer idea da grandeza desta obra, basta dizer que a estrutura de cimento armado custou 135 contos brasileiros, além dos terrenos, que importaram em perto de 100. Não devemos de admirar-nos, se atendermos a que o edifício mede a superfície de 600 metros quadrados, com dois pavimentos: No rés-do-chão funcionarão os departamentos do jornal, cooperadoras e zeladoras, biblioteca e duas salas destinadas a ambulatórios. Total do salão: 15<sup>m</sup> X 44<sup>m</sup>. No recinto dos trabalhos espirituais, que mede 14<sup>m</sup> X 21<sup>m</sup>, trabalharão 300 médiuns. Assistência: 1.200 pessoas.

Ao fundo, atrás da mesa da presidência, guiando a obra de caridade de seus enviados, será colocada, em tamanho natural e em mármore, a estátua de Jesus. O salão tem doze portas largas, seis de cada lado, por onde a assistência sairá em menos de cinco minutos. Ao lado do salão, há dois compartimentos destinados a consultórios médicos, os quais funcionarão durante as sessões.

No pavimento superior, há dois gabinetes, destinados ao administrador e zelador. Sobre o salão e em volta dele, uma galeria destinada a vestiário de médiuns. Além disto, há dependências sanitárias, instalações de altifalantes, exaustores de ar quente, bebedouros, etc.

Efectivamente, trata-se de obra monumental e o seu custo orça por 500 contos brasileiros.

É curioso registar, como já o fizemos na secção *Por esse mundo...*, o trabalho voluntário realizado pelos médiuns desta agremiação, na faina de terraplanagem, levada a cabo nalguns domingos a tal fim dedicados.

Esta construção foi intentada, em virtude da exiguidade das salas da Tenda Espirita Mirim não comportar a numerosa assistência, calculada em 15.000 pessoas por mês. Daí a necessidade desta construção, com capacidade para acomodar cerca de 3.000 pessoas, de forma que possam ser atendidas sem inconveniente.

! Grandiosa obra a destes generosos e caritativos pioneiros! Deus os abençoe, Deus os proteja, permitindo que o seu triunfo seja completo. São obras deste género que impõem o Espiritismo aos olhos do mundo; são obras deste género que servem de base à melhor propaganda que se poderá fazer, numa sociedade desorganizada e materializada.



# Efemérides do Centro Espiritualista Luz e Amor

15-4-923 — É fundado o Centro, com vinte e seis associados e com a seguinte constituição: *Mesa da Assembleia Geral* — Pres., General Passaláqua; 1.º e 2.º secretário, respectivamente, José Alves Teixeira e Artur António da Silva. *Direcção* — Pres., Maria Veleda; 1.ª tesour., Emília Marques; 2.ª tesour., Elisa Santos Lima; 1.ª secret., Dinah Santos Lima; 2.ª secret., M. Emília de Carvalho Gonçalves; 1.ª vogal, Maria Madre de Deus Leite Denis; 2.ª vogal, Maria Augusta Belliter.

2-5-923 — Inauguração do Centro, como uma festa artística e de propaganda, a favor do Albergue das Crianças Abandonadas.

21-6-923 — Resolve-se adquirir mensalmente 60 exemplares da revista *O Futuro*, para distribuição gratuita aos sócios.

29-7-923 — 2.ª festa de propaganda, com uma *quete* que rendeu 155\$00, os quais foram entregues ao Albergue dos Inválidos do Trabalho e a um irmão necessitado.

19-10-923 — 3.ª festa de propaganda, dedicada aos espíritos de Leonor e Madrezita, com uma *quete* que rendeu 87\$50, aplicados na compra de brinquedos distribuídos em 8-11-823 às crianças diftericas do Instituto Câmara Pestana.

8-11-923 — Custeado pela Direcção, é oferecido um jantar, além de bibes, alpergatas e brinquedos, a sete crianças necessitadas.

8-12-923 — O Centro tem oito meses de existência, com cinco grupos de sessões práticas a funcionar, tendo, cada um, presidente e vice-presidente.

Janeiro de 1924 — Funda-se a Caixa de Beneficência.

16-3-924 — Reunião da Assembleia Geral, de que nasceu o Grupo Editor da revista «A Asa», constituído pelos seguintes indivíduos: José M. Pereira Bravo, Maria E. Carvalho Gonçalves, F. Conceição Bravo, M. da Madre de Deus L. Lenis, Emília Marques, Dinah Santos Lima, Amélia Grilo, Sebastião Ribeiro, Elisa Santos Lima, António J. Corrêa, Artur, António da Silva, M. Rita das Dores Silva, Manuel dos Santos Caboz, J. J. da Silva Lagarto, Joaquina da Silva Lagarto, M. Martins Pedro Fernandes, João da Cruz Matos, Viriato Passaláqua, António Mendes da Silva, João José Alves, Francisco Marques Rodrigues, Carlos Quesada, Mário Machado e Luíza Ludovice.

27-4-924 — Realiza-se o primeiro passeio de confraternização à Quinta do Portinho, na Trafaria. Efectuou-se uma *quete* que rendeu 225\$00, os quais foram entregues à Escola-Oficina N.º 1, à Liga de Protecção às crianças e à Caixa de Beneficência do Centro.

28-4-924 — Nomeação da Comissão de Propaganda e Relações Exteriores, composta por João José Alves, Manuel dos Santos Caboz e António José Palma.

25-5-924 — O Grupo Espirita de Ponta Delgada pede a sua filiação. Expedem-se circulares a todos os grupos do país, — primeiro toque de clarim para a organização do Congresso e fundação da Federação Espirita Portuguesa, Nomeação de sócios-correspondentes.

15-6-924 — 4.ª festa de propaganda no Asilo de Santo António de Lisboa.

18-6-924 — António José Alves, do Rio de Janeiro, é nomeado sócio-correspondente.

29-6-924 — 2.º passeio de confraternização ao Portinho.

20-7-924 — 3.º passeio de confraternização à Pena, em Sintra.

21-7-924 — Convite da União Espirita Algarvia para se enviar um conferente ao Algarve.

22-8-924 — António José Alves abre uma subscrição no Rio de Janeiro que atinge a importância de 1.025\$00, os quais são depositados na Caixa Geral de Depósitos. Resolve-se fundar a revista *A Asa*, com 500 exemplares de tiragem, distribuídos gratuitamente e custeados pelo Grupo Editor.

8-9-924 — Nomeam-se sócios-correspondentes todos os directores de Grupos que responderem às circulares.

Outubro de 1924 — Sai o 1.º número de *A Asa*, com redacção na Rua do Comércio, 114, 4.º.

2-11-924 — São nomeados sócios-correspondentes e representantes do Centro: no Rio de Janeiro, Artur Rosemburg e em S. Paulo, Cairbar Schutel, director de *O Clarim*.

24-12-924 — Sessões de confraternização em todos os grupos de estudo e de trabalhos práticos.

25-12-924 — Distribuição de bibes, alpergatas e brinquedos a 27 crianças, às quais é também oferecido um jantar.

1-1-925 — Visita ao Aljube, com distribuição de merenda, dinheiro e vestuário às crianças que ali se encontram com as mães.

4-1-925 — Marca-se uma reunião para 11 de Janeiro, a fim de se resolver se a Federação deve nascer do Congresso e se devem ser nomeadas comissões com a seguinte missão: apresentar os títulos das teses; aquisição de sede própria para a Federação; cotas com que os centros filiados devem contribuir para as despesas do Congresso; marcar o Congresso para Maio.

11-1-925 — Reunião dos Corpos Gerentes do Centro e delegados dos centros espiritas de Santarém, Leiria, Olivais, Vendas Novas, Tomar, Barreiro, Algarve, Ponta Delgada, Beja e Sociedade Teosófica, no Ateneu Comercial de Lisboa.

8-2-925 — Nova reunião, de que saíram as seguintes Comissões: *Comissão Organizadora*: General Passaláqua, Maria Veleda, Horácio H. Tavares, José M. Pereira Bravo, Dinah Santos Lima e Elisa Santos Lima; *Sub-Comissão de Têses*: Maria Veleda, Maria Madre de Deus Leite Denis e Manuel dos Santos Caboz; *Sub-Comissão pro-Federação*: General Passaláqua, Horácio Inglês Tavares e Joaquim Quintela Paixão; *Sub-Comissão de propaganda*: Augusto M. da Silva Flores, Henrique Garcia e Avelino da Silva Fernandes; *Agregados às diferentes Sub-comissões*: Maria E. Carvalho Gonçalves, António J. Corrêa, João José Alves, C. Carinha e António Mendes da Silva.

9-2-925 — A Federação Espirita Mexicana nomeia o Centro E. Luz e Amor seu sócio honorário. O Centro retribue com igual nomeação.

26-2-925 — Festa no Asilo de Santo António a favor da Caixa de Propaganda do Centro. O Centro



# «Alguns aspectos do mundo astral»

Como dizemos noutra parte deste número, o sr. Dr. António J. Freire realizou em 1 de Dezembro corrente, no Centro E. Luz e Amor, uma interessantíssima conferência, intitulada «Alguns Aspectos do Mundo Astral», à qual assistiram mais de cento e cinquenta pessoas, na maioria estudiosos das coisas do Espírito e que têm acompanhado a nossa obra.

O conferente manteve-se à altura do seu nome e deu-nos uma verdadeira lição de mestre, em que não sabemos que mais admirar: se a sua extraordinária cultura, se a verbosidade admirável com que expôs os mais difíceis e transcendentais problemas.

Eis o sumário da conferência:

## 1.ª parte — (Generalidades):

a) Composição, estrutura e funções do corpo astral. Correlação da matéria astral do perispírito com a matéria hiperfísica do mundo astral. Ternário espirita e septenário teosófico.

b) Clarividência astral no espaço e no tempo. A 4.ª dimensão. Acção microscópica e telescópica do corpo astral. Erros de omissão e de interpretação dos clarividentes deficientemente instruídos e mal treinados. Luz e Arquivos Astrais, reflexos refractados dos verdadeiros Arquivos do Mundo Causal.

c) As formas-pensamentos, em especial as de carácter mento-emocional constituem poderosas baterias de acumuladores, podendo triunfar do espaço e do tempo, quando accionados por uma vigorosa energia volitiva e profunda afectividade. A acção dinâmica do pensamento-emoção tem um poder decisivo no progresso e evolução individuais e colectivos (egregoras). O seu estudo e manipulação dão a chave de inúmeros fenómenos supranormais (telepatia, telestesia, desdobramento do duplo, etc.). A cultura e higiene do pensamento e da emotividade têm um papel preponderante

nos mundos supraterestrres para cada alma humana desencarnada.

d) Habitantes do mundo astral: humanos (encarnados e desencarnados); não humanos (devas, elementais artificiais, espíritos da Natureza, etc.).

## 2.ª parte — (Particularidades):

a) Mecanismo da morte física, etérica, astral e mental. Visão panorâmica a seguir à morte física. Necessidade imperiosa das preces evitando toda a explosão de dor e de revolta contra os desígnios kármicos e divinos.

b) Tendência, depois da morte etérica, para a formação do corpo duro astral (givanatano) organizado em camadas concêntricas de matéria astral pelo Elemental-do-Desejo. Necessidade imperiosa de evitar que a alma fique ligada ao sub-plano inferior do Mundo Astral pelos terríveis sofrimentos a que fica sujeita. Vencer por um esforço de vontade o estrategema do Elemental-do-Desejo.

c) Mecanismo e trajectória da reencarnação desde o Mundo Causal ao Mundo Terrestre. Função primordial dos átomos *germes permanentes* na formação dos novos corpos perispiríticos para cada reencarnação. São os átomos *germes permanentes* que impõem uma linha de continuidade, de vida para vida, para cada unidade-consciência.

d) Necessidade de cultivar na vida terrestre um Ideal de elevada espiritualidade, seguindo os luminosos ensinamentos de J. Cristo, a-fim-de a alma vencer as horribéis barreiras dos sub-planos inferiores do Mundo Astral onde, por vezes, há sofrimentos cruciantes. Subtilizar a alma pela prática da oração, do altruísmo e da fraternidade, diminuindo o peso específico das matérias mais grosseiras astrais é o meio mais seguro para que, depurando assim o perispírito, possa a alma, pela lei de afinidade psíquica, ingressar nos mundos espirituais.

torna-se sócio daquele Asilo com a cota mensal de 10\$00 e faz-lhe o donativo de 300\$00.

15-4-925 — Resolve-se aumentar a tiragem de A Asa para 650 exemplares.

15, 16, 17 e 18-5-925 — Realização do 1.º Congresso Espirita Português, no Ateneu Comercial de Lisboa, em que são apresentadas as seguintes teses: «O Bem, Religião da Humanidade», por Maria O'Neill; «O Aperfeiçoamento do Espirita», pelo capitão Augusto Maria da Silva Flores; «Solidariedade e não Caridade», «Relatório da Comissão Pro-Federação», «Porque se não deve confundir Espiritismo com Espiritualismo no sentido teosófico», por Horácio Inglês Tavares; «A Moral Espirita», por Joaquim Quintela Paixão; «Ciência Espirita e Moral Espirita», por José de Almeida Abrantes; «Reencarnação e suas bases», por José Francisco Cabrita; «Loucura Espirita ou seja obsessão» e «Espiritualismo e Espiritismo», pelo General Passaláqua; «Socialismo e Espiritismo», por António Henrique Garcia; «A Atitude da Ciência perante o Espiritismo», pelo prof. Dr. Adolfo Sena; «O

Espiritismo como Acção Social», por Fernand'Almiro; «Podem ser admitidos dogmas na Ciência Espirita?», pelo jornal «Ecos do Além»; «A União dos Espiritas Portugueses», por Avelino da Silva Fernandes.

— Fazem-se representar 18 Centros e grupos espiritas de Lisboa, província e Ilhas Adjacentes, bem como a imprensa espirita do país.

— É nomeada uma Comissão de revisão dos estatutos da primitiva Federação. Esta comissão é composta pelos srs. Dr. António J. Freire, Maria Velleda, Horácio Inglês Tavares, José M. Pereira Bravo e Dinah Santos Lima. Os membros da Junta Consultiva são os srs. Dr. Adolfo Sena, Eurico de Castro Zuzarte, Alberto Zagalo Fernandes e Maria O'Neill.

12-7-925 — 4.º passeio de Confraternização ao Portinho.

26-8-925 — Entregam-se credenciais ao sr. Quintela da Paixão, a-fim-de representar o Centro no Congresso Internacional, a realizar em Paris, no próximo mês de Setembro.

(Continua)



# Por esse mundo...

— A Sociedade Espirita Allan Kardec, de Pôrto Alegre, criou um Departamento de Assistência Dentária Infantil, mercê dos esforços do confrade sr. Capitão Roberto Pedro Michelena, grande propagandista do Espiritismo no Estado do Rio Grande do Sul. Esta obra de assistência social, onde serão tratados os dentes das crianças pobres, mereceu, logo de início, o carinho e a simpatia do comércio local, que, por intermédio de seus representantes, ofereceu àquela instituição valiosos e importantes donativos.

A Sociedade Espirita Allan Kardec tem 42 anos de existência e nela funcionam, diariamente, os seguintes departamentos: Assistência aos Necessitados, Farmácia Homeopática, Gabinete Dentário Infantil, Receitaário, Biblioteca, Palestras Doutrinárias, Escolas de Médiuns e Passes.

— O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de S. Paulo, comemorou em 27 de Junho último o 31.º aniversário, com uma festa magnífica, em que falaram os principais cooperadores deste simpático movimento.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul, Brasil, continua a realizar, aos sábados, palestras doutrinárias na Casa de Correção, de Pôrto Alegre.

— O quinzenário *Aurora*, do Rio de Janeiro, resolveu suspender a publicação, em virtude de o seu director e velho propagandista, Inácio de Bettencourt, se encontrar em precário estado de saúde. *Aurora* conta 28 anos de existência ao serviço da causa espirita e chegou a atingir tiragens de 40 mil exemplares. Contudo, este velho confrade acedeu aos rogos de *Mundo Espirita* no sentido de continuar a circular, como até aqui, em todos os Estados do Brasil. Congratulando-nos com esta resolução, cumprimentamos efusivamente os directores destes dois óptimos jornais.

— A União Federativa Espirita Paulista, inaugurou há tempos a Emissora Rádio Piratininga P R H 3, de 10 quilovátios e 620 quilociclos de frequência. Esta emissora abriu há pouco o *Primeiro Concurso de Peças Rádio-Teatrais*. Os seus estúdios estão situados na Rua Conselheiro Crispiniano, 404, 1.º andar, S. Paulo.

— Na Universidade de Cambridge foi criada uma cadeira, destinada ao estudo dos fenómenos espiritas.

— Marinheiros e aviadores britânicos têm-se manifestado em sessões espiritas por «voz directa», com o auxílio da famosa médium Estelle Roberts. O marinheiro Ieginald Byrne, do porta-aviões «Courageous» e um oficial aviador morto num «raid» a Kiel deram provas de identidade que deixaram os jornalistas admirados.

— *The Two Worlds*, de Manchester, publicou interessante artigo de F. Dengate, em que se narra um episódio sucedido na Igreja Espiritualista de Southampton, na presença da médium Lily Hope, de Nova Zelândia. Enquanto cantavam um hino, ouviram nitidamente os acordes dum violino que acompanhava o canto. Terminado o último verso, a médium pediu que entoassem em surdina certa passagem de outro hino,

a-fim-de poderem escutar com atenção. Pois o violino, magistralmente executado, foi ouvido por todos e o som parecia vir do alto da tribuna.

— *Revista Espirita do Brasil* prossegue no seu inquérito «¿Por que se tornou espirita?», no qual têm deposto eminentes vultos do Espiritismo brasileiro. Nos números relativos a Julho, Agosto e Setembro, depuseram o prof. Ismael Gomes Braga, o Dr. Francisco Klörs Werneck e o escritor e académico Dr. Armando Gonçalves. É trabalho oportuno e de grande utilidade para a Causa.

— Desencarnou o padre Jacob Slater, que se tornou célebre pela sensacional polémica que manteve com o nosso colaborador Leopoldo Machado e de que este saiu vencedor.

— Na Cidade de Astolfo Dutra foi comemorado o 4.º aniversário da Cabana Espirita «Abel Gomes» e lançada a ideia da fundação dum asilo, para o qual, na reunião preparatória, dois confrades ofereceram donativos no valor de quinze contos brasileiros.

— Em Cachoeiro de Itapimirim, Brasil, existe o Asilo Deus, Cristo e Caridade que mantém um orfanato e um asilo para alienados. Dêstes, abriga mais de cem, não falando em centenas de crianças pobres que a desgraça atirou para o abismo. Dirige esta instituição o confrade sr. Luiz de Oliveira, que é a perfeita encarnação da bondade.

— A Rádio Transmissora Brasileira P R E-3, do Rio de Janeiro, continua a irradiar, tôdas as quintas-feiras, magníficos programas, às 18 horas locais, no comprimento de onda de 1.180 quilociclos.

— A Liga Espirita do Brasil realizou, de 1 a 7 de Outubro último, a semana de Kardec, com as seguintes conferências, de homenagem ao Mestre: «Kardec como filósofo», pelo escritor Armando Gonçalves; «Kardec como cristão», pelo coronel Delfino Ferreira; «Kardec como cientista», pelo general Araripe de Faria; «Kardec e o Espiritismo prático», por Josué Gonçalves; «A obra de Kardec sob o aspecto geral», por Ismael Gomes Braga.

— *Mundo Espirita* publicou um belo número especial, dedicado à comemoração do aniversário do nascimento de Allan Kardec. Colaboração variada e escolhida, como é hábito deste prestante e simpático semanário. Muitos parabéns e saudações afectuosas ao seu director.

— A Confederação Espirita «Caminheiros do Bem», de Belém, Pará, vai promover um congresso espiritualista, para o que acaba de enviar circulares a todos aqueles que se interessem por este assunto.

— Em 15 de Agosto último completou 35 anos de existência o belo semanário espirita *O Clarim*, que se edita em Matão, Estado de S. Paulo, Brasil. Ao seu director e nosso confrade José da Costa Filho, as nossas saudações fraternais.

I. D. S.



# BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

«MINHAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITAS» pelo Rev. Haraldur Nielsson — Tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck — Rio de Janeiro — 1940 — 119 páginas.

○ professor de teologia da Universidade da Islândia Rev. Haraldur Nielsson, desencarnado em 1928, fez três conferências intituladas «Minhas experiências espíritas», «A Igreja e as pesquisas psíquicas» e «O problema da morte», publicando-as depois num pequeno volume que obteve um êxito retumbante. Esse sucesso literário não se restringiu à Dinamarca: galgou as fronteiras e hoje essa pequena-grande obra está vestida em cinco línguas: dinamarquês, alemão, francês, espanhol e português. A tradução para o nosso idioma, desta obra prima espírita, foi realmente um belo serviço prestado à Causa pelo Dr. Werneck, incansável paladino do Ideal que abraçou entusiasticamente há dez anos.

\* \* \*

Na primeira conferência Nielsson dá-nos conta dos resultados das suas investigações psíquicas, durante 17 anos, especialmente com o médium Indridi Indridasson, possuidor das mediunidades de efeitos físicos, voz directa e materialização. Foram esses fenómenos extraordinários, obtidos em Reykjavik, que converteram ao Espiritismo o Rev. Nielsson, assim como várias outras pessoas que assistiram às sessões, especialmente um médico renitente que, esmagado pela realidade dos fenómenos, confessou ao autor: «Podes estar certo da minha absoluta convicção de que os fenómenos são, indubitavelmente, verdadeiros.»

Na segunda, refere-se ao grande interesse teórico e prático que o Espiritismo tem despertado nos países anglo-saxónicos, assim como na França e Itália. E ao citar o belo livro de sir Oliver Lodge, «Raymond», escreve: «O Espiritismo superior é parente próximo do Cristianismo primitivo.»

Na terceira e última conferência o pastor islandês desenvolve, com entusiasmo convincente, os seus pontos de vista sobre o problema eterno da morte, indicando ao mesmo tempo os processos a adoptar para se chegar a compreendê-lo. Para isso alvitra três métodos: o estudo do sonambulismo, transe e letargia; a clarividência; a confabulação entre os vivos e os mortos. E afirma: «Para as gerações vindouras, a morte

será o dócil Anjo da Luz, o grande Mensageiro do Pai Misericordioso.»

Finalmente, num postfácio, revidando os ataques da imprensa aos seus argumentos, desabafa: «Há treze anos que estou pronto a que se me retire a dignidade eclesiástica, se isto fôr da vontade do Governo da Islândia.»

Tal é a obra e o autor dêste belo trabalho que acabamos de apresentar aos nossos leitores.

Pelas conclusões a que chegou e pela firme resolução de não imolar as suas convicções aos interesses inconfessáveis da sua Igreja, se a tanto o obrigassem, Haraldur Nielsson tem jús ao carinho e respeito de todos os espíritas.

Este digno teólogo da fria Islândia foi um exemplo vivo do homem convicto que se não intimidou com a ameaça das ridiculas e inermes excomunhões...

Viu no Espiritismo a Verdade, confirmou a sua crença na experiência e observação dos factos e, depois disto, proclamou *urbi et orbi* a sua profissão de fé, afirmando que a Terceira Revelação em nada colide com o Cristianismo puro: antes o completa e dignifica à luz da verdadeira hermenêutica evangélica...

FENOMENOLOGIA MEDIÚNICA, pelo Dr. Osmani Emboaba — 3.<sup>a</sup> edição da Livraria da Federação Espírita Brasileira — 1940.

ESTAMOS em presença duma tese de doutoramento em medicina, apresentada pelo autor na Faculdade de Medicina do Paraná, em 1938, reprovada pelo júri examinador.

Já outro candidato, o Dr. Marcondes Machado tivera a mesma sorte na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1922, quando dissertou sobre a «Contribuição ao Estudo da Psiquiatria».

O livro está valorizado com um prefácio do Dr. Carlos Imbassaby, que põe em foco os argumentos infantis dos cinco professores catedráticos examinadores da tese.

As afirmações gratuitas e inconsistentes do Dr. Octávio da Silveira — um dos examinadores — apesar de escudadas em Lapponi, Janet e Richet, Imbassaby impugna-as tôdas, especialmente as de Richet, com a análise dum texto do próprio Richet.

Quem já leu «O Espiritismo à luz dos Factos» conhece o processo como o nosso douto confrade brasileiro confunde e desmascara os detractores da nossa Causa.

A segunda parte consta dum prefácio do autor, onde ele refuta as asserções dos seus examinadores, e transcreve o artigo publicado no jornal *O Dia*, de 16-12-38, onde se resume a defesa oral da tese apresentada pelo examinando à Faculdade paranaense.

Segue-se por último o texto da dissertação, recheada de notas bibliográficas, prova de que o candidato profundou o assunto que se propôs dissertar.

Para documentar os resultados das suas investiga-

## AOS NOSSOS ASSINANTES

Em breve, seguirão para o correio os recibos das assinaturas relativas ao 2.<sup>o</sup> ano de «Estudos Psíquicos». Rogamos o favor de lhes darem bom acolhimento, contribuindo assim para facilitar a nossa tarefa.



# Auxílio aos necessitados

A Comissão de Beneficência do Centro Espiritualista Luz e Amor, de fundação recente e composta pelas senhoras D. Dolores Cirera de Vendrell, D. Maria Santana Pinheiro, D. Maria Gonçalves Duarte Santos e D. Montserrat Vendrell y Cirera, conseguiu, em menos de quinze dias, angariar excelentes donativos, com os quais foram contemplados mais de duzentos pobres, conforme a seguir vai indicado.

O êxito desta iniciativa levou a Comissão a encarar a possibilidade de fundar uma Sôpa dos pobres, a qual funcionaria diariamente, desde que houvesse cotizações que tal garantissem. Se se mitigasse a fome a dez ou doze necessitados, durante os 365 dias do ano, era um grande passo para efectivar a verdadeira solidariedade que todos devemos praticar, como obrigação de espiritas.

Aceitam-se, pois, inscrições mensais, destinadas à manutenção da Sôpa dos Pobres do Centro E. Luz e Amor, a pôr em prática, logo que os fundos o permitam.

## Donativos obtidos pela Comissão de Beneficência

Anónimo, 104\$00; Domingos Duarte Belo, 10\$00; Eduardo Matos, 20\$00; Isidoro Duarte Santos, 15\$00; Manuel Tavares Grêlo, 5\$00; J. P. S., 5\$00; A. M. Madeira, 10\$00; Rufino A. Lopes Bragança, 5\$00; João José Alves, 5\$00; Capitão Castro Paiva, 5\$00; Dr. José Gaita, 10\$00; Dr. Dias de Sousa, 5\$00; Custódio Rodrigues, 10\$00; Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, 1.700\$00; Frederico Pereira, 7\$50; Adelino Pais Lopes, 10\$00; donativos por intermédio de Eduardo Matos, 35\$50; Ruderico 6\$50; N. S. J. C., 5\$00; António Alexandre, 2\$50; D. Cristina Amorim, 5\$00; Joaquim V. Meneses, 12\$50; D. Deolinda da Cruz Sousa, 5\$00; D. Ermelindo C. Cardoso Alves, 50\$00; D. Joana Salazar, 5\$00; Uma camponesa, 5\$00; D. Maria M. C. Monteiro, 2\$50; Artur E. Fernandes, 5\$00; Grupo E. Luz e Amor, 20\$00; Amadeu Alves Denis, 5\$00; José Augusto Gonçalves, 5\$00; D. Maria Pinheiro, 2\$50; D. Irene dos Santos, 2\$50; Caixa de Solidariedade do Centro Espiritualista Luz e Amor, 195\$10; D. Emília

Marques, 5\$00; Henrique da Silva Horta, 10\$00; Joaquim B. Dias, 5\$00; Manuel F. Lavadinho Velez, 2\$50; D. Isabel Serrano, 2\$50; Pedro Vendrell, 2\$50; José Antunes Aleluia, 50\$00; D. Dolores Cirera, 10\$00; D. Augusta de Brito Seixas, 10\$00; donativo por intermédio de D. Maria Pinheiro, 7\$50; José M. Segarra, 5\$00; H. Rodrigues dos Santos, 1\$00; Vasco Moita, 5\$00; Óscar Leitão 2\$50; Inácio Perez Martim, 20\$00; H. J. C., 10\$00; Coronel Faure da Rosa, 5\$00; Tenente José Augusto Gonçalves, 5\$00; Manuel de Sousa, de Silves, 5\$00. Total 2.469\$60.

## Donativos prestados pela Comissão de Beneficência

Ao Governo Civil de Lisboa, 15 senhas no valor de 375\$00.

Aos jornais «Diário de Notícias», «Século», «República» e «Diário de Lisboa», 20 senhas a cada um no valor de 250\$00. Total 1.000\$00.

Dois fatinhos de malha, oferecidos pela sr.<sup>a</sup> D. Ana Colaço Guerreiro.

A Junta de Freguesia de Camões, 28 senhas, no valor de 180\$00.

A cada uma das seguintes agremiações, 25\$00.

Centro Espirita de Braga, Centro Espirita de Santa Judite, do Porto, Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, Centro «Luz», de Coimbra, Centro Espirita de Beja, Grupo Espirita Paz Caridade e Protecção, de Faro, Centro Perdão e Caridade, de Lisboa, Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, do Porto, e Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroísmo. Total — 225\$00.

Pelos nossos pobres, 57 senhas, no valor de 689\$60. Total dos donativos prestados 2.469\$60.

A todos os que concorreram para esta obra de solidariedade e em especial à Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, os agradecimentos da Comissão, em nome dos contemplados.

ções psíquicas em centenas de médiuns, Emboaba juntou-lhe fac-símiles de várias comunicações mediúnicas, obtidas em vários centros espiritas, que valorizam sobremaneira o seu estudo. Entre elas apresenta uma mensagem escrita em hieroglifos egípcios e outras cujas palavras foram escritas da direita para a esquerda, mas partindo do final da mensagem para o princípio, em francês, língua que o médium ignorava.

Por este resumo, compreende-se facilmente o valor deste trabalho, que revela estudo porfiado, conhecimentos profundos e sobretudo coragem estóica para afrontar os desdons dos sábios oficiais. Por tudo isto o autor merece-nos simpatia e louvor.

Como muito bem diz Imbassahy, «Emboaba imolou-se à verdade. Sacrificou-o o seu desassombro, e a glória de haver comparecido, com toda a serenidade,

dilante dum tribunal que ele sabia, de antemão, incompetente, e que reconhecia, previamente, suspeito».

Quanto à apresentação gráfica, há uns senões a notar, para o autor corrigir em futuras edições. Queremo-nos referir ao emprêgo incorrecto dos sinais diacríticos, assim como a alguns deslizes de ortografia, que já deviam estar expurgados nesta terceira edição. Lembremo-nos que existe um acôrdo ortográfico entre Portugal e o Brasil que deve ser respeitado tanto quanto possível pelos beletistas dos dois países irmãos.

Evitar o fenómeno espirita, fugir da atenção a que tem direito, é fugir da verdade.

Victor Hugo



# NOTICIÁRIO

## Publicações recebidas

Recebemos as seguintes publicações, com as quais gostosamente permutamos:

*Luz e Caridade*, de Braga; *Além*, do Pôrto; *Rosa Cruz*, de Leiria; *O Trabalho*, de Viseu; *A Vida Social*, de Leça do Bailio; *Pensamento*, do Pôrto e *Defesa de Espinho*.

*Reformador*, *Mundo Espirita*, *Revista Espirita do Brasil*, *Alvorada de Uma Nova Era*, *O Clarim*, *Revista Internacional do Espiritismo*, *O Caminho*, *O Farol*, *Bahia-Espirita*, *Arauto da Fé*, *Novo Horizonte*, *Amor à Verdade*, *Reincarnação e Pensamento*, todos do Brasil.

*Rosendo*, de Cuba.

*Bolletín de la Agrupación Estudiantil «Camilo Flammarion»*, de Buenos Aires.

## Transcrições

A *Reincarnação*, de Porto Alegre, transcreveu o artigo do nosso colaborador Dr. Antônio Lobo Vilela, intitulado «Classificação dos fenômenos supranormais», publicado no n.º 7 desta revista.

O *Trabalho* transcreveu a notícia que demos no mesmo número acerca da desencarnação de sir Oliver Lodge e a notícia da nossa «Crônica Estrangeira»: «Como meu filho provou a sobrevivência» e a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, transcreveu a notícia «O Espiritismo e a Igreja Anglicana», publicado no n.º 5 de *Estudos Psíquicos*.

A todos, os nossos agradecimentos.

## Grupo Espirita Léon Denis

Deste Grupo Espirita, recebemos um pequeno artigo que nos é impossível inserir, em virtude da absoluta falta de espaço. É da autoria do sr. Abreu Leitão e nele se faz a história do Grupo, a que pertenceram ou pertencem ainda as seguintes pessoas: D. Maria Dolores Pereira, D. Maria José do Couto Machado, D. Micaela da Conceição Sara Denis, Amílcar Marques, Antônio Bauman, Joaquim Moreira, Joaquim Pires dos Santos (já desencarnado) e Abreu Leitão, actual director.

Agradecemos os seus desejos de longa vida ao Centro E. Luz e Amor e fazemos votos para que aquele grupo dê início aos trabalhos práticos na nossa sede.

## As nossas conferências

Como fôra anunciado, realizaram conferências na sede do Centro os nossos colaboradores e amigos srs. Coronel Faure da Rosa, Dr. Sebastião Elviro Martins, Dr. Antônio J. Freire e o Presidente da Direcção, tenente Isidoro Duarte Santos, os quais versaram, respectivamente, os seguintes temas: «O Facto Espirita», «O Problema da Morte», «Alguns aspectos do mundo astral» e «O Espiritismo e a Juventude».

Lamentamos que a falta de espaço nos iniba de as

relatar com o devido relêvo, mas é-nos inteiramente impossível, do que pedimos desculpa a conferentes e leitores.

## Auxílio a «Estudos Psíquicos»

|                                                                       |           |
|-----------------------------------------------------------------------|-----------|
| Transporte.....                                                       | 2.407\$00 |
| F. M. G., do Rio de Janeiro .....                                     | 500\$00   |
| do nosso assinante de Coimbra, sr. Braga Júnior .....                 | 38\$00    |
| do nosso assinante J. J. Matis Baptista, de Lagos .....               | 3\$00     |
| do nosso assinante, Tomaz Domingues d'Oliveira, de Porto de Mós ..... | 2\$00     |
| do nosso assinante, Manuel de Sousa Neves, de Calvos .....            | 5\$00     |
| C. V. J. ....                                                         | 200\$00   |
|                                                                       | 3.135\$00 |

## Caixa de Propaganda

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| Transporte.....         | 412\$90 |
| D. Emília Marques ..... | 5\$00   |
|                         | 417\$90 |

## Subscrição pró-sede

|                                         |           |
|-----------------------------------------|-----------|
| Transporte.....                         | 3.722\$60 |
| Antônio Joaquim Gomes, de Cabaços ..... | 50\$00    |
|                                         | 3.772\$60 |

## Programa dos trabalhos do Centro a realizar em Janeiro e Fevereiro, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 4 de Jan.º às 21.30 — Palestra.

Dia 5 de Jan.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 12 de Jan.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Origem e evolução dos planetas. Como se exerce a vida no mundo e no homem».

Dia 18 de Jan.º às 21.30 — Palestra.

Dia 19 de Jan.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 26 de Jan.º às 15.30 — Conferência pelo sr. J. Vendrell, intitulada «O Espiritismo perante a Ciência e a Filosofia».

Dia 1 de Fev.º às 21.30 — Palestra.

Dia 2 de Fev.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 9 de Fev.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. Antônio J. Freire, intitulada «Alguns aspectos do Espiritismo Experimental».

Dia 15 de Fev.º às 21.30 — Palestra.

Dia 16 de Fev.º às 21.30 — Sessão experimental geral.

Dia 23 de Fev.º às 15.30 — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada «A Reencarnação».